

**Beatriz Quirino Arruda**

**Uma idéia na cabeça e um curso na mão: processos cognitivos  
de projeção (metáforas, parábolas e analogias) na construção  
do texto escrito.**

**Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara**

**2007**

**Beatriz Quirino Arruda**

**Uma idéia na cabeça e um curso na mão: processos cognitivos de projeção (metáforas, parábolas e analogias) na construção do texto escrito.**

**Araraquara, 11 de abril de 2007.**

**Beatriz Quirino Arruda**

**Uma idéia na cabeça e um curso na mão: processos cognitivos de projeção (metáforas, parábolas e analogias) na construção do texto escrito.**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Unesp - Campus de Araraquara, para obtenção do título de Doutor em Letras (área de concentração: Lingüística e Língua Portuguesa).

**Orientador: Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu**

**Araraquara, 11 de abril de 2007.**

**Beatriz Quirino Arruda**

**Uma idéia na cabeça e um curso na mão: processos cognitivos de projeção (metáforas, parábolas e analogias) na construção do texto escrito.**

-----

-----

-----

-----

-----

**Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Araraquara.**

**Araraquara, 11 de Abril de 2007.**

Aos meus pais,  
Dom de Deus na minha vida.

## **Agradecimentos**

Ao Deus da Força, da Luz e da Vida.

À minha família.

À Maria de Lourdes, pelo carinho especial.

Aos amigos de toda hora, ou de algumas decisivas.

Aos alunos que me receberam com carinho e participaram deste projeto.

Ao Tom, pela máxima autonomia concedida na realização deste trabalho.

À Astrid, responsável pelo início desta caminhada e, mais uma vez: Presente.

À Tereza, pelo sorriso largo de sempre que não me deixa esquecer das primeiras aulas, conserva em mim a 'gana' pelo magistério e acolhe-me anos depois.

À professora Silvia, por me receber no início do Doutorado.

À professora Ingedore, pelo reencontro após exatos dez anos!

Àqueles que foram verdadeiros obstáculos, mas que, apesar deles, eis aqui uma Vitória!

"Pastora de nuvens fui posta a serviço  
Por uma campina tão desamparada  
Que não principia nem também termina,  
E onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego,  
que olhais para o sol e encontrais direção.  
Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo.  
Eu, não.)" ...

(*'Destino'*, Cecília Meireles)

## Resumo

Este trabalho é resultado de um projeto de curso de Língua Portuguesa, focado na atividade escrita interativa e criativa. Aplicado a uma turma de estudantes de Economia, teve como objetivo principal que os alunos escrevessem artigos, explicando e/ou analisando termos específicos da economia, a partir dos processos de projeção, tais como metáfora, analogia e parábola, sem o uso do jargão específico. O arcabouço teórico que nos permitiu montar e realizar este curso foi o da Ciência Cognitiva, que entende tais processos como presentes não só na linguagem literária, mas essencialmente na linguagem cotidiana, constituindo, portanto, a maneira como articulamos o pensamento, a linguagem e as nossas ações.



## **Abstract**

This work is the result of a Portuguese Language Course Project, focused on interactive and creative Writing. The project was applied to an Economy student's class. The main goal was to make the students write articles, in which they, without using the specific economy jargon, explain and/or analyse economy specific terms and concepts, taking into consideration the Projection Process Theory - as proposed by the Cognitive Science -, in which concepts such as metaphor, analogy and parable are understood to be present, not only in literature language, but essentially in our everyday language, defining, thus the way we construct our thoughts, the way we use our language, and the way we act.

## Sumário

Dedicatória.....	4
Agradecimentos.....	5
Epígrafe.....	6
Resumo.....	7
Abstract.....	8
Introdução.....	11
Parte I.....	21
1. Da Teoria Cognitiva da Metáfora (CMT) à Integração Conceitual - 'blending'.....	21
1.1. A Metáfora do ponto de vista clássico.....	22
1.2. Uma Teoria Cognitiva da Metáfora.....	23
1.2.1. Discutindo a Metáfora.....	25
1.2.2. A Decodificação dos Mapas Metafóricos.....	31
1.3. Construções Metafóricas para o Processo de Resoluções de Problemas.....	32
1.4. Teoria da Integração Conceitual - 'Blending'.....	34
1.4.1. Processos básicos de ' <i>Blending</i> '.....	40
1.5. Como o texto é gerado e compreendido no processo de integração conceitual.....	41
2. Analogia.....	44
3. Estórias, Projeções e Parábolas.....	52
3.1. Parabole.....	53
3.2. As Mil e Uma Noites.....	56
3.3. As Mil e Uma Projeções.....	62
3.3.1. O Esquema Mental da Parábola.....	64
3.3.1.1. A Metonímia.....	68

3.3.2. A Construção dos Significados Parabólicos.....	71
3.3.3. 'Blending' e Parábola.....	90
Parte II .....	95
1. 'Uma Idéia na Cabeça' e Um Curso na Mão.....	97
2. O Curso.....	102
2.1. Programa de Curso.....	102
2.2. Cronograma de Atividades.....	105
2.3. As Aulas.....	107
3. Meu 'Vintém de Cobre'.....	124
3.1. Os Artigos.....	127
Conclusão.....	170
Bibliografia.....	174

## Introdução

*Usar a metáfora na argumentação, e, portanto, assumir que a emoção é importante no nosso processo de criação de textos é algo deste tipo: algo novo no universo da prática da dissertação. Não estamos familiarizados a sentir o texto, a deixar a emoção aflorar no universo textual. Não descobrimos, talvez, que podemos escrever textos que tenham cheiro, sabor, cor, emoção!*

*(Bia Arruda)*

É crescente e pertinente a necessidade de sabermos argumentar. Numa época em que a informação tem cada vez menos valor, por ser mais acessível, o que se exige de fato não é ter informação em si, mas o que se pode fazer com ela; isto é, exige-se a capacidade de transformar a informação em conhecimento<sup>1</sup>. Cresce, portanto, o valor à habilidade de selecionar, organizar, estruturar e reestruturar a informação. Fica, sobretudo, evidente a importância de uma formação completa, multidisciplinar e abrangente.

Sobre isso, Abreu (2002, p.11), em seu livro *A arte de argumentar - gerenciando razão e emoção*, faz o seguinte comentário: "As informações são tijolos e o conhecimento é o edifício que construímos com eles". Considerando a Argumentação como *a arte de convencer e persuadir*, o mesmo autor nos diz:

Argumentar é, pois, em última análise, a arte de gerenciando informação, convencer o outro de alguma coisa no plano das idéias, e de, gerenciando relação, persuadi-lo no plano das emoções a fazer alguma coisa que desejamos que ele faça. (ABREU, op. cit., p. 26)

Trataremos a Argumentação do ponto de vista de uma 'Nova Retórica' que, segundo Mosca (1997, p.15), dentre outras coisas, "tem um caráter globalizante,

---

<sup>1</sup> Dois dos livros que muito aguçaram essa discussão foram: BRETON, P. (1999). *A Manipulação da Palavra* São Paulo: Loyola e CAPRA, F. (1982). *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix

conjugando capacidades emotivas, sensoriais e intelectivas e assumindo, pois, um papel bastante importante na sociedade atual".

A Argumentação ou a Arte de Argumentar surgiu na Grécia Antiga<sup>2</sup>, por volta de 480 a.C., chegou a Atenas por meio dos Sofistas e teve seu período de glória com Aristóteles; quem a sistematizou, firmando suas bases e destacando seu caráter útil. Desde a idade Média, entretanto, até meados do séc. XX, a Retórica viveu seu período de decadência e de pouca expressividade. Ficou esquecida e reduzida à *elocutio* (uma das partes da retórica sistematizada por Aristóteles; a redação do discurso propriamente dito, do seu estilo.) E assim, o tratamento dado às figuras de linguagem era de apenas ser parte estilística do discurso; vazia de argumentação, um ornamento. Hoje quando falamos de 'Nova Retórica', resgatamos a *elocutio*, em uma nova perspectiva, considerando o valor argumentativo e sedutor das figuras de linguagem, bem como as contribuições das novas tendências da Lingüística.

O problema, que aqui levantamos, tem sua gênese no trabalho desenvolvido no mestrado. Assumindo a importância de saber argumentar nas nossas relações cotidianas, entendemos que há necessidade de se trabalhar argumentação em sala de aula, isto é, levar a questão da argumentação ao âmbito do ensino, em especial de Redação.

O trabalho desenvolvido no mestrado propôs tratar as figuras de linguagem no processo argumentativo. Selecionamos a metáfora e a estudamos sob uma perspectiva Cognitivo-funcional<sup>3</sup>. Desenvolvemos atividades práticas em sala de aula, ensinando aos alunos meios de usá-la no processo argumentativo,

---

<sup>2</sup> Para o tratamento da argumentação no texto escrito, como proposto neste trabalho, estudamos, em perspectiva diacrônica, a argumentação e retórica, seguindo, dentre outros, autores como Fonseca (1997), Gurthrie(1995), Jaeger (1994), Perelman e Tyteca(1996), Perelman (1997), Reboul (2000), não tratados, porém, neste trabalho, mas presentes em Arruda (2003).

<sup>3</sup> Sobre a perspectiva Cognitivo-funcional da linguagem, mais precisamente sobre as teorias Funcionalistas em que se insere essa perspectiva, baseamo-nos, em princípio, nas aulas da Professora Maria Helena de Moura Neves (cursadas durante o mestrado e o doutorado, na FCL-AR) e, depois, em seus trabalhos, com atenção especial ao seu livro "A Gramática Funcional" (São Paulo: 1997, Martins Fontes), em que são discutidas as principais correntes teóricas do Funcionalismo Lingüístico.

especificamente no texto escrito. Usá-la intencionalmente para criar e/ou intensificar argumentos; seja ela estruturando a argumentação ou criando cenários sensíveis, estéticos, de estranhamento e de beleza.

Um dos motivos que nos levou a trabalhar com o ensino de Redação foi a constatação de que, em geral, os alunos ingressantes no curso de Letras<sup>4</sup> apresentam textos claros e coerentes, concisos e coesos. Também concluímos que os mesmos textos, apesar de cumprirem esses fatores, são textos pouco persuasivos, pois trabalham a argumentação apenas do ponto de vista da razão, deixando de lado aspectos emocionais e afetivos que estão envolvidos nesse processo. Os textos também não são, em sua maioria, criativos, no sentido de apenas veicularem informação comum, de maneira também comum; isto é, veiculam determinada informação, mas não constróem conhecimento.

O arcabouço teórico da Lingüística de Texto que usamos para considerar texto e os fatores de textualidade, segue, dentre outros, autores como Beaugrande e Dressler (1981), Fávero (1991), Fávero e Koch (1983), Gumperz (1982), Halliday e Hasan (1976). Koch (1989;1997;2002), Koch e Travaglia (1990), Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi (1998;1999;2000), van Dijk (1997), van Dijk e Kintsch (1983).

Nossa principal hipótese foi a de que, depois que o aluno construiu textos coesos, claros, concisos e coerentes, o domínio de alguns recursos da *elocutio* lhe daria um campo muito maior para exercer sua criatividade, tornando seu texto mais eficaz e atraente.

E, ainda, acreditando que um texto é bom mesmo quando, além dos fatores de textualidade, é criativo e sensível, usamos aqui das palavras de Koch (2002) para reforçar nossa convicção de que texto bom é aquele que tem vida, porque texto é movimento, é criação e (re)criação da própria vida, da realidade.

---

<sup>4</sup> Analisamos os textos dos alunos do primeiro ano do curso de Letras da Unesp - Araraquara (o contato com os alunos foi estabelecido por meio do meu orientador, que, na época, era responsável pelas aulas de redação dessas turmas). Escolhemos, pois, não só trabalharmos com alunos que ingressam na universidade, mas com aqueles que seriam futuros professores de redação das redes particulares e públicas de ensino.

A discursivação ou textualização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração de informação, mas de (re)construção do próprio real. Ao usar e manipular uma forma simbólica, usamos e manipulamos tanto o conteúdo como a estrutura dessa forma. (KOCH, 2002, p. 81)

Seguindo essa concepção, entendemos que a criatividade, discutida pela Ciência Cognitiva e pela Neurociência, como em Goleman (1996) e Pires (1999), é algo inerente ao ser humano e à linguagem, portanto. Mas entendemos, também, que, da forma como a redação tem sido avaliada nos meios acadêmicos, discutida por Hoffmann (1998), com tantos fatores, imposições pragmáticas e cotidianas, regras e normas, que de uma forma ou de outra, ao longo da tradição do ensino de redação, vêm sendo colocados como fundamentais, perdemos a própria origem e função da linguagem textual: *um espaço próprio da imaginação e da criatividade*.

Utilizar os recursos da figura de linguagem pode ser um meio bastante eficaz para se despertar o gosto pela redação, pela expressão e produção textuais, pois o uso dessas figuras dá tons diversos às redações: cria cenários, (re)cria a vida. Dá ao texto movimento, emoção. Esse espaço é que procuramos resgatar com essa proposta. O trabalho, que no mestrado centrou-se no estudo da metáfora, vislumbra um horizonte muito maior, em que a sensibilidade e a criatividade possam ser valorizadas. Acreditamos, ainda, haver muitas formas de resgatar<sup>5</sup>, em sala de aula, o trabalho com a sensibilidade, a criatividade e a argumentatividade, chegando ao sucesso nas redações por diversos recursos.

Da prática cotidiana de sala de aula e suas constantes exigências pedagógicas e pragmáticas, em consonância com a necessidade de acompanhar os avanços do mundo globalizado e da realidade extra sala de aula, com a qual os alunos se deparam rotineiramente, nasceu esta proposta de pesquisa. Pesquisa que segue,

---

<sup>5</sup> Salientamos que não consideramos como condição para que os alunos produzam textos criativos o domínio prévio de fatores, tais como coesão, clareza e coerência, por exemplo. Entendemos, sim, que a criatividade pode e deve ser trabalhada e desenvolvida da forma como efetivamente ela é; inerente à linguagem, e, portanto, desde o início do processo de desenvolvimento do texto escrito. Tratamos, entretanto, desta forma: a criatividade como instância posterior aos outros fatores de textualidade, dadas as circunstâncias reais; isto é, tratamos com alunos que já possuíam 'bom' domínio da escrita.

substancialmente, a mesma idéia já questionada no mestrado; a de que os alunos podem escrever textos mais interessantes e criativos, que levem à persuasão e à valorização do conhecimento, não apenas veiculando informação, ora desnecessária, ora incompreensível, ora sem vida e emoção.

Novamente, a questão que levantamos é a de que os textos não têm de ser, mesmos os chamados científicos, argumentativos e técnicos, desinteressantes e sem sabores, mas podem ser textos que tenham vida e emoção, pois eles são, recuperando mais uma vez a idéia de Koch (2002), *a expressão e a recriação da realidade e da própria vida*.

Essa convicção e, portanto, os estudos desenvolvidos no mestrado, é que levaram a dirigir um novo trabalho em sala de aula. Trabalho que surgiu, sim, da necessidade de criar um curso atraente e estimulante, mas, sobretudo, de ver acontecer, na prática, a interdisciplinaridade e a construção de um conhecimento, dito científico e específico, como é o campo da Economia.

A etapa do doutorado surgiu deste desafio: montar um curso de Língua Portuguesa para uma turma de sexto semestre do curso de Economia das Faculdades de Campinas - Facamp<sup>6</sup>. Não é muito comum, encontrarmos, em cursos do ensino superior, aulas de Língua Portuguesa e, menos comum ainda, com especial atenção à Redação. Mais raro, cursos que se estendam por vários semestres<sup>7</sup>. Mas esse era o caso e, acreditamos, um caso à parte. Há de se supor que os alunos, já nessa fase do seu curso (sexto semestre), e tendo aulas de Língua Portuguesa desde o primeiro semestre, tenham uma boa qualidade de redação. Aposta verdadeira para a grande maioria deles que, seguramente, apresenta textos que contemplem satisfatoriamente os fatores de textualidade.

---

<sup>6</sup> O curso de Língua Portuguesa VI (pelo qual eu era responsável na época e sobre o qual está o foco de análise) foi ministrado no segundo semestre de 2004, para os terceiros anos do curso de Economia das Faculdades de Campinas (Facamp).

<sup>7</sup> O curso de Economia das Faculdades de Campinas (Facamp) é em período integral, o que justifica a possibilidade de aulas de língua portuguesa durante seis semestres.



Algumas questões foram inevitavelmente levantadas, quando a incumbência é um sexto semestre: Será que esses alunos ainda precisam de aula de Língua Portuguesa? Será qual o conteúdo a ensinar? O que fazer? Como tornar um curso de Língua Portuguesa interessante a alunos que já têm desenvolvidas algumas habilidades de escrita e estão, em sua maioria, pouco interessados em algo que possa fugir do assunto específico do curso que escolheram; no caso Economia?

Dessa incumbência e da experiência do estudo no mestrado, surgiu a idéia de montar um curso de Redação, focado na interação economia/experiência de escrita. Como sabemos, economia é um campo tido, pelo senso comum, como restrito e de difícil entendimento, o que gera, como triste conseqüência, o grande desinteresse pelo assunto, por parte daqueles que não a escolheram para foco direto de trabalho e de análise. No cotidiano, é comum as pessoas passarem, por exemplo, longe do caderno Economia de um jornal; quando muito, olham alguns indicadores econômicos.

Uma de nossas hipóteses é a de que as pessoas ignoram o assunto, pois não o entendem. Ademais, porque já se cristalizou a idéia de que Economia, assim como Direito, entre outros, é de domínio específico e restrito, pouco acessível. E, para aumentar a distância entre Economia e grande parte da população, esbarramos na dificuldade de entendimento de muitos dos termos específicos dessa ciência (ora necessários, ora segregadores), os quais acabam por dificultar o acesso às informações e o interesse pelo assunto.

A tarefa que propusemos foi explicar, discutir e analisar alguns dos fenômenos da economia nacional e/ou global, de forma mais clara e acessível, sem o uso do jargão econômico, o famoso e ironicamente intitulado "economês". Para isso, entendemos que, a partir dos processos cognitivos de projeção (e aqui destacamos os processos de Redes de Integração Conceitual, nos quais estão envolvidos outros tantos processos, tais como metáforas, metonímias, analogias e parábolas), podemos explicar, para um leigo em economia, determinados

fenômenos e/ou termos específicos de forma a promover entendimento, esclarecendo, assim, mesmo que de forma tímida, um campo bastante nebuloso para a maior parte da população.

Isso seria, sobretudo, uma maneira criativa e sensível de trabalhar uma informação específica de forma a transformá-la em conhecimento. Seria, mais: desenvolver capacidades intelectivas e sensoriais de forma não restrita ao ambiente de trabalho e/ou ao de estudo, mas se preocupando com a formação multidisciplinar e abrangente dos alunos, futuros economistas; preocupação já anteriormente identificada.

Turner (2001), em seu livro *Cognitive Dimensions of Social Science - The Way We Think About Politics, Economic, Law and Society*, afirma que muitos pesquisadores dessas áreas, bem como dos estudos da linguagem, questionam os caminhos das Ciências Sociais e apontam para a perspectiva de ela ser aliada à Ciência Cognitiva. A partir do tópico fundamental do estudo da Ciência Cognitiva, os 'eventos mentais' - que ocorrem individualmente em cada mente, mas também de maneira geral, em coletividade - podemos estudar e entender a Ciência Política, a Economia, a Sociologia e a Antropologia, uma vez que tais 'eventos mentais', que são a base dos estudos cognitivos, nos ajudam a definir e a explicar os problemas levantados pelas Ciências Sociais.

No presente trabalho, utilizamos fundamentalmente do arcabouço teórico da Ciência Cognitiva, com base, principalmente, nos trabalhos de Castilho (2001), Fauconnier (1995; 1997; 2001), Fauconnier e Turner (1994; 1998; 2002), Gibbs (1995; 1999a; 1999b), Givón (1984; 1989); Hofstadter (1995b), Johnson (1980;1987), Lakoff (1986; 1987; 1990; 1993), Lakoff e Johnson (1980; 1999), Lakoff e Turner (1989), Turner (1987; 1991; 1996; 2001), Turner e Fauconnier (1995), Steen e Gibbs (2002), Steen (1999), Sweetser (1990), Abreu (2000b; 2001) e em especial, do conceito de *Projeções Cognitivas*, na tentativa de entender e explicar tópicos relacionados à Economia.

Partimos da idéia de que as projeções tipicamente envolvem Integração Conceitual - uma operação cognitiva básica que atua uniformemente em diferentes níveis de abstração e sob circunstâncias contextuais superficialmente divergentes. A *Integração Conceitual* assume um importante papel em muitas áreas da cognição e se relaciona a outros fenômenos importantes na construção do conhecimento, como metáfora, metonímia, analogia e parábola. Uma das principais descobertas da Ciência Cognitiva, por exemplo, é que a estrutura de mapas e a projeção metafórica ocupam um papel central na construção dos significados e da razão, por meio dessas *Atividades de Integração*. A Projeção Conceitual é, pois, um instrumento de trabalho '*on-line*', cujo processo central chamamos de '*blending*' (termo cunhado por Fauconnier (1994) para se referir a este processo.)

A Integração Conceitual - '*blending*' - é uma operação cognitiva geral, que serve para uma grande variedade de propósitos. O '*blending*' opera de acordo com um conjunto de estruturas uniformes e princípios dinâmicos. Muito da base dos mais recentes e interessantes trabalhos sobre linguagem, pensamento e ação está no descobrimento de que o mesmo princípio cognitivo estrutural opera em áreas diversas, antes vistas como distintas e tecnicamente incompatíveis. Numa visão mais tradicional dos estudos lingüísticos, separávamos, por exemplo, os significados das palavras, a estrutura sintática, o significado das frases, os princípios discursivos e pragmáticos, e, então, em um nível superior, as figuras do discurso, como metáfora e metonímia, '*scripts*' e cenários, retórica, argumentação, estrutura narrativa etc., conforme nos aponta Fauconnier e Turner (1996).

Os recentes trabalhos mostram que as principais noções, os principais princípios e instrumentos de análise invadem essas divisões e operam em um campo não-lingüístico. Os '*frames*', por exemplo, estruturam nossa vida conceitual e social. Trabalhos como os de Goffman (1974), Langacker (1987/1991) Goldberg (1994), entre outros, nos mostram que os '*frames*' são, de forma geral e esquemática, a base para as construções gramaticais. As palavras são entendidas como

construções, e os seus significados, uma rede de *'frames'* conectados. Mais ainda, apesar de a estrutura cognitiva do *'frame'* ser refletida e guiada pela língua, ele não é inerentemente lingüístico; as pessoas manipulam muito mais *'frames'* do existem palavras e construções para eles. E assim, também, pensamos outros fenômenos, os que cercam a nossa vida conceitual, política, econômica, social, artística, literária etc.

O trabalho está apresentado em duas partes. A *Parte I* trata das perspectivas teóricas as quais sustentam o projeto de aula desenvolvido na *Parte II*. Subdividimos a primeira parte em três capítulos. Tentamos apresentar a teoria agregada a exemplos e análises para que possa ser facilmente compreendida, facilitando a discussão fincada na *Parte II*. O primeiro capítulo, intitulado "Da teoria Cognitiva da Metáfora (CMT) à Integração Conceitual - 'blending'" discute a natureza metafórica dos processos cognitivos de projeção, e suas características. Mostra o funcionamento do 'blending' na construção de significados e referências, e o coloca como um dos principais mecanismos de projeção, em que estão envolvidos muitos outros como a analogia e a parábola.

"Analogia" é o tema dos segundo capítulo, por se tratar de um dos processos de projeção mais importantes no entendimento das relações político-sociais do nosso cotidiano e, por conseguinte, processo básico para o desenvolvimento do projeto de curso de Língua Portuguesa VI, apresentado e discutido na *Parte II*.

A Parábola é o principal foco de atenção do terceiro capítulo. Intitulado "Estórias, Projeções e Parábolas", este último capítulo da *Parte I* destaca a Parábola como um complexo processo de projeção, dos mais importantes para entendermos o funcionamento da nossa mente cotidiana e literária. Como a Parábola é o resultado da projeção de duas ou mais estórias, ela merece atenção especial por envolver unidades significativas como eventos, espaços, atores, temporalidade, circunstâncias etc., numa relação de rede de integração - 'blending'. Merece, ainda, atenção especial por tratar, com nova roupagem, princípios já lançados na

CMT e recuperados de forma eficaz, fazendo-nos entender que as projeções acontecem, em diferentes níveis de abstração e grau de importância, mas todas constituem 'processos ativos' na construção do significado e do raciocínio.

Na *Parte II* trazemos mais três capítulos. O primeiro, "Uma idéia na cabeça e um projeto na mão" conta como pensamos e articulamos o projeto, quais foram as motivações que nos levaram a montá-lo, bem como as condições em que foi montado e realizado.

No segundo capítulo, intitulado "O Curso", mostramos e discursamos sobre o "Plano do Curso e seu Cronograma". Acompanhamos a evolução das aulas, passo a passo até o trabalho final apresentado pelos alunos, tecendo comentários sobre cada uma delas.

Por fim, no terceiro e último capítulo, "Meu 'vintém de cobre'" apresentamos e analisamos os trabalhos dos alunos, como resultado do sucesso - ou não - do curso como um todo e da viabilidade de aplicação - assim como fizemos - da Teoria Cognitiva e, em especial, dos Processos de Projeção.

## Parte I

### [1]

## Da Teoria Cognitiva da Metáfora (CMT) à Integração Conceitual - 'Blending'.

### Vôo

*Alheias e nossas as palavras voam.  
Bando de borboletas multicores, as palavras voam  
Bando azul de andorinhas, bando de gaivotas brancas,  
as palavras voam.  
Viam as palavras como águias imensas.  
Como escuros morcegos como negros abutres, as palavras voam.  
Oh! alto e baixo em círculos e retas acima de nós, em redor de nós as  
palavras voam.  
E às vezes pousam.*

*(Cecília Meireles, em: Melhores Poemas. São Paulo, Global Editora, 2002, 14ª ed.)*

Quando falamos em *Processos de Projeção*, não podemos deixar de lado um dos principais marcos nos estudos da Ciência Cognitiva, a CMT (Conceptual Metaphor Theory), representado principalmente por Turner (1987), Lakoff e Turner (1989), Lakoff (1990), Turner (1991), Lakoff (1993), Turner (1996 b), mas amplamente discutido na obra *Metaphors We Live By*, de Lakoff e Johnson (1980). Sem hesitar, consideramos importante uma parada para entendermos como esses autores conceberam o processo de projeção, até então focalizado quase que exclusivamente nos estudos sobre metáfora e, por extensão, sobre metonímia, para depois, obviamente, chegarmos aos estudos mais atuais de processos de projeção, definidos e condensados na teoria da Integração Conceitual - o *'blending'*.

A CMT é aqui destacada e apresentada como de suma importância, pois a ela atribuímos a possibilidade de um contraponto entre a Teoria Clássica da Metáfora

e a Cognitiva. Na CMT estão condensados os primeiros e alguns dos mais definitivos avanços da Ciência Cognitiva, além de ser também a responsável pelo início dos estudos avançados sobre cognição e linguagem. Se de um lado tínhamos a metáfora do ponto de vista clássico, como figura de linguagem (ora poética ora retórica), de outro, a temos como processo cognitivo fundamental ao pensamento humano, às construções de significados e referências.

Neste capítulo, então, falaremos da metáfora primeiramente sob o ponto de vista Clássico, contrapondo - o ao da Ciência Cognitiva. Em seguida, passaremos ao estudo da Teoria da Integração Conceitual - o 'blending', na qual se concentram e mutuamente convivem muitos processos cognitivos para a construção dos significados; processos tais como a parábola, a analogia, a metáfora, a metonímia, os espaços mentais, espaços genéricos, os '*frames*', dentre outros.

### **1.1. A Metáfora do ponto de vista Clássico**

Definir metáfora é algo bastante complexo, pois há muitas controvérsias a esse respeito. Recorreremos à definição clássica, tradicional de metáfora, baseada em princípios aristotélicos, para, contrapondo-nos a essa definição, marcarmos a que entendemos, para o presente trabalho, como a mais completa e eficaz.

A metáfora, sob o ponto de vista de uma teoria cognitiva contemporânea, difere, em muitos aspectos, da sua concepção clássica e estrutural. Classicamente, a metáfora é vista em oposição ao sentido literal (considera-se literal equivalente ao real) e, portanto:

1. Significado não-literal é não real;
2. Toda linguagem convencional do dia-a-dia é literal, e em nada é metafórica;

3. Toda questão objetiva pode ser compreendida literalmente, sem metáfora; somente a linguagem literal pode ser verdadeira ou falsa;
4. Toda definição dada no léxico da língua é literal e não metafórica;
5. Os conceitos usados na gramática de uma língua são todos literais e não metafóricos.

Isso talvez explique o porquê de, nas gramáticas tradicionais, a metáfora ser tratada dentro de um capítulo à parte, intitulado “Estilística.”<sup>8</sup>

Vistas como formas de expressão que fogem do comum, as figuras, e aqui as metáforas, tinham uma definição, uma forma e uma funcionalidade bastante ímpar aos conceitos com que trabalhamos. Por Aristóteles em sua *Arte Poética*:

A metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou de uma espécie para outra por via de uma analogia. (ARISTÓTELES, op. cit.)

Não dizemos, com isso, que a concepção clássica de metáfora deva ser anulada, mesmo porque é a partir dela que nos é permitido montar esse contraponto. Entretanto, trata-se de concepções diferentes, uma vez que para a Ciência Cognitiva, e nas palavras de Lakoff e Johnson (1980), as figuras *estão presentes no nosso dia-a-dia, em pensamento, linguagem e ação*.

## 1.2. Uma Teoria Cognitiva da Metáfora

Teóricos como Gibbs (1995;1999 a e b), Lakoff (1987; 1989; 1990; 1993), Lakoff e Johnson (1980; 1999), Lakoff e Turner (1989), Steen e Gibbs (1999; 2002), Steen (1999), Sweetser (1990), dentro outros, propõem um estudo da metáfora enquanto

---

<sup>8</sup> Aristóteles já definia as figuras como “Processo produtor de surpresa, em que a expectativa do receptor é lograda”. (ARISTÓTELES – *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio, Ediouro, p. 274, s/d.)



processo cognitivo. Baseamos nossa conceituação em seus estudos, tentando desenvolver uma definição de metáfora, cuja teoria a pressupõe como o principal mecanismo através do qual compreendemos conceitos abstratos em termos de conceitos mais concretos ou, pelo menos, mais estruturados. Assim, passamos a entender muitos problemas de ordem pessoal ou científica, fatos particulares ou gerais do dia-a-dia. De natureza fundamentalmente conceitual, expressamo-nos lingüisticamente por metáforas, porque conceituamos as coisas através delas.

As metáforas são estruturadas como mapas assimétricos e parciais de domínios conceituais. Cada metáfora é um conjunto fixo de correspondências ontológicas ('mappings') entre entidades em um *domínio de origem* e entidades em um *domínio alvo*. Quando essas correspondências fixas são ativadas, podem projetar modelos de inferência do *domínio de origem* em modelos de inferência do *domínio alvo*, estabelecendo *mapas metafóricos*. Tais mapas metafóricos obedecem ao *Princípio da Invariância*, pelo qual as metáforas são estruturadas por *esquemas imagéticos*.

Projetadas de um domínio de origem a um domínio alvo de forma consistente com a estrutura inerente do domínio alvo, as imagens não são arbitrárias. Pelo contrário, são construídas a partir do nosso conhecimento, da nossa experiência em relação às partes do nosso corpo e ao nosso dia-a-dia. Esse princípio é geral, pois todas as metáforas são invariantes ao seu aspecto cognitivo, isto é, cada *mapa metafórico* preserva sua estrutura de *esquemas imagéticos*.

Um sistema conceitual contém centenas de mapas metafóricos convencionais e não um único mapa, os quais formam subsistemas altamente estruturados do sistema conceitual. O sistema conceitual metafórico convencional é, em sua maioria, inconsciente, automático, e usado sem esforço, assim como nosso sistema lingüístico e o resto do nosso sistema conceitual. Esse sistema "vivo", constantemente em uso automático é central para o nosso entendimento de experiências e da forma com que agimos.

Os mapas convencionais são correspondências estáticas e não algoritmos por natureza, entretanto, não se descarta a possibilidade de tais correspondências estáticas serem usadas no processamento lingüístico que envolve passos seqüenciais. A metáfora é baseada em nossas experiências, muito mais do que em similaridades. Os mapas metafóricos variam em universalidade, alguns parecem ser universais, outros estão espalhados, e outros são culturalmente específicos.

A teoria metafórica contemporânea é volumosa e cresce muito. A cada ano, mais e mais pesquisas nesse campo são feitas. As evidências desse tipo de conceituação da metáfora vêm de domínios como a generalização sobre polissemia, modelos de inferência, extensões poéticas, mudanças semânticas e também através de experimentos psicológicos.

### **1.2.1. Discutindo a Metáfora**

Lakoff e Johnson (1980), em sua obra *Metaphors We Live By*, explicam minuciosamente todos esses preceitos básicos anteriormente mencionados. Constatar isso através de seus exemplos traz-nos clareza de como efetivamente as metáforas se concretizam no nosso dia-a-dia, em pensamento, linguagem e ação. Processo basicamente cognitivo e fundamental à comunicação, a metáfora não pertence apenas à linguagem poética ou retórica e tampouco se rende à definição de sentido figurado, em oposição ao literal, conforme, por muito tempo, entendida pela Estilística.

Enquanto processo cognitivo, ela se impõe, criando novos sentidos reais, além daqueles já existentes. É refletida na nossa linguagem do cotidiano por uma variedade de palavras e expressões a partir das quais entendemos, encenamos e discutimos conceitos e assuntos diversos. Muitas vezes, nem sequer tomamos conhecimento de que estamos falando por metáforas, que por sua vez não estão

somente nas palavras que usamos, mas, sobretudo, no conceito que temos a respeito de determinadas coisas. Falamos por metáforas, porque concebemos as coisas e o mundo desta forma e agimos de acordo com a forma como as concebemos.

Fazemos isso dentro de uma sistematicidade, e, portanto, a linguagem metafórica se manifesta de forma sistemática também. Expressões como *Tempo é Dinheiro*, segundo Lakoff e Johnson (1980), exemplificam a natureza cognitiva da metáfora e sua sistematicidade, assim definida:

The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another.<sup>9</sup> (LAKOFF & JOHNSON, op. cit., p. 03)

Uma porção da rede conceitual de dinheiro caracteriza parcialmente o conceito de tempo, e a linguagem que se segue também. Uma vez que expressões metafóricas na nossa linguagem são amarradas a conceitos metafóricos de maneira sistemática, podemos usar tais expressões lingüísticas para estudar a natureza dos conceitos metafóricos e entendê-la nas nossas atividades. A concepção de trabalho que se desenvolveu na cultura ocidental moderna, por exemplo, está associada ao tempo, que é preciosamente quantificado.

Tornou-se costume pagar as pessoas por hora, semana, mês ou ano. Na nossa cultura, TEMPO É DINHEIRO<sup>10</sup> de muitas formas: em unidades de mensagens telefônicas, honorários, tarifas hoteleiras, orçamentos anuais, empréstimos e pagamentos de débitos, entre outras. Muitas empresas utilizam até mesmo a expressão BANCO DE HORAS<sup>11</sup> para relacionar as horas que o funcionário trabalhou além de seu expediente e que poderão, a qualquer momento, ser utilizadas para que ele se ausente do trabalho. Correspondendo ao fato de que nós agimos como se tempo fosse um bem valioso, uma fonte limitada,

---

<sup>9</sup> A essência da metáfora é entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra. (tradução nossa)

<sup>10</sup> É convenção utilizar letras maiúsculas para identificar esquemas-de-imagem na lingüística cognitiva.

<sup>11</sup> O uso de letras maiúsculas é próprio da ciência cognitiva, para indicar mapas metafóricos.

compreendemos tempo dessa forma. Então, nós entendemos e experienciamos tempo como um tipo de coisa que se pode gastar, perder, investir, poupar; semelhante ao dinheiro. Por isso somos capazes de construir enunciados do tipo "Você está perdendo tempo", "Não tenho tempo agora", "Investi tempo nela", "Poupei tempo fazendo este caminho" e assim por adiante.

O conceito metafórico TEMPO É DINHEIRO, encerra dois outros conceitos: TEMPO é um recurso limitado e TEMPO é um bem de valor. Quando construímos enunciados do tipo "Fiquei sem dinheiro esse mês", consideramos *dinheiro* como um *recurso*. Mas em "ganhei muito dinheiro na Mega-Sena", consideramos *dinheiro* como um *bem de valor*. Na verdade, esses subsistemas se integram a um sistema único na nossa sociedade o qual considera dinheiro UM BEM LIMITADO e DE VALOR. Isso nos prova que as subcategorias constituem relações inalienáveis entre si e que, juntas, formam o sistema como um todo.

A sistematicidade que nos permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro necessariamente esconderá outros aspectos do conceito. Por isso, dizemos que pegamos apenas parte do domínio de origem e o transportamos para o domínio alvo. No caso de TEMPO É DINHEIRO, nem tudo que se aplica ao dinheiro se aplica também ao tempo. Daí, dizer-se que a estrutura metafórica envolvida nesse processo é *parcial*, caso contrário, um conceito seria exatamente o outro.

Compreender, portanto, tempo em termos de dinheiro significa compreender alguns aspectos de um em termos de outro. Consequentemente, temos algumas características do dinheiro que não se aplicam ao tempo: não há "bancos de tempo", por exemplo, como há bancos comerciais etc.

O significado metafórico é construído ainda sob as condições do *contexto*. Há casos em que, em diferentes contextos, um único enunciado apresenta diferentes significados a diferentes pessoas. Valendo-nos mais um pouco dos exemplos

dados por Lakoff e Johnson (1980), enunciados do tipo "Precisamos de novas fontes alternativas de energia", significa algo completamente diferente para o presidente da "Mobil Oil" e para a "Friends of the Earth". É evidente que para o presidente da "Mobil Oil", criar novas fontes de energia tem um caráter expansivo, de ampliar suas fontes de rendimento, de lucro, aumentando o número de fontes de energia. Já para os "Friends of the Earth", o intuito parece ser ligado à preservação ambiental, criar fontes alternativas, no sentido de outros meios menos agressivos à natureza, diferentes desses existentes. O significado, portanto, desse tipo de construção não está propriamente na frase, mas em quem está falando ou ouvindo essas frases e quais são suas atitudes sociais e políticas diante dela.

Casos em que um conceito é estruturado em termos de outro, como os estudados até agora, são chamados por Lakoff e Johnson (op.cit.) de *Metáforas Estruturais*. Mas há outros casos de conceitualização metafórica. Casos em que um sistema total de conceitos é organizado, relacionando uns aos outros, são chamados de *Metáforas Orientacionais*, uma vez que a maior parte delas tem a ver com a orientação espacial: cima-baixo; dentro-fora; central-periférico; frente-trás; ligado-desligado; fundo-raso.

As *Metáforas Orientacionais* nos dão conceitos a partir de orientações espaciais, tal como FELICIDADE É PARA CIMA. O fato de o conceito felicidade ser orientado para cima nos leva a expressões do tipo: "Estou para cima hoje", que entendemos como "Estou me sentindo feliz hoje". Se o conceito de felicidade é PARA CIMA, o contrário (tristeza) é PARA BAIXO, e igualmente nos dá expressões do tipo "ESTOU para baixo hoje", que entendemos como "Estou me sentindo triste hoje".

Tais *metáforas orientacionais* também não são arbitrárias. Elas são têm suas bases na nossa experiência física e cultural. Relações do tipo felicidade, consciência e saúde são direcionadas para cima e o contrário como tristeza, inconsciência e doença, para baixo. Enunciados como "Ele sempre me levanta"

são possíveis graças a esse tipo de relação que pressupõe uma ligação entre postura ereta dos seres humanos e seu estado emocional positivo.

Vale lembrar que a maioria dos nossos conceitos fundamentais é organizado em termos de *metáforas espaciais*, as quais possuem uma sistematicidade interna própria a cada tipo de metáfora, definindo um sistema global coerente, como no caso de FELICIDADE É PARA CIMA. Dizemos com isso que não são somente frases isoladas se encaixam nesse conceito, mas sim toda uma organização do nosso pensamento e da nossa forma de definir as coisas e as atitudes. Vários aspectos físicos e sociais, portanto, nos levam a considerar FELICIDADE É PARA CIMA e, assim, criar diversos enunciados a partir dessa conceitualização.

Além das *metáforas estruturais* (entender e experienciar uma coisa em termos de outra) e das *orientacionais* (casos em que os conceitos emergem de uma orientação espacial), temos as *Ontológicas*, definidas como a capacidade de entender nossas experiências em termos de objetos e substâncias, permitindo-nos pegar parte de nossas experiências e tratá-las como *entidades discretas* ou *substâncias* de um tipo uniforme. Identificando nossas experiências assim, podemos referir-nos a elas, agrupá-las, categorizá-las e quantificá-las, dando-lhes, desta forma, juízo de valor. Lakoff e Johnson (1980) assim resumem:

Just as the basic experiences of human spatial orientations give rise to orientational metaphors, so our experiences with physical objects (especially our own bodies) provide the basis for an extraordinarily wide variety of ontological metaphors, that is, ways of viewing events, activities, emotions, ideas etc., as entities and substances (LAKOFF e JOHNSON, op. cit., p. 25)<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Assim como as experiências básicas da orientação humana espacial nos dão *metáforas orientacionais*, nossas experiências com objetos físicos (especialmente nosso próprio corpo) providenciam a base para uma extraordinária variedade de *metáforas ontológicas*, isto é, formas de ver eventos, ações, emoções, idéias etc., como entidades e substâncias. (tradução nossa)

*Metáforas Ontológicas* são tão naturais e tão presentes em nossas vidas que nem nos ocorre que são efetivamente metáforas. Tomamos a MENTE como uma entidade. A metáfora ontológica A MENTE É UMA ENTIDADE é elaborada na nossa cultura, por exemplo, como: A MENTE É UMA MÁQUINA.

Considerando a mente como uma máquina, permitimo-nos, por meio dessa metáfora, formular enunciados do tipo: "Minha cabeça não está funcionando direito hoje". Com essa metáfora, temos o conceito de que a mente é uma máquina e, logo, possui propriedades funcionais próprias das máquinas. Propriedades como ligar e desligar, nível de eficiência, capacidade de produção, mecanismo interno, fonte de energia e condições de operação são atribuídas à mente.

Um caso específico de metáfora ontológica é *atribuir características humanas a objetos*. Esse processo tem o nome específico de *Personificação*. É muito comum tratarmos objetos como pessoas, atribuindo-lhes características dos seres humanos. Esse processo constitui uma categoria geral que engloba um grande número de metáforas cada qual destacando aspectos diferentes das pessoas ou formas diversas de olharmos para elas. O que todas têm em comum é justamente a extensão ontológica, permitindo-nos avaliar fenômenos do mundo com base em nossas motivações, metas, ações e características, isto é, em termos do mundo humano.

Personificando um conceito abstrato como INFLAÇÃO, temos construções do tipo: "A Inflação nos pôs contra a parede", em que a inflação é vista, não somente como uma pessoa, mas, sobretudo, como um adversário. E, enquanto um adversário, tratamos a inflação como algo a ser destruído, combatido. Julgar a inflação em termos de uma atitude própria do ser humano é possível a partir desse tipo de metáfora.

### 1.2.2. A Decodificação dos Mapas Metafóricos

Conforme já vimos, as metáforas são estruturadas a partir de mapas metafóricos, esquematizados sistematicamente e construídos de acordo com o nosso conhecimento de mundo, nossas experiências e nosso dia-a-dia. Portanto, a decodificação dos mapas metafóricos pressupõe um *modelo cognitivo global*, que é ao mesmo tempo social e individual.

De acordo com Koch (1990), *conhecimento de mundo* é o conhecimento que adquirimos à medida que vivemos, tomando contato com o mundo que nos cerca e experienciando uma série de fatos. Esse conhecimento é armazenado na memória de maneira ordenada, como se fosse formado por blocos, chamados de *modelos cognitivos*. Tais modelos são divididos em vários tipos. São, principalmente: os '*frames*', os *esquemas*, os *planos* e os '*scripts*'.

Os '*frames*' são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória sob um rótulo, sem qualquer tipo de ordenação entre eles. Assim, temos exemplos clássicos como o da  *festa de aniversário infantil*. Quando pensamos em uma festa dessas, automaticamente vêm a nossa cabeça as idéias de bolo, brigadeiro, cachorro quente, salgadinhos, refrigerante, aniversariante, convidados, cantar os parabéns, presentes etc. Todos esses itens pertencem ao '*frame*' FESTA DE ANIVERSÁRIO DE CRIANÇA, isto é, compõem esse *evento*.

Os *esquemas* são conjuntos de conhecimentos, '*frames*', armazenados em uma seqüência, uma progressão, principalmente temporal ou causal. Uma seqüência de festa de aniversário de criança poderia ser: chegam os convidados, entregam o presente ao aniversariante, são servidos de refrigerante, cachorro quente e salgadinhos, cantam-se os parabéns, parte-se o bolo e servem-se doces.



Os *planos* são um conjunto de conhecimentos sobre como agir para alcançar determinado fim. Um exemplo seria o trajeto mais adequado de, saindo do centro de Araraquara, chegar ao Campus da Unesp.

Os *'scripts'* são conjuntos de conhecimentos sobre o modo de agir, altamente estereotipados em nossa cultura, inclusive em termos de linguagem, a exemplo dos rituais jurídicos e religiosos.

Considerando o mapa metafórico O AMOR É UMA VIAGEM, usamos correspondências ontológicas do domínio de origem (viagem) e do domínio alvo (amor) para a compreensão da metáfora, envolvendo modelos cognitivos de ambos os domínios. (Cf., p. 52)

### **1.3. Construções Metafóricas para o Processo de Resoluções de Problemas**

Algumas construções são regularmente usadas no nosso dia-a-dia para nos referirmos a problemas e possíveis soluções. De acordo com os pressupostos já vistos, tais construções se apresentam nas nossas atitudes e na nossa linguagem de forma inconsciente, dada a própria natureza e estrutura da metáfora. Todavia, tomando consciência de como as metáforas estruturam nosso pensamento e nossa linguagem, podemos também usá-las, intencionalmente, para convencer e persuadir. Nesse caminho de usar as metáforas como processo de resolução de problemas, convencendo e persuadindo, Jensen (1975) faz o seguinte agrupamento:

1. Metáforas de Restauração: partem do princípio de que alguma coisa necessita de reparo. São elas: metáfora médica, metáfora do roubo, metáfora de conserto e metáfora de limpeza.

2. Metáforas de Percurso: associam a resolução de problemas a uma jornada. Os percursos podem ser na terra, no ar ou no mar. Temos aqui também a metáfora de cativo.
3. Metáforas de Unificação: relacionam-se com a união. São elas de parentesco, pastoral e esportiva.
4. Metáforas Criativas: dividem-se em: metáforas de construção, tecelagem e composição musical.
5. Metáforas Naturais: são elas: de claro-escuro, de fenômenos naturais e biológicos.

A metáfora *médica* de restauração, por exemplo, é bastante utilizada. Muitos livros falam de soluções de problemas de diversas áreas, organizados pelo 'frame' A CURA DA DOENÇA. Inerente à metáfora *médica* está implícita a comparação da sociedade ao corpo humano. Essa imagem da sociedade como uma criatura viva torna mais fácil falar da sociedade em termos de doenças e curas. Por essa personificação da sociedade, entidades abstratas se tornam concretas, assuntos concretos e difíceis se tornam mais simples e algo não muito claro se torna mais vívido. Utilizamos da metáfora *médica* quando dizemos, por exemplo: "Precisamos extirpar o câncer da inflação" ou "O dólar flutuante é um remédio amargo" etc.

Esse campo cria metáforas fortes e eficientes uma vez que tem uma relação direta com o ser humano. "Estar sempre saudável" é algo que, em geral, todos procuramos. Adiante, a metáfora se torna ainda mais forte, se pensarmos na dicotomia VIDA e MORTE. De fato, temos essas duas situações extremas. Quando estamos doentes, o procedimento lógico é definir os sintomas, tentar encontrar as causas e tomar o remédio certo ou tentar o melhor tratamento.

#### 1.4. Teoria da Integração Conceitual - 'Blending'

A Teoria Conceitual Metafórica (CMT), proposta por Lakoff e Johnson (1980) consiste, na atualidade, em uma das áreas centrais no campo das pesquisas em Lingüística Cognitiva. As noções de DOMÍNIO DE ORIGEM e de DOMÍNIO ALVO, INVARIÂNCIA e MAPAS são comuns, mas não universais, para discussão do fenômeno conceitual e lingüístico da metáfora.

Em Fauconnier (1994; 1997) e Fauconnier e Turner (1998), os autores tentam expandir o mesmo assunto e também unificar a análise da metáfora com a análise de uma variedade de outros fenômenos lingüísticos e conceituais. Tratada por vários pesquisadores como a teoria do 'Blending' (integração), 'Blending' Conceptual, Integração Conceitual, essa teoria compartilha, em muitos aspectos, da *Teoria Metafórica Conceitual* (CMT). Ambas as abordagens tratam a metáfora como conceitual, e não como um fenômeno puramente lingüístico; ambas envolvem projeção semântica da língua, estruturas imaginárias e inferenciais entre domínios conceituais, todavia, há diferenças importantes.

Na Teoria Conceitual da Metáfora (CMT), a relação que se estabelece é entre pares de representações mentais; a metáfora é um fenômeno estritamente direcional e as análises tratam tipicamente de relações conceituais e da forma com que podem ser elaboradas. Já a Teoria do '*Blending*' (BT) permite mais do que dois espaços mentais; o fenômeno não é estritamente direcional, e novas conceitualizações são permitidas, incluindo algumas que podem ter pouca duração.

As duas abordagens são tratadas, entretanto, como complementares, especialmente a relação de domínios cruzados (a relação proposta na teoria da metáfora conceitual de domínio de origem e domínio alvo constrói o processo mais complexo do '*Blending*' *Conceitual*).

Conforme já mencionado, para a CMT, as metáforas são analisadas como relações estáveis e sistemáticas entre dois domínios conceituais. Vejamos o exemplo a seguir, proposto por Steen & Gibbs (2002):

Ex.1: A comissão me deixou no escuro sobre esse assunto.

A estrutura conceitual e a linguagem do *domínio de origem* (VISÃO) são usadas para retratar a situação do *domínio alvo* (ENTENDIMENTO, CONHECIMENTO). Elementos específicos do *domínio de origem* e do *domínio alvo* são escolhidos, por meio da combinação da linguagem de origem NO ESCURO, cuja metáfora conceitual relevante nos diz como elementos nos dois domínios se alinham entre si. Porque os mapas são ativados, a IGNORÂNCIA é associada à ESCURIDÃO. Temos, então, um MAPA GERAL entre a PERCEPÇÃO VISUAL e a ATIVIDADE INTELLECTUAL. Assim, entendemos que a *metáfora conceitual é um mecanismo pelo qual interpretamos algumas referências*.

Na teoria do '*Blending*', a unidade básica da organização cognitiva não é o *domínio*, mas o '*espaço mental*'. Fauconnier (1994 [1985], apud STEEN e GIBBS, 2002, p.02) define '*espaço mental*' como:

A partial and temporary representational structure which speakers construct when thinking or talking about a perceived, imagined, past, present, or future situation.<sup>13</sup>

Para Steen e Gibbs (2002), espaços mentais não são equivalentes aos domínios, mas dependem deles: espaços representam vários cenários particulares que são estruturados por domínios dados. Por exemplo, a teoria do *Blending* para o exemplo 1 envolveria um espaço em que o agente está em pé no escuro. Enquanto essa experiência aparece ao nosso conhecimento como visual, a

---

<sup>13</sup> Uma estrutura representacional temporária e parcial que os falantes constroem quando estão pensando ou falando sobre uma situação presente, passada, futura, imaginária, percebida. (tradução nossa)

estrutura recrutada é apenas um pequeno pedaço do conhecimento do domínio. Resumindo, *espaço mental* é, de acordo com Steen e Gibbs (2002, p. 02):

A mental space is a short-term construct informed by the more general and more stable knowledge structures associated with a particular domain.<sup>14</sup>

Enquanto a análise da CMT envolve mapeamento entre precisamente *duas* estruturas conceituais, o '*Blending*' tipicamente faz uso de *quatro* modelos de espaço. Esses espaços incluem dois espaços '*inputs*' (que no caso metafórico estão associados ao domínio de origem e ao domínio alvo da CMT), mais um '*espaço genérico*', representando estruturas conceptuais que são compartilhadas com ambos '*inputs*', e o espaço '*blend*', onde o material dos '*inputs*' combina e interage.

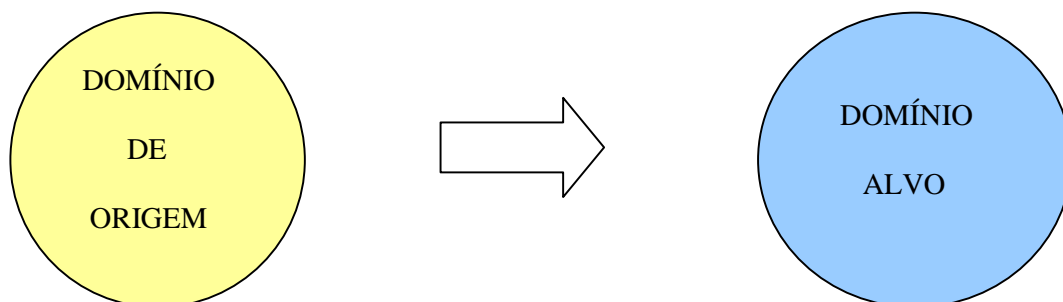
De novo ao mesmo exemplo 1 "A comissão me deixou no escuro sobre esse assunto", temos os seguintes espaços:

1. Um espaço '*input*' desenhado no domínio da visão, em que uma pessoa (A) está no escuro;
2. Outro espaço '*input*', desenhado no domínio da atividade intelectual, em que a comissão omitiu informação de um indivíduo (A');
3. Um mapeamento entre esses dois espaços, especificando que essas duas pessoas (A) e (A') são a mesma pessoa, que a pessoa incapaz de ver corresponde a quem não tem conhecimento;
4. Um *espaço geral* contém o material compartilhado que os dois '*inputs*' têm em comum e o espaço '*Blend*', em que a comissão está deixando o indivíduo permanecer no escuro.

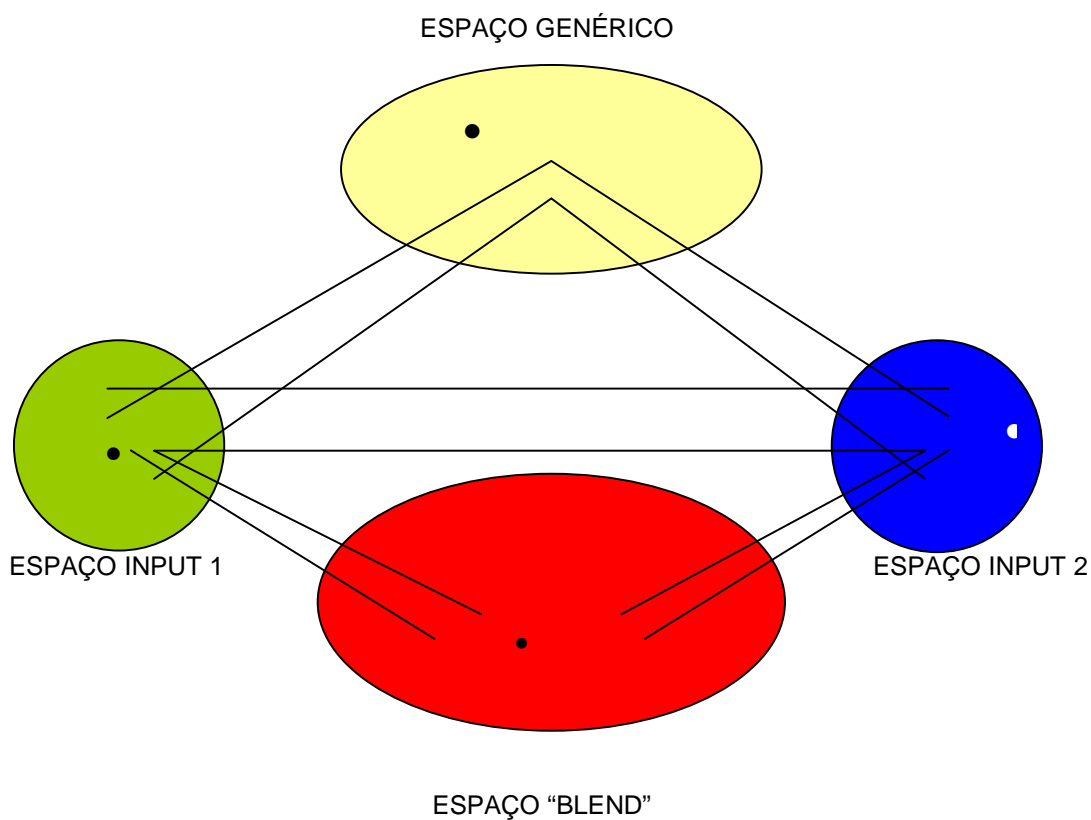
---

<sup>14</sup> Uma construção temporária (short-term) informada por uma estrutura de conhecimento mais estável e mais geral associada a um domínio particular. (tradução nossa)

Na CMT, temos a relação direta domínio de origem para domínio alvo, como nos mostra o gráfico:



Já na BT, temos quatro modelos de espaço; o material é projetado de ambos os domínios: de origem e alvo a um espaço genérico do qual resulta no espaço "Blend", que é a percepção individual do "espaço genérico", conforme o gráfico<sup>15</sup>:



<sup>15</sup> Concepção de rede de integração, segundo Fauconnier (1997).

Uma das principais motivações para o *'blending'* é que o modelo de quatro espaços pode apontar para fenômenos que não estão explicitamente dirigidos por mecanismos do modelo de dois domínios. Considere a seguinte metáfora:

Ex. 2: Este cirurgião é um açougueiro.

Inicialmente, a metáfora pode parecer explicativa em termos de projeção direta do domínio de origem (açougueiro) para o domínio alvo (cirurgia), guiados por uma série de correspondências fixas, tais como:

1. Açougueiro → cirurgião;
2. Animal (vaca) → seres humanos;
3. Bens → paciente;
4. Faca de açougueiro → bisturi, entre outros

Essa análise da relação entre domínios cruzados não pode por si explicar um elemento crucial dos significados afirmativos: *o cirurgião é incompetente*. O açougueiro, menos prestigiado do que o cirurgião, é tipicamente competente naquilo que faz e pode ser altamente respeitado. A noção de INCOMPETÊNCIA não está sendo projetada da origem ao alvo.

A seleção da imagem de origem e a interpretação da frase dependem, parcialmente, de contrastes entre cirurgiões e açougueiros; este é um fato que o mecanismo da CMT não cobre diretamente.

O modelo BT, por sua vez, conta com inferências de incompetência, como no exemplo do cirurgião. Primeiro, o *'Blend'* herda algumas estruturas de cada um dos *'inputs'*. Do espaço do *'input' alvo*, estruturado pelo domínio do cirurgião, ele herda tais elementos como: identidade de uma pessoa em particular sendo operada, identidade de outro indivíduo que está operando e, talvez, detalhes da sala de operação. Do espaço *'input' de origem*, desenhado no domínio do

açougue, herda o papel do açougueiro e todas as atividades associativas. Os dois espaços '*inputs*' compartilham algumas estruturas, representadas num espaço *genérico*, no qual, por exemplo, a pessoa usa um instrumento modelo para efetuar um procedimento em outro ser.

Ao lado de estruturas parciais herdadas de cada espaço '*input*', o '*Blend*' desenvolve *conteúdos emergentes* deles mesmos, que resultam da justaposição de elementos dos '*inputs*'. Em particular, o espaço do açougueiro projeta uma relação de significados-finais incompatíveis com relações dos significados finais do espaço cirúrgico. No açougue, o objetivo do procedimento é matar animais e separar a carne do osso. Em contraste, o objetivo do cirurgião é curar o paciente. No *espaço integrado* ('*Blend*'), os significados do açougueiro foram combinados com os fins, contextos individuais e cirúrgicos do espaço cirúrgico. A incongruência do significado açougueiro com os fins cirúrgicos leva a uma inferência central de que o açougueiro é *incompetente*. Essa propriedade emergente do '*Blend*' não pode ser captada tão explicitamente com o estilo CMT de análise, focalizando em correspondências e projeções do *domínio de origem* ao *domínio alvo*.

Pelo contexto, a frase: "Ele não é um açougueiro, é um cirurgião!" pode ser entendida como uma avaliação negativa do açougueiro. Uma vez que o '*blending*' é provavelmente novo na hora em que ele é pronunciado, o exemplo ilustra uma concepção num processo 'on-line'; isto é, em tempo-real, criando novos significados através da justaposição de material familiar. Uma frase como "Este cirurgião é um açougueiro!" provavelmente desenha associações convencionais com a palavra açougueiro e a análise da integração pode realmente ser um resultado da derivação histórica de tais usos, mais do que um processo 'on-line' que o ouvinte possa usar hoje. Mas a frase "Ele não é um açougueiro, é um cirurgião!" que depende de uma rede integracional conceitual muito similar, chama mais atenção para a explicação em termos de processos em tempo-real por significados de estruturas cognitivas, como a representada no '*blending*'.



Enquanto a CMT tem a preocupação de identificar modelos regulares e convencionais de conceitualização metafórica (e explicar extensões motivadas dessas estruturas convencionais), a teoria de Redes de Integração Conceitual - *'Blending'* tem explicitamente se dirigido a exemplos únicos e novos que não nascem na relação de domínios cruzados.

#### 1.4.1. Processos básicos de *'Blending'*

O *'Blending'* envolve três processos básicos: *composição*, *completude* e *elaboração*. A *composição*, o processo mais simples, refere-se à projeção do conteúdo de cada *'input'* no espaço *'blend'*. Algumas vezes, o processo envolve fusão de elementos dos *'inputs'*, quando o *'blending'* contém apenas um indivíduo, associado aos dois espaços *'inputs'*. Por exemplo, na frase: "Ele não é um cirurgião, é um açougueiro!", um único indivíduo está associado ao açougueiro de um espaço e ao cirurgião de outro. As representações resultantes do processo de composição podem ou não ser realísticas; não é plausível, por exemplo, que ao açougueiro seja permitido fazer o que faz o cirurgião, todavia, facilmente, construímos e manipulamos tais imagens integradas.

*Completude* é o preenchimento do modelo no *'blend'*, evocando estrutura projetada do espaço *'input'* que se encontra com a informação na memória de longo prazo (termo). Por exemplo, quando projetamos um açougueiro numa sala de operação, nós nos encontramos traduzindo a noção de incompetência e/ou de malícia na cena, para que tal cena tenha sentido.

Finalmente a *elaboração* é a *'performance'* da simulação mental do evento no *'blend'*, que podemos continuar indefinidamente. Por exemplo, poderíamos nos movimentar da imagem do açougueiro cortando um paciente à sua imagem mais grotesca empacotando friamente os tecidos dos pacientes. Uma vez que a conexão para o conhecimento de longo prazo (termo) sobre operação e açougue

foi feita, estamos aptos a imaginar cenários que se desdobrem em várias trajetórias possíveis.

Em cada um desses estágios, há um potencial para emergirem novos conteúdos dos espaços '*inputs*'. Novas justaposições, novos '*frames*', novos *modelos* surgem, quando nós combinamos elementos de espaços mentais distintos. Esses pedaços da estrutura emergente são os principais diagnósticos para ocorrência do '*blending*'.

### **1.5. Como o texto é gerado e compreendido no processo de integração conceitual.**

Com o objetivo de descrever de modo mais amplo o processo de integração conceitual, para aplicá-lo, depois, à prática da redação criativa, é importante rever o conceito de texto. Entendemos, aqui, texto como “O lugar característico da interação epistemológica dos seres humanos com o mundo da experiência, ou simplesmente o lugar da construção da própria existência.” (MARCUSCHI, 1999).

Koch (2002) diz, ainda, sobre texto:

[...] o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Desta forma, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (KOCH, op. cit., p. 17, grifo do autor)

Para Marcuschi (1999), o texto sempre põe em andamento um *espaço cognitivo*. Nesta concepção, não necessitamos sair a todo instante do texto para a realidade extra-texto a fim de interagir com ela. Recuperam-se as noções de espaço mental ('mental space'), correspondência ('mapping') e integração conceitual ('blending'),

propostas por Fauconnier (1997), tornando-as produtivas para a Lingüística Textual de base Cognitiva.

A produção e a compreensão textuais envolvem construção de domínios cognitivos hierarquicamente organizados e interligados. Domínios que nem sempre exibem conectores e estruturas sintáticas explícitos, pois podem ser apenas sugeridos e constituírem o ponto de vista base para a integração conceitual, realizada a partir, também, das condições de inserção sócio-cultural. De forma bastante semelhante Koch (2002) nos diz a respeito da compreensão textual:

[...] a compreensão deixa de ser entendida como simples 'capacitação' de uma representação ou como a decodificação de mensagem resultante de um emissor. Ela é, isto sim, uma *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua construção deste no interior do evento comunicativo. (KOCH, op. cit., p.17, grifos do autor).

Marcuschi (1999; grifos nossos) destaca, ainda, que *ponto de vista*, para Fauconnier (1994), é sempre *um aspecto relevante para o espaço base*, fornecendo o acesso que ancorará a reconstrução mental dos cenários de entrada para a contraparte, a que constitui a interpretação dêitica, referencial, metonímica, metafórica, analógica ou associativa. Produzir um texto, portanto é:

*Oferecer espaços sócio-cognitivos mediante processos de enunciação seletivos e enquadres ("frames") que geram inferências (novos espaços mentais) mediante integração de conhecimentos ("blending").* (MARCUSCHI, 1999, p.10 grifos nossos).

A metáfora é um desses processos, logo, operar com metáforas é operar com usos referenciais da linguagem. E, ainda, como reforça Marcuschi (1999), os

domínios cognitivos são focos geradores dos quais devemos dar conta numa teoria da construção da significação e da referenciação na produção textual. Logo, a metáfora consiste em um desses domínios de força geradores de espaços mentais importantes no processo de produção textual.

## [2]

### Analogia

*"Quando escrevo, repito o que já vivi antes.  
E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente.  
Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo  
vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser  
um crocodilo porque amo os grandes rios,  
pois são profundos como a alma de um homem.  
Na superfície são muito vivazes e claros,  
mas nas profundezas são tranqüilos e escuros  
como o sofrimento dos homens."*

(João Guimarães Rosa, em: [http://www.releituras.com/guimarosa\\_bio.asp](http://www.releituras.com/guimarosa_bio.asp))

A analogia, segundo Turner (2001) e Fauconnier (2001), é um tópico básico e importante nas ciências sociais, geralmente reconhecido como assunto importante para explicar teorias e discutir temas, em áreas diversas como Economia, Direito, Administração, Política e Cultura. Com o desenvolvimento da Ciência Cognitiva, entendemos a analogia como *processo centralizado na construção e na reconstrução de espaços 'inputs'; isto é, dos análogos*. Ela é baseada na simulação desses espaços, em contínua revisão, e não na comparação de duas 'coisas', colocando-as em combinações diretas<sup>16</sup>. Pelo contrário, ela é, no princípio, uma combinação primeiro intuitiva, e depois esquemática, de espaços 'inputs', numa simulação de *Redes de Integração* ou *'Blending'*.

Há um interessante exemplo, discutido por Turner (2001), em seu livro *Cognitive Dimensions of Social Science*, de como a Ciência Cognitiva pode ser útil e ajudar a explicar e a entender situações de ordem econômica, política e social. Temos, sobretudo, um exemplo de como conciliamos a teoria da *metáfora* aos espaços integrados *blends* e ao conceito, amplamente discutido, de *projeção*. Na verdade, o que vem sendo aqui estudado, sob o nome *analogia*, nada mais é do que

---

<sup>16</sup> Combinação direta de duas 'coisas', como aqui colocada, remete-nos ao conceito aristotélico de metáfora, já discutido no capítulo anterior.

estudar relações de projeção *não-diretas* de espaços '*inputs*'; uma relação de *projeção* e construção de significados a partir da *Rede de Integração*.

O exemplo<sup>17</sup> fala sobre a idade estabelecida na França para aposentadoria. A discussão suscitada é sobre a polêmica atitude do então presidente francês Jacques Chirac em não aceitar a proposta de política de aposentadoria dos trabalhadores, fixada em uma idade mínima de cinquenta e cinco anos de idade. Atitude que gerou um caloroso debate político no país e rendeu muitas reportagens nos mais importantes jornais do país e do mundo.

A análise feita por Turner (2001) se dá em cima de um cartum, publicado no jornal francês *Le Figaro*, em 13 de janeiro de 1997. O jornal apresentava respectivamente a seguinte "headline" e "subheadline":

- "Aposentadoria aos 55: Chirac veta."
  - "Apesar de 61% dos franceses apoiarem a política de aposentadoria aos 55 anos..."

O cartum mostrava um pai ansioso na sala de espera de uma maternidade. Ele acaba de ler, no jornal, a reportagem sobre o presidente francês fazer resistência à política de aposentadoria aos cinquenta e cinco anos. O médico, muito desconcertado, entra na sala, acompanhado de uma enfermeira, e diz ao pai: "seu bebê se recusa vir ao mundo antes de ser avisado de com qual idade ele poderá se aposentar; isto é, se encontrar trabalho". Com uma frase como esta, parece-nos que a inferência imediata para os leitores franceses é que a demanda pela política de aposentadoria seria um absurdo.

Mais ainda, se olharmos a manchete, entendemos que a maioria da população não aprovava a atitude do presidente em vetar essa lei de aposentadoria aos cinquenta e cinco anos. Ao entrarem em greve, os trabalhadores, para assegurar

<sup>17</sup> No livro *Cognitive Dimensions of Social Science* não aparece a imagem do *cartum*. Tentamos encontrá-la para mostrar a figura relacionada à descrição e à análise da analogia, mas não foi possível.

uma política de aposentadoria, estariam agindo como um feto entrando em greve na sala de parto e se recusando a nascer.

A última frase do médico "se encontrar trabalho" é bastante desconfortante, uma vez que os índices de desemprego e de subemprego são cada vez mais altos na França, especialmente entre os mais jovens. Seria particularmente estúpida, ainda, a demanda por uma política governamental de aposentadoria mais cedo, quando o país se depara com o grande problema do desemprego. Transferindo, portanto, a situação para a fala do bebê, o que ele deveria ter pedido, se é que caberia algum tipo de pedido, seria uma oportunidade de emprego, e não uma aposentadoria mais cedo.

Outros leitores teriam feito mais uma outra inferência aparentemente 'absurda': o bebê poderia causar dificuldades durante o parto, mas muito provavelmente também sofreria com elas, ou até morreria em consequência delas, o que nos faz pensar na irracionalidade de um bebê tentar dificultar seu próprio nascimento. A recusa do bebê pode ser entendida como tola e arrogante, uma vez que, inevitavelmente, os processos médicos, e até mesmos os mais naturais, podem forçar um bebê a nascer, apesar das dificuldades.

A inferência central dessa analogia é que o eleitorado francês deveria mudar o foco da política de aposentadoria para o auxílio ao governo na luta contra a economia doente e o alto desemprego; mensagem que estaria em acordo com a postura política do jornal *Le Figaro*.

A pergunta que fazemos é como chegamos a essa idéia por meio da analogia? Certamente, como veremos nas discussões a seguir, ela não é conseguida por meio do senso comum de analogia, mas sim a partir da idéia de que a analogia é construída essencialmente por meio da criatividade em forjar e conectar espaços análogos de forma não-linear, para a construção de sentidos únicos e compartilhados.

Adotando a idéia do senso comum de analogia, entretando, chegamos a uma série de inferências, mostradas a seguir que, de fato, não fazem sentido e não nos servem à crítica central do cartum quanto à política de aposentadoria esperada pelos trabalhadores franceses e rejeitada pelo presidente Jacques Chirac. Isto é, a idéia de que para se ter uma analogia são necessários dois análogos preexistentes e lineares, alinhados e combinados, para termos inferências projetadas diretamente de um ao outro é questionada em Turner (2001, p. 121).

Os análogos para serem combinados, nesse caso do cartum, seriam a cena com o pai na sala de espera da maternidade e a cena dos trabalhadores franceses pedindo por uma política de aposentadoria antecipada. Que significado poderíamos construir com essas duas combinações? Seria possível isso? Poderíamos sim combinar o trabalho da mãe ao trabalho dos cidadãos franceses, mas essa conexão não nos diria algo para essa analogia e não nos levaria a resolver coisa alguma. Teríamos algum conhecimento prévio sobre fetos o qual nos levaria à analogia com os trabalhadores franceses, que fazem exigências sobre suas condições de emprego? Seria, ainda, possível uma combinação entre a recusa do bebê para nascer e a não entrega de passageiros e bens - uma vez que trabalhadores do transporte francês estavam, naquele momento, em greve - mas essa combinação seria opcional e não nos levaria à inferência absurda alguma, podendo ser fatalmente mal-entendida, uma vez que ela combinaria o médico responsável pelo parto, combinação que destruiria a analogia.

Parece-nos claro, portanto, que, qualquer ligação direta entre duas noções preexistentes não constrói de fato uma analogia. A combinação não funciona, e também não a projeção das inferências da *origem* ao *alvo*. O espaço familiar de origem seria o nascimento em uma sala de parto, completado com o *'frame'* da sala de espera, já o espaço alvo seria a política de trabalho francesa. Acontece que não há feto algum, no espaço de origem, que faça um tipo de reivindicação dessa, e também médico algum indignado com a atitude do feto. No espaço de



origem, ainda, não há pessoas que entram na sala de espera para protestar contra o ponto de vista pouco razoável do feto.

Nenhum deles e nenhuma das inferências associadas de fato existem no espaço de origem para serem projetadas no espaço alvo. O absurdo da situação (em comparação àquilo que acontece na realidade) não pertence ao espaço de origem preexistente e nem ao alvo preexistente também. A inferência do cartum é que as reivindicações dos trabalhadores franceses são absolutamente absurdas, sob qualquer perspectiva. Mas, se tal absurdo fizesse parte do alvo preexistente, não haveria necessidade de se fazer a analogia. A motivação para a analogia é, conseqüentemente, os '61% dos cidadãos franceses', que, de fato, apoiaram essa medida de aposentadoria aos cinqüenta e cinco anos e que deveriam ser persuadidos a mudar o apoio.

O cartum é, sem erro, organizado por um *'frame'* conceitual abstrato no espaço de origem - *a sala de parto e a sala de espera*. O espaço de origem também contém alguns elementos específicos, isto é, elementos esclarecedores na construção do cartum.

Voltemos à cena do jornal na mão do pai, na *sala de espera*. Naturalmente o pai deveria ter lido o jornal, enquanto esperava o nascimento do filho, e a analogia explora essa possibilidade. Mas a motivação para incluir o jornal na analogia não seria para evocar o *'frame'* *sala de espera* e também *não para nos levar a projetar o jornal a uma contraparte análoga no espaço-alvo*. O jornal foi incorporado ao *'frame'* *sala de espera*, pois ele é importante para o alvo: ele anuncia a resistência política do presidente Jacques Chirac em relação à aposentadoria. A construção da *sala de espera* é, portanto, dirigida por uma *analogia de origem*, que pode funcionar.

A manchete do jornal é o último dos elementos que compõem o *'frame'* *sala de espera* e aparece, entretanto, sobre pressão do alvo. A dificuldade do parto e a

frustração do médico são motivados somente pelo alvo. De fato, há elementos no cartum que são impossíveis para uma sala de espera normal, ou real. A perversidade do feto e desaprovação da atitude do mesmo por parte do médico e da enfermeira, e presumidamente por parte do pai; o discurso do feto e sua lógica; a ironia absurda de tratar o problema da aposentadoria à frente do problema do desemprego; tudo isso veio trazido somente do alvo.

A operação mental que levamos em conta para essa analogia e seu trabalho não é retroativa ao seu trabalho preexistente de origem e às noções do alvo, alinhavadas e combinadas aos seus elementos, e a projeção de inferências da origem ao alvo. Pelo contrário, a projeção mental relevante é a *integração conceitual*. Ou seja, temos, aqui, uma relação de construção dos significados a partir da relação de *Redes de Integração Conceitual*, ou '*Blending*'.

No exemplo do cartum, os espaços de influência ou contribuição para o '*blend*' são a situação do trabalho na França em relação aos trabalhadores franceses, e da sala de parto da maternidade em relação ao feto. No espaço '*blend*', encontramos uma facção do debate do trabalhador na França e a situação do bebê.

A partir de uma importância particular e específica desse cartum, a construção e a interpretação podem ser feitas em qualquer espaço e a qualquer hora, como qualquer desenvolvimento de uma *Rede de Integração Conceitual*. Em particular, os espaços de contribuição podem ser *re-representados, reconstruídos e reinterpretados*. Por exemplo, apesar de a noção da sala de espera não incluir, convencionalmente, que o médico vá até lá para reportar um problema ou, ainda, que um pai, ansioso à espera do nascimento de seu filho esteja lendo um jornal; mesmo assim, essas estruturas podem ser tiradas do espaço de origem e são solicitadas para o *blended*, sob a pressão do alvo - problemas trabalhistas e políticos, cujas visões são veiculadas pela mídia.

Quando um *'frame'*, em organização no *'blend'*, for emprestado da origem, ele pode ser elaborado para o *'blend'* com estrutura não inclusa nela ou de fato impossível para a origem. Por exemplo, o bebê no cartum desenvolveu capacidades altamente expressivas, intencionais e políticas, projetadas a ele, a partir do trabalho no espaço-alvo, mas nós não projetamos essas habilidades de volta à origem: nós não interpretamos esse cartum revisando a nossa noção de feto, pois, revisar a noção de feto<sup>18</sup> não é necessário para incluir essas habilidades avançadas no espaço *'blend'*. Nessa rede, a *origem*, o *alvo* e o *'blend'* estão distintos e não se tornam confusos.

Dado o gênero *'cartum'*, sabemos que o propósito dessa analogia é projetar inferências do *'blend'* ao alvo, muito mais do que do *'blend'* à origem. Desenvolvemos, no *'blend'*, a inferência de que algo aconteceu de errado com o curso natural das coisas, mas não projetamos de volta à origem o fato de quando o parto foi realmente fracassado, seria interessante para o médico, por exemplo, ter atitudes como sair para dar uma volta na sala de espera a fim de ter a simpatia do pai. Nós, ainda, não projetamos de volta do *'blend'* para a origem a inferência de que, numa verdadeira emergência, a reação do pai ansioso e do médico deveria ser espantosa diante do comportamento do feto, muito mais do que sobre a saúde da mãe e da criança. Mas projetamos, sim, o absurdo da exigência do bebê (colocar um problema futuro - aposentadoria - se ele nem sabe se vai ser trabalhador) no *'blend'*, de volta ao alvo (pedido dos trabalhadores).

O bebê no *'blend'* é um indivíduo que não obteve ainda um emprego. Parte do raciocínio com que julgamos o bebê irracional é que, para o indivíduo, isto seria manifestamente ilógico: preocupar-se mais com a aposentadoria antecipada do que com ter um emprego. Entretanto essa inferência não pode ser identicamente projetada a cada trabalhador francês individualmente que já está empregado.

---

<sup>18</sup> Há outros casos em que a estrutura emergente no espaço *'blend'* é revisada e lançada de volta ao espaço input, construindo outras operações.

Também parece não projetar, identicamente, a cada desempregado francês individualmente, que pode estar diretamente interessado mais em ter um emprego a ter uma aposentadoria antecipada.

A inferência é projetada não identicamente, mas de forma relativa, para o alvo; uma inferência não para indivíduos, mas para cidadãos franceses como um corpo político. A idade individualmente da aposentadoria do bebê é projetada à idade de aposentadoria do trabalhador a ser estipulada politicamente, e a perspectiva individual do bebê para o emprego é projetada à situação do emprego em geral na França.

No alvo, esses números são apresentados de um jeito a não parecer um absurdo - "61% dos cidadãos franceses concordam..."; mas, no 'blend', esses números se direcionam a uma situação de um único indivíduo, cuja necessidade de saber qual a situação da idade permitida para sua aposentadoria é muito maior do que a sua preocupação com as perspectivas de emprego na França.

O cartunista espera, então, induzir o leitor a uma idéia no *alvo* de que *o projeto de aposentadoria é absurdo e irônico*. A implicação pretendida da *rede de integração analógica* é que uma vez que o desemprego é um assunto de toda a nação, os cidadãos franceses não deveriam reivindicar caras políticas de aposentadoria. As duas inferências centrais da analogia são construídas somente no 'blend'; elas não estão disponíveis nos espaços de contribuição.

A analogia desse cartum, que aparece na página inicial do jornal como ilustração da estória principal, não apresenta dificuldades, desde que seus leitores considerem um quadro de analogia como uma simulação simultânea dos *espaços de contribuição ('inputs')*, o 'blend' e as conexões em uma *rede de integração dinâmica*. Aqui temos, então, um quadro da *natureza da analogia*, construída a partir de *redes de integração conceitual* ou 'blending'.

**[3]****Estórias, Projeções e Parábolas**Parábolas

*A imagem daqueles salgueiros n' água é mais nítida e pura que os próprios salgueiros. E tem também uma tristeza toda sua, uma tristeza que não está nos primitivos salgueiros.*

*(Mário Quintana. Coleção melhores poemas. São Paulo, global editora, 2006. 17ª ed.)*

Nosso caminho nos processos de projeção parte do estudo sobre a metáfora cognitiva, uma vez que os entendemos como sendo construídos, combinados, estruturados e reestruturados na rede de integração, ou 'blending'. O que nos importa, de fato, é entender esses *processos de projeção* acontecendo em níveis de abstração diferentes, mas todos atuando na construção do 'blending', e, portanto, na construção do significado. Aquilo que muito especificamente se considerou para os estudos da metáfora, primeiramente na CMT e depois no 'blending' metafórico - e discutido no capítulo 1 -, agora é visto como parte dos *processos de projeção*, que se estende, a partir do conceito de redes de integração, à analogia e à parábola.

Conseqüentemente, poderemos estabelecer relações muito próximas entre alguns princípios já discutidos em relação à metáfora, como categorização, invariância, personificação, esquemas-de-imagem, entre outros, e novamente revistos neste capítulo. Entretanto, desta vez, entendidos em uma nova 'roupagem'.

No capítulo anterior, focalizamos a analogia e entendemos como ela se constrói no processo 'blending'. Neste capítulo, damos atenção especial às projeções de estórias, constituindo um dos fenômenos mais importantes da linguagem humana:

a *parábola*, minuciosamente discutida em Turner (1996), em seu livro *The Literary Mind*.

A *Parábola* é construída a partir do 'blending', envolvendo metáforas, metonímias, espaço 'blend', espaço genérico, 'inputs', analogias, 'frames'; isto é, construído a partir do processo de Integração Conceitual - 'Blending'.

### **3.1. Parabole**

Tida como um tipo especial de literatura, a parábola convenientemente combina histórias e projeções; servindo como um laboratório em que grandes acontecimentos e coisas são condensados em pequenos espaços. Entender a parábola é entender uma das capacidades fundamentais da nossa mente cotidiana, uma vez que o entendimento da complexidade de objetos, eventos e atores como organizados pelo nosso conhecimento de histórias - imaginação narrativa - é o ponto inicial da parábola. A essência da parábola é sua intrigante combinação entre duas formas básicas de conhecimento – história e projeção: *uma história é projetada sobre outra*. Essa combinação clássica produz um dos mais brilhantes e perspicazes processos de construção do significado.

A evolução do gênero parábola não é nem acidental nem exclusivamente literário: ela segue a natureza de nosso sistema conceitual. As motivações para a parábola são, por exemplo, tão fortes como as visões das cores ou a estrutura das frases ou até a habilidade de acertar um objeto a distância com um pedaço de pau; isto é, *como a motivação para qualquer atividade básica*.

Pensando assim, podemos concluir que as parábolas literárias são 'apenas' um artefato do processo mental das parábolas. Os provérbios, por exemplo, freqüentemente apresentam uma história condensada e implícita a ser interpretada

através de projeções. Vejamos o provérbio "*When the cat is away the mice will play*"<sup>19</sup> (*quando o gato sai, o rato entra em cena* - tradução nossa).

Em casos como este, a *estória alvo* ('target story')<sup>20</sup> – aquela que vamos compreender – não é nem sequer mencionada, mas, através da nossa capacidade ágil de usar ambas, *estória* e *projeção*, projetamos a *estória de origem* ('source story') sobre a *estória alvo* ('target story').

O provérbio pode ser usado em contextos diferentes e, em cada um deles, são projetadas *estórias* diferentes, criando significados próprios. Assim, "*When the cat's away, the mice will play*" ("quando o gato sai, o rato entra em cena"), dito no escritório, pode ser projetado sobre uma *estória* entre patrão e empregados. Dito em sala de aula, pode ser projetado sobre a *estória* de um professor e seus alunos. Falando de relações sexuais, pode ser projetado sobre uma *estória* de infidelidade. Com a mesma facilidade, podemos projetá-lo sobre outras *estórias*. Ou, ainda, se encontramos esse provérbio descontextualizado, num livro de provérbios, por exemplo, podemos projetá-lo sobre uma *estória* abstrata, sendo capaz de atingir um grande número de *estórias-alvo* específicas e refletir sobre os possíveis alvos aos quais poderá ser aplicado.

Nossa mente não trabalha da forma como parece, pois a facilidade com que interpretamos afirmações e construímos significados nesse modelo é absolutamente enganadora: sentimos como se nós não estivéssemos exercendo trabalho algum. É como ouvir um falante de português pronunciar grupos de sílabas por minuto. Apesar de usarmos um complicado conhecimento inconsciente para entender a fala, sentimos como se fôssemos passivos, como se meramente ouvíssemos, como se o entendimento acontecesse num passe de mágica. Com as parábolas e os provérbios, assim como com a própria língua, devemos olhar por trás da nossa aparente facilidade de entendimento, se quisermos localizar o

---

<sup>19</sup> Provérbio discutido por Turner, 1996, p.06.

<sup>20</sup> Lembramos aqui que esta relação *estória alvo/ estória de origem* é semelhante à relação estabelecida entre os domínios de origem e alvo, que tratamos anteriormente, na discussão de processos metafóricos.

intrigante trabalho inconsciente envolvido nesse processo de interpretação. E é isto que vamos tentar fazer aqui.

As fábulas todas (por exemplo a do burro e do boi, que será discutida mais à frente) consistem na combinação de *estória* e *projeção*. Até mesmo as estórias excepcionalmente mais específicas em seus cenários, personagens e diálogos se submetem a *projeções*. Frequentemente, um conto não tem uma marca declarada, mas representa aquilo que se propõe representar e, entretanto, nós o interpretaremos como sendo *uma projeção a uma narrativa abstrata muito maior, muito mais ampla; uma que se aplique a nossa vida específica*, contanto que removamos os detalhes peculiares à estória. Tal emblemática estória, seguramente particular em suas referências, pode carregar significados gerais.

A parábola, definida pelo *Oxford English Dictionary*<sup>21</sup> como "*a expressão de uma estória sobre a outra*", pareceu, à crítica literária, pertencer não somente à expressão e não exclusivamente à literatura, mas à mente em geral (já observado por C.S. Lewis, em 1936). Desta forma é que nos pontua Turner (1996, p. 07):

If we want to study the everyday mind, we can begin by turning to the literary mind exactly because the everyday mind is essentially literary.<sup>22</sup>  
(TURNER, op. cit.)

A parábola é comumente entendida como um tipo de estória literária exótica e criativa, uma subcategoria com mundos especiais de ficção. A origem grega da palavra (*parabole*), do verbo (*parabollein*) tem um significado bem mais amplo e esquemático: o lançamento ou a projeção de uma coisa sobre outra. Do latim (*projicere*). Em inglês (*to project* and *projection*). E em português (projetar e projeção). Tomaremos a palavra parábola em sentido mais restrito do que a sua

---

<sup>21</sup> Oxford English Dictionary - Advanced Learners. Oxford: Oxford University Press, 1989, 4ª edição.

<sup>22</sup> Se queremos estudar a mente do cotidiano, podemos começar voltando-nos à mente literária exatamente porque a mente cotidiana é essencialmente literária (tradução nossa).



raiz grega, mas muito mais amplo do que o comum, apresentada pelo dicionário *Oxford* (op. cit.) *parábola é a projeção de uma estória.*

A parábola, da forma como a concebemos, *refere-se ao instrumento geral e indispensável do pensamento cotidiano que aparece em todo lugar, desde dizer as horas até ler Machado de Assis.*

Usamos a palavra parábola de maneira não convencional para chamar atenção para o risco de uma concepção enganosa de que *a mente cotidiana tem pouco a ver com a literatura.* Apesar de os textos literários poderem ser especiais, os instrumentos do pensamento usados para inventá-los e interpretá-los são basicamente os do cotidiano. Em suma, trabalhos literários conhecidos como parábolas podem constituir uma ficção, mas o instrumento a que chamamos de *Parábola* tem a mais ampla utilidade na mente cotidiana. A parábola é, pois, *um processo mental básico para a construção de significados a partir de modelos cognitivos universais.*

### 3.2. As mil e uma noites<sup>23</sup>

Conta a lenda que existiu um rei, o mais poderoso entre os reis de Sassan. Era o líder de exércitos, de escravos, de empregados, e de um enorme séquito. Tinha este rei dois filhos. Ambos eram grandes cavaleiros, mas o maior, Chariar, sobrepujava o segundo. Chariar reinou sobre muitas regiões e governou com justiça entre os homens, e, por isso, os que habitavam sua região tinham-no em grande conta. Já seu irmão, o menor, chamava-se Chazaman, e era rei de Samarcán.

Cada um viveu em seu próprio reino durante vinte anos, até que o mais velho teve desejo de ver seu irmão mais novo. Ordenou, então, ao seu vizir<sup>24</sup> que partisse e que voltasse

---

<sup>23</sup> As Mil e Uma Noites é uma coletânea de fascinantes histórias inventadas e preservadas na tradição oral pelos povos árabes. Ninguém sabe ao certo quem foi (ou quem foram) o autor das fabulosas histórias contidas no livro. Porém, estima-se que as mesmas tenham sido compostas entre os séculos VIII e XV, sendo compiladas neste último. Já em sua parte introdutória, somos apresentados a uma história fascinante, que enseja o relato de todas as outras, a do rei Shariar e da rainha Shahrazad, que destacamos neste estudo.

<sup>24</sup> Governador ou ministro nomeado por soberano de um reino muçulmano. (Dicionário Houaiss)

com ele. E o vizir disse: - Eu ouço e obedeço. O vizir partiu e chegou ao reino do irmão; encontrando-o, transmitiu-lhe o salam. A seguir, fez saber que Chariar desejava imensamente vê-lo, e que o objetivo de sua viagem era convidá-lo a visitar seu irmão mais velho. O Rei Chazaman, feliz, ordenou preparativos para sua partida; a organização de seus camelos, servos, mulas e auxiliares. Em seguida, passou o poder ao seu vizir e saiu em direção aos domínios do irmão.

A caravana já ia um pouco adiantada, quando se lembrou da jóia que deveria levar como presente ao seu irmão. Voltando, encontrou sua esposa no leito real, abraçada com um escravo. Àquela visão, o mundo escureceu diante de seu rosto.

Ele pensou consigo mesmo: “Se isto aconteceu agora, que mal saí dos meus domínios, imagine-se o comportamento dessa dissoluta quando eu estivesse longe!” Pensando assim, desembainhou a espada e matou os dois. Depois voltou para sua caravana. Viajou pela noite até chegar à casa de seu irmão.

O irmão ficou feliz ao saber que ele estava chegando, e saiu ao seu encontro, recebendo-o, desejando-lhe paz. Decorou toda a cidade para a visita, e começou a falar-lhe expansivamente. Mas Chazaman recordava-se da traição da esposa e tudo para ele era só desgosto, que não conseguira esconder sua face; o rei Chariar o viu naquele estado e pensou que se tratava de preocupações com seu reino que havia sido deixado; e nada lhe perguntou a respeito. Mas, um dia, não se conteve e lhe perguntou: “Ó, meu irmão, que há contigo? Vejo tua pele se amarelar, teu corpo definhar!” O outro respondeu: “Ó meu irmão, tenho no íntimo uma grande ferida aberta!” Mas não lhe contou o que tinha visto a esposa fazer. Chariar disse: “Desejo que vás comigo à caça, porque talvez assim fiques mais alegre”. Mas Chazaman não quis aceitar o convite, e o irmão partiu sozinho para a caça.

Ora, havia no palácio real janelas que davam para o jardim. E como Chazaman estava numa das janelas, olhando a noite, viu a porta do palácio se abrir e dali saírem vinte escravas e vinte escravos; e a esposa do rei estava entre eles, orgulhosa de sua grande beleza. Chegaram a uma piscina, desnudaram-se todas e se misturaram. De repente, a esposa do rei chamou: Massud! Ó Massud!” E imediatamente correu até ela um sólido negro, que a abraçou; ela também o abraçou. Depois o negro deitou-a de costas e a possuiu. Nesse momento, os escravos fizeram o mesmo com as mulheres. Ficaram assim por muito e muito tempo. Não puseram fim a seus beijos, investidas, fofocações e outras coisas semelhantes, senão com a chegada do dia.

Ao ver aquilo, o irmão do rei pensou: “Por Alá! Minha desgraça é bem menor que esta!” E imediatamente deixou seu estado de tristeza e desgosto, dizendo a si mesmo: “Isso é muito maior do que tudo que me aconteceu!” E desde esse momento, recomeçou a beber e comer sem parar. Nesse meio tempo, o rei voltou da caça, e os dois se desejaram mutuamente paz.

Chariar observou que seu irmão estava com as cores recompostas, que comia bem, entre os sinais de bem-estar. Espantado, comentou: “Ó, meu irmão, te via, há pouco, amarelo de pele e sem apetite, mas ao que se vê, voltaram-se as cores e tua boa disposição. Contame a causa da mudança!” Ele respondeu: “Meu irmão, sabe que logo que me enviaste teu vizir para pedir minha presença aqui, como era teu desejo, fiz os preparativos para minha partida. Em seguida, porém, lembrei do presente que te destinava e que te dei no palácio: assim, refiz o caminho e encontrei minha esposa deitada com um escravo. Os dois estavam adormecidos sobre minha cama! Matei-os e vim para tua casa. Eu estava bem torturado pensando em minha aventura. Aí está o motivo de minha primitiva tristeza e do meu emagrecimento. Quanto à volta das minhas cores, dispensa-me mencionar a causa.”

Assim que o irmão ouviu aquelas palavras, disse-lhe: “Por Alá! Conjuro-te a contar a causa da volta de tuas cores!” Então Chazaman contou tudo quanto vira, desde o começo até o fim, sem omitir um detalhe da aventura da esposa desavergonhada e dos escravos, na piscina. Depois, acrescentou: “Tua calamidade me parece pior do que a minha; ela me forçou a refletir e foi a causa da volta das minhas cores e do meu apetite. Mas Alá é mais sábio.”

Chariar, ao ouvir a narrativa do irmão, ficou como que privado da razão, por quase uma hora, depois se voltou para o irmão e disse: “É preciso que eu próprio veja isso!” Seu irmão lhe disse: “Então fazei de conta que partes para a caça mas, em vez de ir, esconde-te e serás testemunha do espetáculo!” Naquela mesma hora, o rei fez proclamar sua ida à caça, e os soldados saíram com suas tendas para fora da cidade. O rei saiu também, instalou-se sob as tendas e disse a seus jovens escravos: “Que ninguém entre nos meus aposentos!” Em seguida, disfarçando-se, saiu às escondidas, dirigindo-se ao palácio, onde seu irmão lhe esperava. Chegando, pôs-se à janela que dava para o jardim.

Ora, mal passou uma hora e as escravas, rodeando sua senhora, chegavam, bem como os negros. Fizeram tudo que Chazaman disse sobre investidas, beijos, fornicações e outras coisas semelhantes. Passaram o tempo nessas folganças até a hora mediana da tarde.

Quando Chariar viu aquilo, ficou como louco e disse ao irmão: “Vamo-nos e partamos para

ver o estado de nosso destino sobre o caminho de Alá, porque nada mais devemos ter em comum com a realeza, isso até que possamos encontrar alguém que tenha tido uma aventura igual a nossa: a não ser assim, nossa morte será, em verdade, preferível à vida!” A isso o irmão deu a resposta que se fazia necessária. Depois saíram os dois por uma porta secreta do palácio. E não cessaram de viajar dia e noite, até que chegaram a uma árvore, no meio de um prado solitário perto do mar. Naquele prado, havia uma nascente de água doce; eles beberam e se sentaram para descansar.

Mal se passara uma hora do dia quando o mar começou a se agitar e, de repente, dele saiu uma coluna de fumaça negra, que subiu para o céu e se dirigiu para o prado. Vendo aquilo, os dois irmãos se assustaram e subiram aos galhos mais altos da árvore, de onde se puseram a observar.

Eis que aquela coluna se transformou num ifrit de grande estatura, largo de corpo, amplo de peito, que trazia uma caixa sobre a cabeça. Desceu à terra, veio em direção da árvore na qual eles estavam e pôs-se sob ela. Levantou a tampa da caixa e dela tirou um grande cofre de cristal, cuja tampa também levantou. Imediatamente surgiu do cofre uma jovem belíssima, luminosa como o sol quando sorri.

Depois de ter contemplado bastante a bela adolescente, o ifrit lhe disse: “Ó soberana das sedas! Ó tu que arrebatei no próprio dia de tuas núpcias! Gostaria bem de dormir um pouco neste lugar solitário, onde os olhos dos filhos de Adão não podem te ver. E depois que eu tiver repousado da viagem, farei contigo, então, a coisa do costume.” Ela lhe disse, com voz que parecia o cântico de um pássaro: “Dorme, ó pai dos gênios! Que o sono te seja reconfortante e delicioso!” O ifrit, pousando a cabeça sobre os joelhos dela, dormiu. É quanto sabemos dele.

Então a adolescente ergueu a cabeça e viu os dois reis escondidos. Imediatamente levantou a cabeça do ifrit, pousou-a no chão, e, colocando-se debaixo da árvore, disse-lhes por sinais: “Descei e não temais este ifrit!” Eles lhe responderam, também por sinais: “Oh, por Alá! Dispensa-nos desse perigoso arranjo!” Ela lhes disse: “Descei depressa senão vou acordar o ifrit e ele vos fará morrer da pior morte!” Então, eles tiveram medo e desceram para junto dela; e ela se levantou para recebê-los e lhes disse, imediatamente: “Vamos! Atacai-me com vossas lanças um ataque violento e rijo! Senão, acordarei o ifrit!” O terror fez com que Chariar dissesse: “Ó meu irmão, faze tu em primeiro lugar o que ela ordena!” Ele respondeu: “EU nada farei enquanto não me deres o exemplo, tu que és o mais velho.” E os dois começaram a insistir no convite, mutuamente, com respeito à adolescente, fazendo-se sinais com os olhos. Então ela lhes disse: “Por que vejo que ambos piscais

assim os olhos? Se não fizerdes o que ordenei, imediatamente, previno agora mesmo o ifrit!” Então, por causa do medo que tinham, ambos fizeram o que ela tinha ordenado.

Quando os dois concluíram o trabalho, ela lhes disse: “Como sois verdadeiramente experimentados!” Depois tirou do bolso um saquinho, e dele extraiu um colar composto de quinhentos e setenta anéis de sinete e lhes disse: “Sabeis o que é isso?” Eles responderam que não. Ela disse: “Os proprietários destes sinetes tiveram união amorosa comigo, sob os cornos insensíveis deste ifrit. Portanto, vós, irmãos, dai-me os vossos.” Então eles lhes deram, tirando-os de seus dedos. Ela lhes disse a seguir: “Sabei que este ifrit roubou-me de meu noivo na noite de minhas núpcias, colocou-me nesse cofre de cristal e, pondo o cofre na caixa, colocou na caixa sete cadeados e me pôs no fundo do mar mugidor, que se bate e se choca através das ondas. Mas ele não sabia que quando uma mulher deseja alguma coisa, nada poderá vencê-la.”

Os irmãos, espantados, disseram um ao outro: “Se aquele, que é um ifrit, a despeito de seu poder, não deixou de sofrer calamidades maiores que as nossas, aí está uma aventura que nos deve consolar!” Assim, naquele momento, deixaram a adolescente com salams e palavras, e consolados, esclarecidos e enriquecidos de resoluções, voltou cada qual para a sua cidade.

Quando Chariar entrou em seu palácio, mandou cortar o pescoço da esposa, das escravas e escravos. Depois ordenou a seu vizir que trouxesse cada noite uma jovem virgem. E cada noite ele tomava assim uma jovem virgem e tirava sua virgindade. E, passada aquela noite, matava-a. E não cessou de agir assim por três anos. Os homens viviam entre gritos de dor e aterrorizados, e fugiam com as filhas que lhes restavam. E não ficou na cidade jovem alguma em estado de servir aos ímpetos do rei.

Nesse ínterim, o rei ordenou que trouxesse outra jovem, como de costume. O vizir saiu e procurou, mas não encontrou jovem alguma. Todo triste, todo aflito, voltou para casa, com a alma cheia de terror, por causa do rei. Ora, esse vizir tinha também duas filhas, cheias de beleza. O nome da mais velha era Sherazade e o da mais nova, Doniazade. A mais velha, Sherazade, tinha lido os livros, os anais, as lendas dos reis antigos e as histórias dos povos passados. Dizem também que possuía milhares de livros de histórias referentes aos povos e aos tempos passados, e aos reis da antigüidade, e aos poetas.

Ela era muito eloqüente e muito agradável de se ouvir. À vista de seu pai, ela disse: “Por que vos vejo assim, tão mudado, carregando o fardo de desgostos e aflições? Sabei ó pai, disse o poeta “Ó tu que te desgostas, consola-te!” Nada pode durar; toda alegria se evapora e todo o desgosto se esquece!”

Quando o vizir ouviu aquelas palavras, contou à filha tudo quanto havia acontecido desde o começo até o fim, no que se referia ao rei. Então Sherazade lhe disse: “Por Alá, ó pai, casa-me com esse rei, porque ou viverei, ou serei um resgate para as filhas dos muçulmanos e a causa da libertação delas das mãos do rei!” E então ele lhe disse: “Por Alá, conjuro-te. Não te exponhas assim jamais ao perigo!” Ela lhe disse: “É necessário fazer isso.” Então ele falou: “Toma cuidado para que não te aconteça o que aconteceu ao burro, e ao boi, com o lavrador!”

Ela perguntou: “E o que foi?” E o vizir disse à sua filha: “Sabe, ó minha filha, 'era uma vez' um comerciante, senhor de grandes riquezas e de gado, casado e pai de filhos. Ele tinha, também, o conhecimento da língua dos animais e dos pássaros. O lugar onde habitava esse comerciante era uma região fértil à margem de um rio. Na casa do comerciante, havia também um burro e um boi.

Um dia, o boi chegou ao lugar ocupado pelo burro, e encontrou aquele lugar varrido, regado de água; na gamela havia cevada bem joeirada e palha bem desfiada. O burro estava deitado, em repouso. Quando o senhor montava o burro, era apenas para um pequeno trecho de caminho, que por acaso precisasse percorrer com urgência; mas logo o burro voltava depressa ao seu repouso. Nesse dia, o comerciante ouviu o boi, que dizia ao burro: “Come com delícias! E que isso te seja são, proveitoso e de boa digestão! Eu, que estou fatigado, e tu, repousado; tu comes a cevada bem joeirada, e tu és servido! E se às vezes, por alguns momentos, teu senhor te monta, bem depressa te traz de volta! Quanto a mim, não sirvo senão para a labuta e para o trabalho do moinho!” Então o burro disse: “Ó pai do vigor e da paciência, em vez de te lamentares, faze o que vou te dizer. Porque te digo por amizade, simplesmente. Quando saíres para o campo e meterem o jugo no teu pescoço, atira-te por terra e não te levantes, mesmo que te batam. E quando te levantares, deita-te depressa pela segunda vez. Se te fizerem voltar ao estábulo e te apresentarem favas, não as coma, faze como se estivesses doente. Assim, esforça-te por não comer nem beber por um dia, dois ou três. Dessa maneira, repousarás da fadiga e do trabalho.”

O comerciante estava lá, escondido, e ouvia aquelas palavras. Quando o tratador do gado veio para junto do boi, a fim de lhe dar forragem, viu que o animal comia muito pouco, e quando, pela manhã, veio buscá-lo para o trabalho, encontrou-o doente. Então o comerciante disse ao tratador do gado: “Leva o burro e faze que ele trabalhe no lugar do boi, durante todo o dia!” E o homem voltou, levou o burro no lugar do boi, e fez que ele trabalhasse durante o dia inteiro.

Quando, ao fim do dia, o burro voltou ao estábulo, o boi agradeceu-lhe a benevolência, e por ter deixado que ele repousasse de sua fadiga durante aquele dia. Mas o burro não deu resposta alguma, e se arrependeu ao máximo. Na manhã seguinte, o sementeiro veio buscar o burro e o fez trabalhar até o fim do dia. O burro voltou com o pescoço esfolado e extenuado pela fadiga. E o boi, tendo-o visto naquele estado, começou a lhe agradecer com efusão e a glorificá-lo com louvores. Então o burro disse: “Eu antes estava bem tranqüilo; ora, as minhas curiosidades me prejudicam.” Depois acrescentou: “É preciso que saibas que vou te dar ainda um bom conselho: ouvi nosso senhor que dizia: “Se o boi não se levantar de seu lugar, será preciso dá-lo ao magarefe para que o imole e faça de sua pele um couro para a mesa.” Eu tive bastante medo por ti e aviso-te para tua salvação”.

Quando o boi ouviu as palavras do burro, agradeceu-lhe e disse: “Amanhã irei livremente com eles, tratar das minhas ocupações.” E na mesma hora começou a comer e engoliu toda a forragem. Era tudo! E seu senhor, escondido, ouvia as palavras deles. Quando o dia apareceu, o comerciante saiu com a esposa para a habitação dos bois e das vacas e ali sentaram. Então o tratador veio, tomou o boi e saiu. Mas à vista de seu senhor, o boi começou a agitar a cauda, e soltar ventosidades, ruidosamente, e a galopar como doido em todos os sentidos. Então o comerciante foi tomado de tal ataque de risos que caiu sobre o traseiro. E sua esposa lhe disse: - “De que te ris?” Ele disse: “De uma coisa que vi e ouvi”. ([www.culturabrasil.com.br](http://www.culturabrasil.com.br) - Adaptado)

### **3.3. As Mil e Uma Projeções**

Com essa estória do burro e do boi, o vizir, conselheiro do rei Chariar, começa a advertir sua filha, Sherazade, conhecida por nós como a rainha dos contos das mil e uma noites, cuja beleza e genialidade a tornou famosa. Até este momento, ela não tinha se tornado famosa e nem se oferecido, oficialmente, para ser a esposa do rei Chariar. Muito menos teria começado a contar suas maravilhosas estórias. Ela é, neste momento da advertência, apenas a filha do vizir, e assim seu pai gostaria que continuasse. Nos últimos três anos, conforme vimos no conto, teria sido árdua a tarefa do vizir em executar as esposas do rei e procurar uma nova virgem.

O problema começou quando Chariar descobriu que sua primeira esposa era infiel e ficou convencido de que nenhuma mulher merecia crédito, dado ao episódio em que fora envolvido. Com pesar e sofrimento, ele abandonou seu trono e, quando voltou, ordenou que matassem sua mulher. A situação no reino era bastante ruim, com muitas rebeliões, mas o vizir, enquanto isso, corria atrás de virgens para oferecê-las ao rei. Sherazade, a filha mais velha do vizir, ofereceu-se, ela mesma, para ser a próxima noiva do rei, *mas não a próxima vítima*. Ela estava longe de querer pôr seu pai em uma posição difícil, sendo obrigado a executá-la. Pelo contrário, ela se casaria com o rei e, contando-lhe belas histórias, livraria o pai da obrigação de a cada manhã executar a esposa que trouxera para se casar com o rei no dia anterior e de ir a procura de uma nova virgem. Sua idéia era começar mais uma vez, a cada dia, a mesma história, mudando os locais e os detalhes, mas sempre com o final tradicional e comum.

A imagem que se cria de Sherazade na noite de núpcias é incomum, dada as circunstâncias. Depois de se deitar com o rei, ela começaria a contar uma história, supostamente para a sua irmã mais nova, Doniazade, mas, na verdade, seria para o rei escutar. Ela interromperia a história, no momento de seu clímax, uma vez que sua irmã teria caído no sono. E então, o rei, para ouvir o final da história, teria de adiar a sua execução por um dia. Ela esperava repetir esse truque por tantos dias quanto fosse possível.

O vizir temia que sua filha sofresse, e, fiel em seu caráter e ao seu papel, ele tentou alertá-la, *contando-lhe uma história*; a de um burro que, orgulhoso de sua inteligência, esquematizou trapacear o fazendeiro, fazendo com que o simples boi escapasse do trabalho. O plano funcionou, mas não da forma como o burro esperava, pois o fazendeiro ordenou ao burro que trabalhasse no lugar do boi.

Usando essa história para alertar Sherazade, o vizir se envolveu em uma *narrativa imaginária*; uma forma de pensar antes de agir. Na tentativa de mudar a opinião



da filha através de uma estória, ele endossou a estratégia que pediu para que ela rejeitasse (a de tentar mudar a cabeça do rei por meio de uma estória).

O vizir pediu a Sherazade para pensar antes de agir, imaginando uma estória e depois a avaliando. Ele traçou as desastrosas conseqüências de sua ação, implorando a ela que abandonasse o plano. Fazendo isso, ele pôs ao uso doméstico (cotidiano) uma atividade cognitiva fundamental: *a estória*.

Há algo para se destacar aqui. O vizir não disse: " olha filha, esta é a sua atual situação: por estar tão, mas tão confortável, você tem o prazer de se interessar pelos problemas dos outros. Mas, se você continuar assim, vai acabar sofrendo." Pelo contrário, ele disse: "*era uma vez*"... *existia um burro tranqüilo e confortável, que ficou interessado pelos problemas de um boi*. A principal idéia de comparação é a de que Sherazade seria o burro.

Podemos muito aprender sobre estórias, projeções e parábolas na vida cotidiana, considerando, por um momento, a estória de Chariar, mais especialmente a atitude do vizir perante a intenção de sua filha de se oferecer ao rei, como sua esposa. Para convencer Sherazade de que ela não deveria seguir seu plano, o vizir apelou a um instrumento bastante popular; a *capacidade do ser humano de contar estórias*, isto é, usando de estórias e de projeções ao contar a estória do burro e do boi.

### **3.3.1. O Esquema Mental da Parábola**

O vizir imagina as conseqüências do evento, o casamento de sua filha com o rei, mencionando uma estória que mostra a intromissão do burro no relacionamento entre o boi e o comerciante. Por projeção, ele, ao mesmo tempo, está imaginando o que aconteceria na estória de Sherazade, em sua intromissão propositada no relacionamento do rei e suas virgens. Se o evento, cujas conseqüências

imaginamos, é um ato intencional, podemos avaliar a sabedoria do ato avaliando suas conseqüências.

Sherazade tinha um objetivo: ela pretendia sucesso em salvar as pessoas ou perecer e morrer como as outras virgens. Um segundo objetivo era estabelecer um casamento duradouro com o rei Chariar. Atingindo este objetivo, automaticamente atingiria aquele. Ela, portanto, constrói, na imaginação, uma seqüência narrativa da trajetória da ação (planejamento), que a conduziria da situação presente ao casamento estável (o que constitui uma estória).

Como geralmente temos de explicar como as coisas acontecem, fazemos isso construindo um caminho da narrativa, partindo das afirmações *a priori* conhecidas e entendidas para as que temos de explicar. O plano de Sherazade para mudar a atitude de Chariar depende de uma explicação prévia e do entendimento de como o rei, casado e feliz, tornou-se o rei destruidor das mulheres.

Reconhecemos as estórias como uma complexa integração dinâmica de objetos, atores e eventos. Mas, não reconhecemos cada estória como totalmente única. Pelo contrário, sabemos que estórias abstratas se encaixam em uma série de situações específicas, a partir de categorias conceituais. A fábula do boi e do burro, no qual o burro ajuda o boi, mas depois sofre no lugar dele, é oferecida como uma estória de origem para ser projetada sobre a estória do que aconteceria se Sherazade fosse tola o suficiente para tentar ajudar as virgens sofredoras.

Continuando a estória do boi e do burro, algumas associações são feitas, inconscientemente, de forma metonímica<sup>25</sup>, como, por exemplo, a palha escolhida e peneirada como metonímia para a luxúria, o arado para o trabalho e o mó para o sofrimento. Quando pensamos do orgulho do burro ao seu sofrimento, estamos pensando esquematicamente em uma imagem de uma coisa conduzindo a outra; isto é, em um *esquema de imagem*. Ele consiste em um MOVIMENTO EM

---

<sup>25</sup> A metonímia será discutida mais detalhadamente por se tratar de um processo cognitivo básico na construção do pensamento, dos significados e das referências.

DIREÇÃO A UM CAMINHO DETERMINADO, e os pontos do caminho correspondem a estágios da estória, por isso, podemos dizer frases do tipo "a qual ponto chegamos na estória?" em referência ao movimento por um caminho direcionado. Os pontos do caminho correspondem a estágios da estória.

O vizir, ao advertir sua filha, tem um modelo mental da situação presente. Ele imagina, no espaço 'blend', o presente e o cenário hipotético no qual Sherazade vai a Chariar (cenário futuro). Mentalmente ele desenvolve esse 'blend' (unindo-os, no blend, a despeito da temporalidade - e só no 'blend' é que essa junção é possível) como se fosse um grande quadro, de um futuro hipotético. Esses dois espaços mentais narrativos, da realidade presente do vizir e do futuro hipotético, são separados no tempo e em potencial, mas há conexões conceituais entre eles, bem como diferenças.

No espaço mental do presente, o papel da filha mais velha do vizir e o papel da mulher de Chariar não ocupam o mesmo lugar. Mas no espaço mental do futuro hipotético, sim, o que seria o mesmo que dizer que o vizir estaria imaginando um futuro no qual a pessoa que ocuparia o papel de sua filha é a mesma que ocuparia o papel de esposa temporária de Chariar. O vizir expressando essas conexões, poderia dizer: " Se você se casar com Chariar, eu terei de matá-la". E nós sabemos que a causa da morte não será por ela ter desobedecido seu pai, mas por sua obrigação como vizir. E se Sherazade fosse dizer "se eu casar com o rei você irá se surpreender e será avô do próximo rei", nós, assim como o vizir, saberíamos imediatamente as conexões entre o espaço mental de Sherazade e o seu espaço mental do futuro. O espaço mental de Sherazade do futuro, por exemplo, inclui um pai, que lembrou seu primeiro espaço mental do futuro e que sabe que isto não está de acordo com seu espaço mental da realidade presente da maneira que deveria ser.

Espaços mentais narrativos temporalmente e potencialmente separados, mas com conexões conceituais entre eles, assim como diferenças, constituem o que chamamos de 'contrapartes' nos domínios de imagens.

O boi e o burro conversam, o que na fábula é comum. O 'blending' das pessoas com animais para produzir animais que falam é, também, um processo básico do pensamento. E, por fim, as parábolas são expressas em uma língua específica, cujas estruturas também podem ser vistas dentro do paradigma de redes de integração conceitual (mencionadas na introdução).

A mente cotidiana se encaixa nesses processos mentais que são literários e foram assim sempre julgados, quando imaginamos realidades e construímos significados.

Os significados culturais peculiares a uma sociedade geralmente tendem a migrar intactos através de conceitos antropológicos e históricos, mas os processos mentais básicos que tornam esses significados possíveis são universais. E a parábola é um deles. Nesse processo, o que fazemos é imaginar realidades e construir, a partir delas, significados.

O esquema mental da parábola, ou seja, aquilo que basicamente envolve esse processo cognitivo de projeção de histórias para a explicação e a realização do nosso mundo pode ser sistematizado e sintetizado da seguinte forma:

1. Predição;
2. Avaliação;
3. Planejamento;
4. Explanação;
5. Objetos e eventos;
6. Atores;
7. Estórias;
8. Projeção;
9. Metonímia;
10. Esquemas imagéticos;
11. Contrapartes no domínio de imagens;
12. 'Blending'.

#### 3.3.1.1. A Metonímia

A metonímia, do ponto de vista da lingüística cognitiva, é um processo tão importante quanto à metáfora, merecendo atenção especial. Embora seja independente da metáfora, muitas vezes aparece associada a ela. Assim como a metáfora, ela é parte fundamental do nosso sistema conceitual, exercendo um papel essencial no pensamento e na linguagem. A própria maneira como pensamos, como fazemos referências às coisas, e como agimos, em geral, é fruto de um processo metonímico, crucial ao entendimento das nossas relações cotidianas. Por Lakoff e Johnson (1980) metonímia é definida como:

One entity is being used to refer to another.”<sup>26</sup> Gibbs (1995) diz que: “People take one well-understood or easily perceived aspect of something to represent or stand for something as a whole.”<sup>27</sup>

O conceito básico da metonímia, segundo Gibbs (1995), é facilmente visto na similaridade entre várias expressões metonímicas. Exemplos como “Wall Street

---

<sup>26</sup> Uma entidade que está sendo usada para se referir a outra. (tradução nossa)

<sup>27</sup> As pessoas pegam um aspecto bem compreendido ou facilmente perceptível de alguma coisa para ficar no lugar dessa coisa ou representá-la como um todo. (tradução nossa)

está em pânico” não são expressões arbitrárias, mas refletem um princípio cognitivo geral da metonímia, em que as pessoas usam um aspecto de alguma coisa no lugar da coisa como um todo. Nesse caso, o lugar pela instituição.

Muitas dessas metonímias tornaram-se convencionais, como o próprio exemplo citado acima. Esse tipo de metonímia é muito fácil de se compreender, e raras vezes percebemos que estamos nos valendo de processos metonímicos.

A metonímia constitui uma das principais formas de referenciação. Usamos metonímias para nos referir a pessoas, eventos e situações e, portanto, refletindo um modo particular de pensamento. Seguindo Lakoff e Johnson (1980, p. 36): “Metonymy, on the other hand, has primarily a referential function, that is, allows us to use one entity to stand for another”.<sup>28</sup> Vários tipos de referência podem ser estabelecidos, a partir de mapas metonímicos gerais, desenhados no nosso sistema cognitivo. São alguns exemplos: A parte pelo todo; O autor pela obra; O lugar pela instituição; A instituição pelo responsável; O lugar pelo evento; O objeto usado pelo usuário.

A metonímia, como a metáfora, é estruturada a partir de mapas esquematizados sistematicamente e construídos de acordo com o nosso conhecimento de mundo. Ela emerge de nossas experiências cotidianas, físicas e culturais e requer um processo especial para ser entendida. Sua decodificação, também como na metáfora, pressupõe um modelo cognitivo global (“frames”, “scripts”, esquemas, cenários, eventos). Como processo de referenciação, porém, ela tem algumas restrições, por isso, quando tomamos um mapa metonímico como o autor pela obra, a metonímia só faz sentido se o conhecimento sobre o autor for compartilhado entre os interlocutores.

Algumas expressões só são entendidas em contextos específicos. Vejamos o exemplo: “A mesa quatro pediu a conta<sup>29</sup>”. Esse enunciado pode ser entendido num contexto apropriado como em um bar ou um restaurante e entre

---

<sup>28</sup> Metonímia, por outro lado, tem primordialmente função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade no lugar de outra. (tradução nossa)

<sup>29</sup> Para este exemplo, vejamos também o fenômeno da 'personificação' já discutido em Lakoff e Johnson (1980) e, mais a frente, em Turner (1996).

funcionários do local, referindo-se às pessoas que estavam sentadas à mesa de número quatro. Lakoff e Johnson (op. cit.) defendem, ainda, que a metonímia não é meramente um instrumento referencial. Ela também promove entendimento. Por exemplo, no caso da metonímia *parte pelo todo*, há muitas partes que podem estar no lugar do todo. A parte que destacamos determina qual aspecto do todo que estamos focalizando. Quando dizemos que "Ele é o cabeça da equipe", estamos usando "cabeça" para nos referirmos à pessoa que comanda a equipe. A questão não é só usar a parte (cabeça) no lugar do todo (pessoa), mas é salientar uma característica pessoal, a inteligência, metaforicamente associada à liderança, ligada à cabeça.

Abreu (2001) considera também que, dentro de uma abordagem "gestáltica", situações discursivas podem ser metonimicamente compreendidas. O conceito de "Gestalt" foi originalmente desenvolvido por psicólogos alemães no estudo de mecanismos da percepção. Para esse grupo de estudiosos, o homem não percebe as coisas isoladas e sem relação, mas as organiza no processo perceptivo como um todo significativo. A principal idéia da "Gestalt", segundo Perls (1998 p.132) é a idéia de um TODO que, quando separado em partículas e pedaços, destrói a "gestalt", pois destruiu o TODO. Nas suas próprias palavras:

... a natureza humana é organizada em partes ou todos, que é vivenciada pelo indivíduo nestes termos, e que só pode ser entendida como uma função das partes ou todos dos quais é feita.(Perls, 1988, p.19)

Para melhor entendermos como se dá esse processo, utilizamos um exemplo do próprio autor, mostrando que percebemos locais, eventos e situações como um TODO, uma unidade; mas, a cada momento, selecionamos elementos desse todo que se sobressaem, ao passo que outros elementos ficam em segundo plano. Fazemos essa seleção de acordo com um conjunto de fatores, que são entendidos por ele como INTERESSE. Estamos constantemente tentando (porque nem sempre conseguimos) fechar "gestalts".

O exemplo utilizado é de uma festa. Cada convidado presente focaliza sua atenção em um aspecto da festa, que constitui seu foco de interesse, a que a “Gestalt” chama FIGURA. O resto, portanto, fica em segundo plano, o FUNDO. Se o interesse de um dos convidados é encontrar sua namorada, no momento em que ele a encontra, fecha-se sua “gestalt”. O mesmo convidado, depois de ter encontrado sua namorada, passa a ter outro foco de interesse: beber algo. Naquele momento, para ele a bebida torna-se FIGURA, e o resto, FUNDO. Quando um garçom passa oferecendo-lhe uma bebida e ele aceita, fecha-se outra “gestalt”.

Segundo Abreu (2002), o processo metonímico pode ser entendido em termos de “gestalt”. Isso é possível se o considerarmos como um modo de configurar partes individuais num TODO, salientando a cada momento, de acordo com interesses, uma delas como FIGURA. Ele nos apresenta como exemplo a seguinte situação: no Brasil, falamos de "Restaurante para 'cem pessoas'" ou "De 'cem lugares'", em que a imagem deste são os lugares e daquele, os clientes. Já, na Espanha, é costume dizer um "Restaurante De 'Cien Cubiertos'", destacando como figura os talheres (“cubiertos”) que serão utilizados pelos clientes.

### **3.3.2. A Construção dos Significados Parabólicos**

É mais difícil de perceber o funcionamento dessas capacidades - estória, projeção e parábola - na vida cotidiana do que na literatura, mas sempre as usamos, pois constantemente construímos e projetamos pequenas estórias. Essas capacidades - estória, projeção e parábola - trabalham para nós, e tornam possível nossa vida cotidiana, além de ser a raiz do pensamento humano.

É muito comum algumas estórias terem um lado divertido e nos chamarem a atenção por isso. É comum, ainda, pensarmos que contar estórias teria uma atuação especial e cumpriria um papel especial, muito mais do que como uma atividade mental constante. Mas a estória como atividade mental é essencial ao



pensamento humano, produzindo experiências completamente já absorvidas por nós, o que nos faz raramente reconhecermos seu funcionamento, justamente pelo fato de estarem sempre presentes. A estória na nossa vida cotidiana é assim; uma atividade constante e não-notada, mais importante do que qualquer estória em particular.

É preciso analisar as estórias como atividades muito básicas e abstratas e como modelos básicos de projeção. O mesmo mecanismo básico da parábola atinge um grande número de exemplos, do cotidiano à literatura. Tomemos, por exemplo, a projeção EVENTOS EM UM ESPAÇO. As estórias espaciais podem não ser tão interessantes, pois estamos interessados na coerência de nossa experiência pessoal, a qual é um produto do pensar em pequenas estórias espaciais, mas não estamos interessados nessas estórias por elas mesmas. Quando alguém diz "diga-me, conte-me uma estória", pensamos diretamente em algo não usual e interessante. Pensamos naquilo que chamamos de literatura, mas não pensamos, por exemplo, em alguém "pondo café na xícara". Uma grande pergunta seria, por que perder tempo pensando em alguém pondo café na xícara?

Essa pequena estória acontece bilhões de vezes, em todo o mundo, repetidamente. Mas ninguém que pratica essa ação pensa que ela é uma estória interessante. Por quê? Qual a relação, então, entre uma estória que possivelmente consideraríamos interessante, como "King Lear"<sup>30</sup> e alguém pôr café na xícara? Possivelmente não prestemos a atenção a conhecimentos que passam despercebidos, mas que tornam a vida possível. Não nos preocupamos com nossos movimentos ou interações básicas com o mundo, logo, com nossas estórias básicas. Porém, elas são tão essenciais à vida que nosso domínio sobre elas apresenta-se quase que totalmente inconsciente. E apesar de essas pequenas estórias serem invenções da mente e essenciais para mente, elas não são opcionais, mas pertencem ao nosso sistema conceitual inevitavelmente.

---

<sup>30</sup> Obra de William Shakespeare, considerada um clássico da literatura Inglesa e Universal.

Quando vemos alguém sentado em uma cadeira, vemos o que os "físicos" (pois buscam olhares muito específicos), por exemplo, não conseguem reconhecer: um agente animado, praticando um ato intencional, envolvendo basicamente uma escala humana de categorias<sup>31</sup> de evento. Um *evento*, sentar; e um *objeto*, cadeira. Mas os "físicos" nos oferecem uma representação do mundo que ignora o agente, o motivo, a intencionalidade e uma gama de estruturas conceituais de todos nós, inclusive deles mesmos. Eles estão, enfim, interessados em aspectos muito específicos. Nas nossas pequenas histórias, em contrapartida, nós distinguimos objetos de eventos. Categorizamos alguns objetos como pertencentes à *categoria de pessoa* e outros, a *de cadeira*, e o que a pessoa faz com a cadeira como *a categoria sentar*. Segundo Turner (1996, p. 14):

We understand our experience in this way because we are built evolutionary to learn to distinguish objects and events and combine them in small spatial stories at human scale in a way that is useful for us. (TURNER, op. cit.)<sup>32</sup>

Segundo Turner (1996, pp. 15-16), essa atividade é uma das que a mente faz de melhor. Usamos histórias, projeções e parábolas, para pensar (articular o pensamento), começando em um nível de *pequenas histórias espaciais*. Entretanto, esse nível, apesar de totalmente inventivo e criativo, é tão não-problemático em nossa experiência e tão necessário em nossa existência, que são ignorados os fatores pré-culturais, mesmo sendo o escopo da cultura; isto é *o ser humano constrói pequenas histórias e as projeta parabolicamente*.

Reconhecemos objetos, eventos e histórias como *esquemas de imagem*. *Esquemas de imagem são modelos que se repetem na nossa experiência sensorio-motora*. São típicos *esquemas de imagem*: simetria, balanço, fronteiras interiores, deslocar para um caminho etc.

---

<sup>31</sup> Processo de categorização, minuciosamente discutido por Lakoff (1987) em *Woman, Fire, and Dangerous Things - What Categories Reveal about the Mind*.

<sup>32</sup> Nós entendemos nossa experiência dessa forma porque fomos evolutivamente capacitados para aprender a distinguir objetos e eventos e combiná-los em pequenas histórias espaciais de forma que nos sejam úteis. (tradução e grifo nossos)

Consideremos o *esquema de imagem* CONTAINER<sup>33</sup>. Como todo *esquema de imagem*, ele é mínimo. Ele tem três partes, o interior, o exterior e as fronteiras que os separam. Nós experienciamos muitas coisas como CONTAINERS: uma garrafa, uma bolsa, uma xícara, um carro, um vale na montanha, quartos, salas, cômodos, cristaleiras, caixas etc. Dois de nossos mais importantes CONTAINERS são a cabeça e o corpo (os quais nos dão interessantes metonímias). Um outro *esquema de imagem* seria, por exemplo, MOVER POR UM CAMINHO, que podemos usar para identificar movimento das pessoas, das mãos, de uma bola rolando, do leite sendo colocado na xícara.

Os *esquemas de imagem* simples podem ser combinados formando *esquemas de imagem* complexos. Podemos combinar, por exemplo, FINALIDADE DO CAMINHO e INTERIOR DE UM CONTAINER. Dessa combinação temos o *esquema de imagem* EM DIREÇÃO PARA DENTRO. Há muitos *esquemas* que podemos usar para estruturar nossas experiências e, logo, reconhecemos objetos e eventos e colocá-los em *categorias*.

Os *esquemas de imagem* nascem da percepção, mas também da interação. Reconhecer vários eventos como estruturados pelo mesmo *esquema de imagem* é reconhecer uma *categoria*. E como criamos as *categorias*? Nós temos, por exemplo, um modelo neurobiológico para arremessar um pequeno objeto. Esse modelo destaca um evento individual (por exemplo, arremessar uma pedra) e nos ajuda a formar a categoria *arremessar*. A cada vez que um modelo se torna ativo, ele é um pouco diferente, pois são diferentes as condições em que o evento acontece, há muito nos seus detalhes específicos. Nós reconhecemos cada evento individual (por exemplo o de *pegar um copo*) como pertencentes a uma categoria, em parte porque todos eles compartilham a base, o esqueleto do *esquema de imagem* da interação dinâmica.

Compartimentar o mundo em objetos envolve compartimentar o mundo em pequenas histórias, pois o nosso reconhecimento de objetos depende de histórias características nas quais eles aparecem. As parábolas geralmente projetam *esquemas imagéticos*, do espaço de origem ao espaço alvo. Quando

---

<sup>33</sup> Esquema de imagem amplamente discutido por Lakoff e Johnson (1980), em *Metaphors We Live By*.

projetamos um conceito sobre outro, os *esquemas de imagem* fazem um grande trabalho. Quando projetamos, por exemplo, *espacialidade* sobre *temporalidade*, projetamos *esquemas de imagem* pensando na hora (tempo) que não tem nenhum limite espacial, linear ou circular, por exemplo. Pensamos em eventos no tempo, que também não têm limite espacial, como características dos limites espaciais - continuidade, extensão, relação parte/todo, distinção/separação, completude, aberto/fechado, circularidade. Essa forma de conceber *tempo* e *evento no espaço* surge da projeção básica dos *esquemas de imagem* para espaço no tempo. A direção da projeção é de uma estrutura *esquema de imagem* de conceito espacial em um conceito abstrato, que, na verdade, é o mesmo princípio da metáfora, *tornar o abstrato possível*.

Toda estória é uma seqüência de movimentos da qual a atividade mental humana depende. A mente humana é altamente sofisticada em sua capacidade de construir seqüências, formando um todo. Reconhecer pequenas estórias significa não só reconhecer uma seqüência particular de objetos envolvidos em eventos particulares, mas, também, uma seqüência de objetos pertencentes a categorias envolvidas no evento a que essa categoria pertence.

Reconhecemos uma estória geral, com nossas experiências diferindo nos detalhes, mas ela nos faz sentido, por ser parte de um repertório de pequenas estórias repetidas muitas vezes. A maior parte das nossas ações constitui em executar pequenas estórias espaciais. Executá-las, reconhecê-las e imaginá-las são atividades relacionadas, pois todas estão estruturadas pelo mesmo *esquema de imagem*.

Pequenas estórias envolvem eventos e objetos. Reconhecemos alguns desses objetos como atores animados, sejam os desenhos ou filmes de animação. Tanto os seres humanos quanto os animais são reconhecidos como capazes de se moverem e de sentirem sensações. Movimento e sensações fazem parte de um *esquema de imagem* dinâmico. Reconhecer objetos, que não nós mesmos, como possuidores de sensações, depende, neste caso, de reconhecê-los como capazes de movimentarem-se. As parábolas nos fazem

inferir sensações a partir de movimentos. Vemos estórias cujos atores não somos nós mesmos, então, projetamos características de agentes animados sobre elas, características de estórias nas quais somos atores. Projetamos estórias em que somos atores quando vemos estórias em estórias em que não somos atores.

A ação corporal constitui um terreno básico da parábola na nossa mente cotidiana. AÇÃO CORPORAL é um esquema fundamental e extremamente comum de parábolas, essencial para o pensamento cotidiano, que aparece em muitos exemplos literários, pois a literatura toma a mente cotidiana como instrumento, apresentando estórias abstratas extremamente básicas e algumas de suas projeções extremamente comuns dessas estórias a partir desse esquema. Os detalhes podem parecer desinteressantes, mas, juntos, eles apresentam uma visão total da importância da parábola na nossa mente cotidiana.

Freqüentemente uma *estória espacial* não tem ator ou, pelo menos, não tem um único ator, como em "uma parede desmoronando com o tempo". Uma estória-evento como esta é fácil de se entender pela projeção. A parábola, projetando uma simples *estória-ação* sobre uma *estória-evento*, cria uma *continuidade de sentido*, ampliando o raio de ação dos eventos e o percurso dessas estórias-ação. Nas palavras de Turner (1996, p. 26) 'Parable extends story through projection.'<sup>34</sup>

Tomemos um tipo muito especial de projeção EVENTOS SÃO AÇÕES, já amplamente discutido por Lakoff e Turner (1989) em *More than Cool Reason: a field guide to poetic metaphor*. EVENTOS SÃO AÇÕES nos guia na familiar projeção estórias-ação sobre estórias-evento com ou sem atores, lembrando que a ação é um evento com um ator.

---

<sup>34</sup> 'As parábolas ampliam as estórias por meio das projeções'. (tradução nossa)

E este é um caso especial de parábola: a estória de origem é uma estória-ação, a estória alvo é qualquer tipo de estória-evento, incluindo estórias-ação. Muitos eventos acontecem na trajetória, sem agente claramente responsável pelos acontecimentos. Por exemplo, na estória de Homero (*Odisséia*), ele projetou sobre uma estória - evento espacial - uma simples estória-ação espacial na qual há um ator, *Apollo*, responsável por todas as mortes. É um caso de estória-ação não sobre uma viagem, mas sobre um ator manipulando um objeto. A estória de origem é a manifestação física de um ator sobre um objeto. (Apollo, deus do sol, "tira algo" dos navegantes - e o que ele tira é entendido como um objeto - o dia de seus retornos.) Isso parece totalmente literário, e é claro que é, uma vez que a parábola, intrigantemente, projeta uma estória de manipulação física sobre uma estória de uma viagem. Entretanto, as projeções parabólicas ocorrem na literatura sobretudo porque elas são já indispensáveis na mente cotidiana. O que geralmente acontece é projetar uma ação física espacial com ator sobre um evento físico espacial sem ator.

Por causa dessa relação é que somos capazes de construir frases do tipo "O sol castiga o nordeste". A estória de um ator que tortura alguém o queimando é projetada sobre nordeste; ou no caso de "O sol tortura o marinheiro", sobre o marinheiro. Muitas estórias-evento cotidianas podem se tornar estórias-ação. Completamos estórias-evento para incluir um ator casual, projetando um ator na estória-ação sobre um lugar vazio (não-ator) na estória-evento. O não-ator se torna um ator metafísico, geralmente uma pessoa. Assim, consideramos que "a máquina passa a comer"; "o sol a torturar" etc.

Mas não é qualquer elemento da estória-evento que pode receber a projeção do ator na estória-ação. Não é qualquer estória-ação que pode ser projetada de qualquer jeito, para cobrir qualquer evento-estória. Há restrições nas parábolas. Não surpreendentemente, estas restrições dependem do *esquema-imagem* que usamos para estruturar a estória-evento e a estória-ação.

Um evento tem sua estrutura interna: ele pode ser pontual ou geral, único ou repetitivo, aberto ou fechado, pode preservar, criar ou destruir entidades, ser cíclico ou não e assim por diante. Essa estrutura interna é esquematicamente

*imagética*; ela está na base de nosso entendimento de pequenas estórias espaciais. Tecnicamente, essa estrutura interna de um evento, que está na base do nosso entendimento, é chamada, na lingüística, de "aspecto." Isso quer dizer que pensamos nas estações do ano como algo que retorna, no tempo como uma progressão na linha do tempo, numa piscada como pontual. Nenhum desses eventos têm um espaço literal ou corporal (forma corporal), mas usamos essas imagens (esquemas de imagem) para estruturar e reorganizar esses eventos.

Ainda sobre "modelo de evento", os eventos sempre têm estrutura casual, que também é *esquema-de-imagem*. Força física, por exemplo, é tipicamente entendida como força dinâmica, através do esquema-imagem FORÇA DINÂMICA. Exemplos: "o vento derrubou a árvore"; "a marreta derrubou a porta"; "o soco derrubou o boxeador".

Entendemos todos esses eventos como instâncias de um esquema particular de imagem FORÇA FÍSICA DINÂMICA. Por isso, podemos dizer para todos que a primeira entidade (vento, marreta, soco) derrubou a outra (árvore, porta, boxeador adversário). Expressões do tipo "o rio tomou outro caminho", "o telhado desabou quando a árvore caiu sobre ele", são expressões que possuem eventos casuais, através do esquema-de-imagem FORÇA FÍSICA DINÂMICA<sup>35</sup>.

As causas são geralmente entendidas pela projeção sobre elas de esquemas-de-imagem de FORÇA DINÂMICA. Algumas causas são entendidas pela projeção sobre elas do esquema-de-imagem MOVIMENTO PELO CAMINHO. Primeiro consideremos a causa física. Evento físico do movimento geralmente envolve uma mudança de localização. Estamos em uma localização, e, em seguida, em outra. A mudança é causada pelo nosso movimento no caminho. Dizemos: a estrada nos leva do topo da montanha ao vale. Entendemos que primeiro estávamos em uma situação (no topo), e depois em uma situação

---

<sup>35</sup> Sobre o esquema de imagem FORÇA FÍSICA DINÂMICA, Talmy (1988), *Force Dynamics in Language and Cognition*, já afirmava que essa imagem de força dinâmica também é usada para estruturar causas não físicas, como quando dizemos "sua ambição o conduziu ao excesso", ou "o comitê finalmente rendeu-se."

diferente (chão firme). Ir de uma localização a outra constitui uma mudança de situação cuja causa é o movimento ao longo do caminho.

Considerar uma situação não-física: o esquema-de-imagem do movimento ao longo do caminho pode ser projetado sobre uma causa não-física, como quando dizemos "A economia afundou para o seu ponto mais baixo". A situação inicial, economia forte, é entendida pela projeção do ponto final do caminho. Ambas as situações são entendidas pela projeção a partir da projeção espacial. A relação de causa, conectando a situação inicial à segunda situação é entendida esquematicamente pela imagem de um caminho entre as localizações um e dois. Claro que CAMINHO e FORÇA DINÂMICA usualmente aparecem juntos. Por exemplo, "O medo conduziu-o a uma situação que, do contrário, ele evitaria".

Outras relações entendidas pela projeção de esquema-de-imagem física são as de habilidade (atores são capazes de atuar), obrigação ou necessidade (comando requisita uma ação), ou possibilidade (algumas condições permitem ao ator agir), dentre outras, que são tecnicamente chamadas de estruturas modais. Quando pensamos em alguém capaz de lidar com uma dificuldade, dizemos: "Ele pode quebrar essa barreira psicológica, se ele quiser." Nesse caso, vontade é entendida como força física, e dificuldade como uma barreira física em que a força física (desejo) é suficientemente grande para quebrar a barreira física (dificuldade). Sabemos que o esquema-de-imagem FORÇA DINÂMICA continua atrás dessa barreira. A projeção de uma estória-ação sobre uma estória-evento depende, portanto, da projeção de esquemas-de-imagem da primeira estória sobre a segunda. Este também é um excelente exemplo de como as categorias gramaticais são estudadas e compreendidas em termos de parábolas e projeções, como postulado por Turner (1999, p.145):

36

---

<sup>36</sup> A estória e a gramática têm uma estrutura similar, pois a gramática vem da estória por meio da parábola. A gramática não é o ponto inicial da língua, mas a parábola. A gramática nasce originalmente de operações conceituais. (tradução nossa)



Story and grammar have similar structure because grammar comes from story through parable (...) Grammar is not the beginning point of language: parable is the beginning point of language. Grammar arises originally from conceptual operations. (op.cit.)

Assim como nós categorizamos eventos de acordo com os esquemas-de-imagem compartilhados e agimos de acordo com eles, nós também projetamos histórias-ação sobre histórias-evento de acordo com seus esquemas-de-imagem, mas sob uma restrição: o resultado não deve ser um conflito de estruturas esquemáticas de imagens no alvo: deve ser uma combinação. Os esquemas-de-imagem têm de ser compatíveis. No geral, a projeção conceptual da origem ao alvo não é arbitrária, ela é guiada pelo princípio de se evitarem conflitos entre esquemas-de-imagem no alvo. É o princípio chamado de *princípio da invariância*<sup>37</sup>, que encontraremos freqüentemente na investigação da parábola. Isso não quer dizer que o esquema-de-imagem projetado da origem já exista no alvo antes da projeção, mas que o resultado da projeção não inclui contradição no esquema-de-imagem.

A projeção EVENTOS SÃO AÇÕES nos chama a *personificar certas coisas no evento*, estabelecendo uma relação de possibilidade de causa no evento. Uma história espacial de ação pode ser projetada sobre um evento não-espacial. Por exemplo, uma história não-espacial como "Ele nos deixou", "Ele foi embora"; podemos considerar a história-evento MORTE, parabolicamente pela projeção da história-ação de ALGUÉM PARTINDO. Por isso a possibilidade de frases como "Ele partiu", "Ele nos deixou" indicando que alguém morreu. A história-ação espacial de partida é projetada sobre a história-evento não-espacial da morte. Há um evento esquemático de imagem associado (pela imagem, pela forma) à concepção padrão de morte; PARTIDA SEM CHANCE DE RETORNO: alguém que estava presente e se foi para sempre. A estrutura esquemática da imagem do modelo do evento MORTE concorda com a estrutura esquemática de imagem do modelo evento PARTIDA.

---

<sup>37</sup> O mesmo princípio já tratado no capítulo sobre metáfora.

Em qualquer estória-evento de morte específica, haverá uma causa específica: doença, distúrbio, idade etc. Consideramos todas como instâncias de uma causa geral; morte em geral. O evento, de certa forma, é causado pelo elemento abstrato numa estória-evento (ato de morrer) específica. Na estória-ação da partida, poderá haver um agente que faz alguém partir. Se projetarmos a pessoa que parte sobre a que morre, e o agente que faz com que a pessoa parta sobre a morte em geral, nós personificamos a morte em geral, enquanto preservamos as relações causais. Em "Ele nos deixou", nós projetamos a pessoa que parte sobre a que morre. E em "A morte o levou", nós acrescentamos a projeção do agente que força a partida sobre a morte em geral.

A Personificação pode ser feita de várias formas. Pegar, segurar um objeto físico para tê-lo sob controle é uma ação (corporal) comum dos agentes/atores. Se agarrarmos um objeto, podemos fazer o que quisermos com ele. Quando um objeto físico está ao nosso alcance, somente um pequeno movimento nos separa de pegá-lo e controlá-lo. É comum projetarmos estórias-ação de **SEGURAR** e **CONTROLAR UM OBJETO FÍSICO** sobre estórias-evento. As condições que controlamos e apreciamos correspondem, parabolicamente, a objetos físicos que seguramos, possuímos e controlamos. Podemos dizer, conseqüentemente, "Uma oportunidade oferecida numa bandeja", "Segurou um bom emprego", "Agarrou uma boa oportunidade". A estória-ação de **AGARRAR** é algo submetido ao nosso controle. Por isso podemos dizer frases do tipo "Ele está próximo de alcançar a solução", "Ela está a um passo de conseguir", "Ele jogou uma oportunidade fora", "Ele segurou firme a oportunidade" etc.

Projetar um agente de uma estória de origem personifica algo na estória-alvo. Por exemplo, o estado de estar empregado (objeto físico); gostar desse fato (possuir algo); desgosto (ter o objeto removido de sua posse): qualquer coisa relacionada ao fato pode ser personificada como autor/agente da mudança, como em "A recessão tirou nosso emprego", projetando o agente tirar sobre a recessão. Em "O tempo impediu nossa viagem de navio", temos o tempo personificado.

EVENTOS SÃO AÇÕES ajuda-nos a entender e a projetar estórias-ação de uma caminhada, de uma viagem. Nessa projeção, os estados correspondem a localizações. Assim, o estado de 'estar vivo' corresponde a 'estar aqui', e o de 'estar morto' a 'ter partido para um lugar diferente'. Mudanças de estado correspondem a mudanças de lugar causadas pelo movimento espacial. Ainda podemos projetar a estória-ação de pegar, agarrar, segurar objetos físicos. Nesses casos, os estados correspondem a objetos físicos: podemos segurar, manter, soltar, perder um objeto físico. Parabolicamente, podemos obter ou deixar de obter um estado. Na nossa experiência espacial, normalmente, caminhamos em direção a um objeto para segurá-lo e mantê-lo. Parabolicamente, viajamos até um estado.

EVENTOS SÃO AÇÕES nos faz entender um vasto número de estórias-evento pela projeção parabólica de estórias-espaciais de ações corporais. Algumas vezes, a estória-evento alvo é ela mesma uma ação espacial, com agente ou agentes. Por exemplo, quando uma bola está voando em direção a uma pessoa, mas outra pessoa interrompe, temos um caso de estória-ação espacial, com atores. Mas através de EVENTOS SÃO AÇÕES, nós podemos projetar uma estória-ação espacial diferente sobre ela, uma em que o interceptor tira para fora a bola (fora do alcance do receptor) e, como o receptor nunca obteve de fato a bola, o interceptor não tira literalmente a bola do receptor. A bola pode nunca ter estado próxima ao receptor, o caminho também é metafórico.

Algumas vezes, a estória-evento alvo não é uma estória-ação, em que as causas são atores, mas correspondem parabolicamente a atores na estória-ação espacial. Algumas vezes, a estória-evento não é claramente espacial ou física. Por exemplo, os eventos mentais. Eles são físicos no sentido que constituem eventos neurobiológicos, mas raramente concebemos a idéia de que são físicos e espaciais. E também não concebemos como atores literais. Mas uma idéia pode corresponder parabolicamente a um ator numa estória-ação espacial. Uma idéia pode tornar-se parabolicamente em um ator/agente atuando em uma ação espacial; isto é; podemos transformar nossas idéias em agentes de movimento, como em "Aquela idéia me salvou".

Uma estória de origem (espacial com ação corporal) pode ser projetada nas seguintes estórias-alvo: a) estória de ação espacial com ator; b) estória de evento espacial sem atores; c) estória sem evento espacial.

EVENTOS SÃO AÇÕES nos guia na projeção de uma estória de ação sobre qualquer tipo de estória-evento, com ou sem ator. A ação projetada é geralmente uma ação corporal, e o evento-alvo pode ou não ser espacial.

Um dos usos mais comuns de EVENTOS SÃO AÇÕES é projetar estórias de movimentos corporais sobre outra estória-ação. EVENTOS SÃO AÇÕES, entretanto, têm uma subcategoria especial: ATORES SÃO MOVEDORES/AGENTES. É uma projeção genérica de onde derivam projeções específicas, muitas comuns e que se tornaram convencionais. Algumas foram destacadas por Lakoff e Johnson (1980) como itens separados. ATORES SÃO AGENTES é um modelo dinâmico, flexivo e que se reforça por projetar estórias de movimentos corporais sobre estórias de ação.

Há projeções muito comuns que surgem dessa relação, cuja lista não é única e nem restrita, uma vez que a projeção é um processo criativo. Por exemplo, projeção de uma estória abstrata de um movimento realizado por um agente movendo-se sob seu próprio poder, o que nos daria "Uma ação é extremamente necessária, mas o presidente pareceu estar totalmente paralisado". Esse tipo de projeção aparece constantemente na nossa linguagem cotidiana (corporal) e na linguagem literária, porque são processos cognitivos gerais indispensáveis ao pensamento e a ação humana. Eis alguns deles:

1. Os atores são atores movendo-se sob seu próprio poder;
2. As ações são movidas por atores sob seus próprios poderes;
3. Os estados (dos atores) são localizações espaciais (em que os atores podem estar dentro);

4. Ser/estar é um estado, é estar em uma localização espacial;
5. Mudança de estado (por um ator) é mudança de local (por um ator);
6. Impedimento para ação são impedimentos para movimentar-se;
7. Objetivos são localizações espaciais a que tentamos chegar.

Uma subcategoria é a manipulação literal de objetos físicos, podendo envolver empurrar, puxar, chacoalhar etc. Um dos usos mais comuns de EVENTOS SÃO AÇÕES é projetar histórias de manipulação e contato corporal sobre outras histórias de ação. EVENTOS SÃO AÇÕES têm uma segunda subcategoria especial: ATORES SÃO MANIPULADORES. É uma projeção geral de onde derivam específicas projeções. Muitas delas são comuns e se tornaram convencionais, e várias também foram estudadas por Lakoff e Johnson (1980) como itens separados.

De novo a lista de projeções comuns é apenas para sugerir possibilidades que brotam da projeção geral. De novo, os exemplos não são específicos da linguagem, mas revêem processos mentais da parábola que aparecem tanto na linguagem literária quanto na cotidiana, porque elas são modelos cognitivos gerais de projeção. Nesse caso, as projeções carregam uma história abstrata básica de manipulação sobre uma história de ação básica diferente.

1. Atores são manipuladores;
2. Ação é segurar (contato corporal);
3. Estados são objetos físicos;
4. Apreciar ou controlar um estado é segurar um objeto;
5. Mudança de estado é mudar o que se segura (o contato);

6. Impedimentos a ação são impedimentos para assegurar algo;
7. Objetivos são objetos físicos que alguém tenta assegurar;
8. Mudar de objetivo é mudar de objeto que se pretende assegurar;
9. Meios para se atingir um objetivo são ajuda para assegurar algo;
10. Progresso no objetivo é aprimoramento da estratégia para assegurar algo;
11. Meios mais rápidos são caminhos mais rápidos para se assegurar algo;
12. Causas da ação são causas de se manipular um objeto.

Para manipular um objeto, nós geralmente temos de ir até ele, mover nossos braços e alcançá-lo, segurá-lo e manipulá-lo. Movimento e manipulação combinam naturalmente em nossas experiências e em nossas categorizações de nós mesmos e de outros atores. Esses dois casos especiais de **EVENTOS SÃO - AÇÕES SÃO MOVEDORES E AÇÕES SÃO MANIPULADORES** - são compatíveis. Então temos o modelo **ATORES SÃO MOVEDORES E MANIPULADORES**.

Sweetser (1990) examinou um caso no qual nós projetamos a estória-ação de movimento e manipulação sobre a estória de pensar. E ela chamou esse modelo de **A MENTE É UM CORPO EM MOVIMENTO ATRAVÉS DO ESPAÇO**. A maior parte desse modelo deriva da projeção mais geral **ATORES SÃO MOVEDORES E MANIPULADORES**. Por exemplo, quando queremos contar uma estória-ação de uma descoberta científica ou matemática, nós podemos dizer que o pensador começa com uma certa afirmação que o levou a uma certa conclusão, tropeçando em algumas dificuldades, movendo-se mais rápido ou mais devagar em vários momentos, tendo de voltar e corrigir alguns erros, obtendo parte da solução, mas ainda faltando a parte mais importante,

tendo a noção de onde procurá-la, começando a olhá-la, seguindo-a, finalmente um passo da resolução e, por último, a resolução. Claro que o pesquisador se torna, então, "dono" da descoberta. Este é um caso no qual um ator e uma estória não espacial sobre pensar é entendida pela projeção de uma estória-ação espacial de movimento e manipulação.

Há um outro cenário altamente produtivo para PENSADOR É UM MOVEDOR E UM MANIPULADOR, no qual o corpo não se move pelo espaço, mas manipulando objetos como instrumentos, pistas e auxílios para sua fabricação. Quando falamos em 'instrumentos cognitivos', 'pistas conceituais' ou 'montar uma estória', nós estamos entendendo a ação de pensar pela projeção da ação corporal de manipulação, especificamente, *manipulação para o propósito de manufatura*. Nós podemos 'aplicar um princípio', nós podemos 'recortar uma teoria' etc.

Escritores freqüentemente usam UM PENSADOR É UM MOVEDOR E UM MANIPULADOR para criar estórias parabólicas de eventos mentais, mudar de um estado mental para outro é mudar a localização espacial. A estória alvo em EVENTOS SÃO AÇÕES não necessita de ser um evento no qual atua um ator. Ele pode ser um evento sem atores, ou um evento com muitos atores, ou um evento que acontece ao ser humano. Consideremos: "A recessão está vindo até mim, quase me atingindo e irá me atingir quando aqui chegar". Aqui, o ator na estória de origem é projetado sobre um evento, a recessão. O objeto que o ator acerta é projetado sobre o homem. Com uma pequena transferência, nós podemos usar uma estória de origem com muitos atores sobre a recessão e sobre os seres humanos que ela irá afetar, como em "Se pudermos esquivar da recessão por um bom tempo, ela perderá sua força e nós não sairemos prejudicados".

Quando um ator, em uma estória de movimento, é projetado sobre um evento que não é um ator, nós temos EVENTOS SÃO MOVEDORES, uma variação comum de EVENTOS SÃO AÇÕES. Isso inclui projeções como: EVENTOS SÃO ATORES (movimentando-se sob seus próprios poderes) e OCORRÊNCIA

É MOVIMENTO (por um ator sob seus próprios poderes.), como em "A recessão é um adversário cujo progresso não podemos parar".

Uma vez que o movimento é projetado sobre o evento, o resto das projeções seguem o esquema. O evento pode ter objetivos que são locais espaciais para tentar alcançar, e os meios para atingir esses objetivos, caminhos que levam a um destino etc. Quando um ator em uma estória de manipulação é projetado sobre um evento que não é um ator, nós temos EVENTOS SÃO MANIPULADORES, uma variação comum de EVENTOS SÃO AÇÕES. Isso inclui projeções do tipo: Eventos são manipuladores e ocorrência é manipulação. "A recessão está nos rondando"; "A economia está nos arrebatando, nos puxando para os dois lados". Uma vez que o movedor é projetado no evento, o resto segue a mesma projeção.

Nós já vimos que a parábola pode projetar um movedor e um manipulador sobre qualquer tipo de ator. Similarmente, a parábola pode projetar um movedor e um manipulador sobre qualquer tipo de evento, como em "A recessão avançou sobre nós e pôs uma camisa de força nos negócios." E ainda, as estórias das nossas interações com outros atores podem ser projetadas sobre estórias-evento que nos incluam as quais nos podem 'ajudar', nos 'atrapalhar', nos 'machucar', nos 'levantar' ou nos 'jogar' em situações para as quais não estaríamos preparados.

Um caso peculiar de EVENTOS SÃO MOVEDORES E MANIPULADORES é A MORTE É UM MOVEDOR E UM MANIPULADOR: pois ela vem até você e você se torna um objeto físico que ela manipula. O TEMPO também pode ser entendido como um movedor e um manipulador.

A ação, entretanto, não é o único tipo de estória. Qualquer lugar a que olharmos, nós vemos estórias espaciais que não contém atores animados. Por exemplo, nós vemos uma parede desabar com o tempo, a água correr montanha abaixo, folhas voando com o vento. Essas são estórias espaciais. Podemos chamar o modelo geral de EVENTOS SÃO ESTÓRIAS ESPACIAIS, que naturalmente sobrepõe EVENTOS SÃO AÇÕES, de tal modo que



aparentam ser idênticos. Mas EVENTOS SÃO AÇÕES podem projetar estórias-ação não-espaciais (como estórias de pensar, sonhar e sofrer), e EVENTOS SÃO ESTÓRIAS ESPACIAIS podem projetar estórias sem atores. Uma não é então totalmente contida na outra. Algumas facetas individuais de EVENTOS SÃO ESTÓRIAS ESPACIAIS foram já discutidas por Lakoff e Johnson (1980) em *Metaphors We Live By*.

EVENTOS SÃO ESTÓRIAS ESPACIAIS inclui todas as projeções de estórias-ação espaciais que vimos em EVENTOS SÃO AÇÕES, mas também inclui projeções de estórias espaciais sem atores. As estórias acontecem no tempo. Estórias de mudanças ao longo do tempo podem ser entendidas a partir da projeção de estórias de ação corporal. O tempo se torna um movedor e manipulador causal. Uma estória de mudança ao longo do tempo pode, alternativamente, ser entendida a partir da projeção de uma estória espacial sem ator. *O tempo é, então, um objeto, não um ator.* Em resumo, consideramos os seguintes casos em que a estória projetada é espacial:

1. Estória de origem → estória alvo
2. Ação espacial → ação espacial
3. Evento espacial → ação espacial
4. Ação espacial → evento espacial

No pensamento cotidiano, nós rotineiramente projetamos estórias espaciais sobre estórias não-espaciais de eventos políticos, sociais e mentais. Por exemplo, podemos projetar estórias espaciais de força sobre estórias não-espaciais de aliança social, política e mental, dando-nos frases do tipo "Eles são aliados", "Eles se ajudam", "Eles se colocam juntos" etc. Mas, as projeções podem se repetir e se multiplicar. Uma estória não-espacial, que foi o alvo da projeção a partir de uma estória espacial, pode servir como uma estória de origem não-espacial para uma projeção futura. Nessa segunda projeção, a origem é não-espacial (apesar de a estória espacial de origem estar por trás dela). Por exemplo, "conspirar para derrotar alguém" é uma estória não-espacial, que pode servir de origem para ser projetada sobre outras estórias. Podemos dizer, por exemplo, que "A economia nacional está conspirando

contra a recuperação global". A estória espacial de origem de FORÇAS foi originalmente projetada sobre uma estória alvo não-espacial de CONSPIRAÇÃO; a estória não-espacial de CONSPIRAÇÃO é, portanto, a origem projetada sobre a estória alvo não-espacial da ECONOMIA GLOBAL. Isso nos dá duas projeções: "conspirar contra" e "conspirar contra a economia." Em resumo, os esquemas-imagem FORÇA DINÂMICA, originalmente projetado na estória CONSPIRAÇÃO CONTRA, são, por sua vez, projetados na estória ECONOMIA.

Muitas projeções desse tipo são mais ou menos triviais para nós, uma vez que elas surgem de procedimentos comuns do pensamento cotidiano. Muitas projeções freqüentemente surgem quando a ação corporal é projetada sobre a ação mental (O PENSADOR É UM MOVIMENTADOR E UM MANIPULADOR) e a ação mental é então projetada em uma estória-evento.

Podemos dizer que é rico o nosso entendimento sobre estórias corporais e espaciais e o nosso domínio de parábolas muito desenvolvido e, ainda, que a imaginação pode projetar estórias corporais e espaciais. Podemos também dizer que, para muitos conceitos abstratos, as instâncias corporais e espaciais são os arquétipos. O pensamento cotidiano contém projeções de estórias espaciais e corporais sobre estórias sociais e mentais e sobre o pensamento abstrato. A linguagem carrega esses traços, por isso não temos dificuldade alguma de projetar sobre estórias corporais e espaciais estórias abstratas, sociais e mentais.

Uma estória interessante, que devemos dar especial atenção, é a história do nascimento. Ela é complexa, familiar e universal. É uma estória espacial na qual um corpo físico vem de outro. É igualmente uma estória espacial de ação na qual a mãe é um ator intencional. É também uma estória biológica, senão espacial, cujos responsáveis são o pai e a mãe. O nascimento é uma estória com muitos atos, desde a concepção, passando pela gestação, até o nascimento. Várias partes da estória do nascimento são estruturadas por esquemas-de-imagem espaciais. O primeiro esquema-de-imagem na estória do nascimento é: UMA COISA SAINDO DE OUTRA. A mãe é entendida como um

CONTAINER, que tem um corpo dentro dele. Um segundo esquema-de-imagem é UM OBJETO EMERGINDO DE UM MATERIAL DE ORIGEM. O terceiro é MOVIMENTO POR UM CAMINHO, DA ORIGEM AO DESTINO. O quarto é LIGAÇÃO, obtida pelo cordão umbilical - uma ligação espacial assimétrica entre mãe e filho. O quinto esquema-de-imagem é CRESCIMENTO ESPACIAL.

Estórias do nascimento são freqüentemente projetadas sobre estórias casuais, de acordo com o *Princípio da Invariância*. Por isso construímos frases do tipo "A necessidade é a mãe da invenção". Entretanto, não é qualquer coisa que pode ser projetada de qualquer jeito. Nós temos escolhas na nossa concepção de origem, na nossa concepção de alvo, e naquilo que pode ser projetado de uma ao outro. Somos livres para projetar estruturas de imagem esquemáticas sobre o alvo quando o alvo é indeterminado. E isto é obedecer ao *Princípio da Invariância*.

### 3.3.3. 'Blending' e Parábola

A parábola nos dá uma visão diferente de como surgem os significados a partir de conexões entre mais de um espaço mental. O significado não é depositado num conceito "container". Ele é vivo e ativo, dinâmico e distribuído e construído para propósitos do conhecimento e da ação. Não são objetos mentais de conceitos limitados, pelo contrário, são operações complexas de projeção, de *'blending'* e integração sobre espaços múltiplos. O significado é parabólico e literário.

Já vimos que a parábola carrega significado narrativo por pelo menos dois espaços mentais, mas, de forma mais complexa, no processo *'blending'*<sup>38</sup>, por quatro espaços. O espaço *'blend'* contém o espaço *'input'*, havendo uma projeção parcial do *'input'* no *'blend'*. Os espaços *'blended'* podem desenvolver 'estruturas emergentes' deles mesmos e podem projetar estruturas de volta ao

---

<sup>38</sup> Conforme já vimos no capítulo de metáfora, em que trabalhamos o conceito de *rede de integração*, ou *espaço blended*.

espaço *'input'* e, os espaços *'inputs'* podem não ser os únicos a proporcionar projeções ao *'blend'*, mas também receber projeções de volta do *'blend'* desenvolvido.

Como já foi dito, o *'blending'* é uma atividade dinâmica. Ele conecta espaços *'inputs'*, projetam estruturas parciais desses espaços *'inputs'* no *'blend'*, criando um espaço imaginário, conectado aos *'inputs'*, podendo esclarecê-los. O *'blend'* pode produzir conhecimento, mas ele não é construído pela união ou pela intersecção apenas de *'inputs'*. O *'blend'* é uma unidade e como tal pode ser eficientemente manipulada, promovendo total acesso às estruturas *'inputs'*. Na parábola, ele tem os seguintes princípios gerais:

1. O *'blend'* explora e desenvolve conexões entre espaços *'inputs'*;
2. As contrapartes podem ou não serem levadas ao *'blend'*, podem ou não serem fundidas no *'blend'*;
3. A projeção de um espaço *'input'* é *seletiva*;
4. O *'blend'* agrupa um grande número de estruturas conceituais e conhecimentos sem o nosso reconhecimento;
5. Aquilo que foi levado ao *'blend'* é difícil de reconhecer individualmente nesse espaço;
6. Um *'blend'* pode ter muitos espaços *'inputs'*;
7. *'Blending'* é um processo que pode ser aplicado repetitivamente, os *'blends'* podem servir de *'inputs'* para outros *'blends'*;
8. Os *'blends'* desenvolvem estruturas não providenciadas pelos *'inputs'*;

9. Os '*blends*' podem combinar estruturas na base de relações *metonímicas*;
10. O agrupamento de *metáforas* convencionais ao '*blend*' é, em geral, parcial, seletivo e transformativo;
11. Inferências, argumentos, idéias e emoções desenvolvidas no '*blend*' podem nos levar a modificar um espaço '*input*' inicial e mudar nossa visão de conhecimento usada para construir esses espaços '*inputs*'.

E por fim, entendamos como os '*blends*' se desenvolvem (os mesmos mecanismos de composição, completude e elaboração já descritos no cap.1, na teoria do '*blending*') numa relação parabólica:

No '*blend*', nós projetamos estruturas parciais de histórias *inputs* e compomos essas estruturas numa história desenvolvida em espaços integrados; "*blended*". Somos guiados pela conexão de *contrapartes* entre os espaços *inputs*. Algumas contrapartes são levadas ao *blend* e fundidas e outras são levadas ao *blend* como entidades separadas. Em outros *blends*, somente uma contraparte é levada ao *blend*, por exemplo, quando dizemos "se eu fosse você, eu teria feito assim" (dito de entre um homem e uma mulher), o que leva ao *blend* o julgamento de um homem, mas não a contraparte do julgamento de uma mulher, por exemplo. A composição parcial providencia um espaço de trabalho para futuras composições.

A completude fornece estruturas adicionais, não fornecidas pela composição, viabilizando uma estrutura no *blend* capaz de nos dar uma solução para os problemas; isto é, para aquilo que ainda não se encaixou.

Já a elaboração se desenvolve no *blend* através da simulação mental imaginativa, de acordo com princípios e lógica internos do *blend*. Alguns desses princípios seriam levados ao *blend* pela completude que, de forma dinâmica e contínua pode estabelecer novos princípios e lógica durante a

elaboração, como nas fantasias literárias em que os espaços *blended* podem se tornar extremamente elaborados.

Composição e completude juntas desenvolvem estruturas conceituais previamente mantidas à parte, e, como consequência, o *blend* pode revelar contradições e coerências latentes entre elementos previamente separados. Pode, também, nos mostrar linhas não reconhecidas e complementares. Desta forma, o *blend* nos dá uma luz para a estrutura conceitual de onde ele surgiu.

As parábolas distribuem significados por pelo menos três histórias - a performance típica de um história *blended*. Já vimos que um *blend* pode ter mais de dois *inputs* e pode ainda acontecer recursivamente. Um pode ser *blended* a novos *inputs*, criando outro *blend*.

De fato a parábola tipicamente distribui significados sobre muitos espaços, e os significados agregados não estão em nenhum deles, mas na formação dos espaços e nas suas conexões. Conhecemos cada um dos espaços, como eles se relacionam com os outros e a que cada um deles serve. Nenhum deles substitui o outro. Os significados, desta forma, não são objetos mentais com lugares conceituais limitados, mas são operações complexas de projeção, *blending* e integração sobre muitos espaços.

Nós freqüentemente vimos que um elemento em uma história *input* pode ter uma contraparte em outra. E que não é possível para o *blend* duas histórias sem conexões de contrapartes entre elas para o processo *blending*. Histórias *inputs* têm contrapartes porque elas compartilham estruturas abstratas. Diferentes tipos de estruturas abstratas podem ser compartilhadas por duas histórias: categorias, frames, esquemas-de-imagem, e assim por diante. Algumas vezes, dois *inputs* compartilham estruturas abstratas, estabelecidas por meio de metáforas convencionais. E, algumas vezes, ainda, dois *inputs* compartilham mais de um tipo de estrutura abstrata. Isto porque há uma estrutura dos *frames* compartilhados pelos espaços *inputs*, que proporcionam relações entre as contrapartes. As estruturas abstratas compartilhadas pelos

espaços *inputs* estão em um *espaço genérico*, o qual indica as relações entre a *contraparte* e os espaços *inputs*.

## Parte II

A segunda parte deste trabalho inicia-se com o capítulo "Uma idéia na cabeça e uma curso na mão". Nele mostraremos o que pensamos para a aplicação das teorias vistas e analisadas na Parte I, para a prática da sala de aula, em especial, no curso de Língua Portuguesa VI da Faculdade de Economia das Faculdades de Campinas - Facamp, o qual é nosso objeto central de análise no momento. Nosso primeiro passo será esclarecer quais as questões fundamentais que nos levaram a conceber o curso da forma como foi concebido: questões de ordem teórica e também pragmática serão aqui discutidas. Sobre um panorama geral da faculdade, do curso, da turma e, portanto, de como foi possível a implantação de tal proposta também é aqui discorrido.

Depois passaremos, no segundo capítulo, "O curso", à apresentação e à discussão do Plano de Curso e seu Cronograma. Discutiremos o projeto "aula a aula", tentando mostrar como foram tratados cada tema e conteúdo escolhidos para elas, analisando desde suas escolhas aos seus resultados, passando pelo seu desenrolar - pelas atividades e práticas desenvolvidas em sala de aula - e eventualmente extra sala de aula. Tentaremos também expressar quais as impressões mais marcantes que tivemos em cada uma das aulas; isto é, como percebemos as atividades propostas, como os alunos se comportaram e se manifestaram diante das atividades, como o professor sentiu a interação e o interesse da sala pelo conteúdo, dentre outras questões. Incluímos, na análise das aulas, comentários deste tipo: sensações e impressões do andamento do curso, por acreditarmos que são elas de suma importância para uma boa medida do quanto o curso está sendo - ou não - propulsor de construção do conhecimento, uma vez que este se constrói na interação entre as pessoas, no gerenciamento de razão e de emoção, conforme já pontuado em Abreu (2001), em seu livro *A Arte de Argumentar, gerenciando razão e emoção*. Obviamente não pretendemos nos deter mais densamente nessas questões, e nem temos a intenção de tecnicamente discuti-las, posto que nos exigiria um conhecimento



específico bem maior sobre elas, principalmente em áreas como a Pedagogia e a Psicologia, abrindo uma ampla e delicada discussão, e correndo o risco de nos perdermos em nossos objetivos.

Em "Meu 'vintém de cobre'", o último capítulo, traremos os trabalhos finais apresentados pelos alunos. Esses trabalhos representam a concretização da proposta final do curso: *que os alunos escrevessem artigos, cujo objetivo maior fosse a discussão de um fenômeno ou um termo da economia, geralmente de difícil entendimento, sendo explicados, sobretudo, por meio de 'processos cognitivos de projeção', eliminando o uso do vocabulário específico da área; o popularmente chamado 'economês'*. Analisamos os artigos, estabelecendo relações entre a perspectiva teórica da Ciência Cognitiva proposta como arcabouço e os resultados alcançados na confecção dos mesmos.

Gostaríamos, ainda, de esclarecer que, como a proposta do curso surgiu bem antes de ser apresentada como proposta de tese de doutorado, não nos preocupamos em 'guardar', na época, o material produzido pelos alunos ao longo do curso. Entendemos que seria bastante interessante para visualização da proposta e do andamento do curso, se tivéssemos meios de mostrar e analisar os resultados das diversas atividades práticas desenvolvidas ao longo do semestre. Entretanto, por razão já descrita, não tivemos tal possibilidade para o presente trabalho em específico. Todavia, por considerar os resultados bastante positivos e a proposta bastante eficaz como atividade de desenvolvimento da habilidade escrita, optamos por permanecer com a idéia e defendê-la no curso como um todo. Tentaremos descrever as atividades no capítulo 2 de forma a não sentirmos a falta muito incisiva dos exercícios ao longo de todo o processo.

**[1]****"Uma Idéia na Cabeça e Um Curso na Mão"**

*"Nosso cinema é novo porque o homem brasileiro é novo e a problemática do Brasil é nova e a nossa luz é nova e por isso nossos filmes nascem diferentes dos cinemas da Europa."*

*(Trecho de "A revolução do Cinema Novo", disponível em:  
<http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Entrevistas/cinema.htm>)*

"Uma idéia na cabeça e uma câmara na mão"<sup>39</sup> era como diziam os nossos cineastas da época do 'Cinema Novo'. Assim diziam sustentando que não precisavam de 'muito' para 'fazer cinema'. Essa é uma longa, marcante e interessante estória de uma época que fez história no cinema nacional com projeções internacionais. Com essa idéia, Glauber Rocha - talvez o maior representante do movimento - e seus parceiros fizeram muitos filmes, alguns dos quais bastante famosos e até hoje vistos e reverenciados. A força motivadora desta frase está nas dificuldades por que passavam na época, em relação ao 'fazer cinema' no Brasil. Tais dificuldades poderiam ser delineadas como tanto de cunho financeiro (a falta de patrocínios e condições de financiamento para os filmes), como as dificuldades técnicas e operacionais de produção de filmes no Brasil. Mas, talvez, mais intensamente, a frase se aplique às propostas dirigidas pelo Cinema Novo; propostas de mostrar e questionar as 'duras' e 'perversas' realidades político-sociais do Brasil da época. De qualquer forma, é uma frase que sintetiza e soluciona, para aquele momento, as dificuldades impostas para a prática do cinema. E realmente, de um jeito ou de outro, fizeram cinema!

O nosso título 'Uma idéia na cabeça e um curso na mão' é um diálogo, em tempo presente, com o que podemos chamar de lema do 'Cinema Novo'. Essa

---

<sup>39</sup> Tema discutido em ROCHA (1981) "A Revolução do Cinema Novo." Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme.

projeção, construída em um processo de Rede de Integração, ou 'blending', ajuda-nos a entender as causas, a montagem e o desenrolar do curso que propusemos. Projetamos, com esta frase, a estória do Cinema Novo sobre estória do Curso de Português VI. E nos perguntamos, enquanto pensamos nessa projeção, se não seria ela uma espécie de distorção dos propósitos da tese. Acreditamos que não, pois construímos intuitivamente esse espaço 'blend' final, no qual caberia a analogia indireta de espaços 'inputs' como a 'uma idéia na cabeça' e a 'uma câmara na mão' e suas respectivas contrapartes 'uma idéia na cabeça' (falando do curso) e o 'um curso na mão' (o curso em si).

As duas principais idéias que se formam no 'blending' e que nos servem à analogia são as de um projeto e a sua concretização. 'Uma idéia', representada metonimicamente, para identificar um projeto (no caso do cinema, um roteiro, um projeto de filme e seu propósito artístico-político), e na contraparte 'uma idéia' - para o Projeto do Curso de Português - são vistas como possíveis de serem concretizadas, apesar das dificuldades, pela atitude de ação, identificada, também, metonimicamente pelas construções 'uma câmara na mão' e, na contraparte, 'um curso na mão'.

Não queremos nos ater, neste momento, minuciosamente aos processos de projeção, mas destacamos o fenômeno da projeção intuitiva, seletiva e inconsciente, que veio à mente quando da necessidade de se dar um título ao presente capítulo, como vimos que realmente acontece em Turner (1996). Sem dúvida, a frase que condensa a 'estória de origem' é projetada à 'estória alvo' - O Curso de Português, resultando neste título para o capítulo, quando paramos para nomeá-lo. O que nos importa ressaltar é que, a partir dos tantos processos de projeção envolvidos nessa construção, conseguimos entender por que rumos entramos quando construímos o Curso de Português; isto é, quais seus significados emergentes e quais os sentidos a ele atribuídos. As noções que se constróem em domínios não-diretos são fundamentalmente de *interação, criatividade, ousadia e prática*, e que fazem, do projeto do curso, um curso em ação.

'Um curso na mão' exige atitude. É projeto pronto para ser implementado. A idéia que primeiro circunscreveu este projeto foi a de pensar em uma atividade que proporcionasse a interação do meio específico da economia, dos acadêmicos e especialistas no assunto, com os leigos em economia. Pôr em diálogo o discurso especificamente econômico e a Academia, com a parte leiga e desinteressada pelo assunto, de um lado, proporcionaria aos alunos uma forma de crescimento multidisciplinar e abrangente, além de interativo com a sociedade em que estão inseridos, tratando de questões importantes para o desenvolvimento do ser humano e profissional atuante na área econômica. Cria aparatos para que desenvolvam habilidade comunicacionais de escrita criativa e interativa, em consonância com as exigências da sociedade e do mercado de trabalho atual.

De outro lado, faz com que os alunos atuem diretamente na conscientização do quão importante e parte do nosso cotidiano é a ciência econômica, mostrando àqueles que pouco se interessam pelo assunto o quão urgente se faz, na nossa sociedade, entendermos como os processos econômicos nos afetam direta e indiretamente. Faz-se necessário mostrar que este, a economia, é um assunto presente em nossas atitudes cotidianas mais rotineiras e em todas as nossas ações, por mais simples que possam parecer, desmistificando e diminuindo, por conseguinte, a distância que ela teria dos que não estão diretamente se relacionando (ou pelo menos acham que não) com a ciência econômica, ou atuando nesta área no mercado de trabalho.

Ao que acabamos de pontuar, relacionamos, de forma tímida, o papel comumente dito das universidades brasileiras - o de trabalhar ensino, pesquisa e extensão. De forma microcelular e microorganizacional, imaginamos estar consonantes com esta idéia. E ainda acordados com a proposta da Faculdade de Campinas (Facamp), cujo slogan "Formar profissionais de Elite" se faz justo ao definir, nas áreas de humanas, duas principais habilidades pessoais a serem desenvolvidas na formação deste profissional:

A primeira característica cognitiva do Profissional de Elite da Área de Humanas é a INTELIGÊNCIA SOFISTICADA. Há duas qualidades

cognitivas essenciais que definem a inteligência sofisticada: 1. Saber pensar, resolver problemas concretos; 2. Autonomia intelectual. Autonomia intelectual quer dizer, sobretudo, capacidade de pesquisa teórica e aplicada e capacidade de aprender novos conhecimentos. Todos, no mundo de hoje, serão eternos estudantes porque o horizonte de conhecimentos se desloca com grande rapidez. (ver no site: [www.facamp.com.br](http://www.facamp.com.br))

Para excelência e desenvolvimento do profissional do século 21, a Facamp nos propõe, também, um novo modelo de curso nas ciências humanas e sociais (aqui destacamos o de Economia) e estabelece oito pilares. São eles:

a) Excelentes Professores; b) Ensino Personalizado; c) Tempo Integral Necessário à Formação Completa; d) Formação Completa; e) Valores Humanistas; f) Avaliação Exigente; g) Convivência Acadêmica; h) Campus de Verdade e Infra-Estrutura de Ponta. (ver no site: [www.facamp.com.br](http://www.facamp.com.br))

Sem nos determos longamente em cada um desses pilares e nem entrarmos na discussão do projeto educacional em específico da instituição, destacamos alguns desses itens que influenciaram e possibilitaram o desenvolvimento do projeto. O primeiro deles relaciona-se com a idéia de tempo integral. Só assim, foi possível estabelecer uma grade horária com seis semestres de Língua Portuguesa, somando 480 horas durante todo o curso, dirigidas e dedicadas ao estudo e ao funcionamento da nossa língua, cabendo, inclusive, olhar para este estudo de forma totalizadora, incluindo análise de textos literários e filosóficos. Com certeza, enfrentaríamos maiores problemas, caso não tivéssemos este número de horas destinados à Língua Portuguesa, considerando, sobretudo, o nível de articulação lingüística dos alunos egressos. Uma das justificativas por parte da direção da Faculdade em estabelecer tal carga horária centra-se na lacuna deixada pelo Ensino Fundamental e Médio, apesar de serem alunos advindos de instituições privadas, os quais constituem o perfil do aluno Facamp.

O segundo ponto que destacamos é a formação completa e os valores humanistas, que fazem com que o projeto seja considerado importante e útil e,

portanto, vão ao encontro de seus objetivos já mencionados. Por fim, o ensino personalizado, que garante a qualidade e o bom andamento das aulas em geral. Ensino personalizado é sinônimo, dentre outras coisas, de turmas reduzidas. Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, turmas reduzidas proporcionam atendimento e acompanhamento do aluno em suas atividades cotidianas, maximizando as atenções do professor a cada aluno individualmente. No caso da Língua Portuguesa VI, só conseguimos desenvolver este projeto da forma como ele foi concebido, dado ao número pequeno de alunos por turma - nesta turma em especial, apenas 16 alunos. Não poderíamos abrir as discussões que abrimos e garantir a participação de todos, como de fato fizemos, se tivéssemos muitos alunos e, como consequência, alguns trabalhos (práticas de sala de aula e atendimentos) teriam de ser vetados, comprometendo possivelmente o resultado final do curso.

[2]

## O Curso

### Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...  
 Ajuntando novas pedras  
 e construindo novos poemas.  
 Recria tua vida, sempre, sempre.  
 Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.  
 Faz de tua vida mesquinha  
 um poema.  
 E viverás no coração dos jovens  
 e na memória das gerações que hão de vir.  
 Esta fonte é para uso de todos os sedentos.  
 Toma a tua parte.  
 Vem a estas páginas  
 e não entres seu uso  
 aos que têm sede.

(Cora Coralina, em: "Vintém de Cobre - Meias Confissões de  
 Aninha". Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás,  
 1983.)

### 2.1. Programa de Curso

Curso: Economia

Disciplina: Língua Portuguesa VI

Professora: Beatriz Quirino Arruda

Carga horária

Semanas: 21

Aulas/semana: 2h/a.

Total: 42 horas

EMENTA: Texto e suas propriedades fundamentais. Interfaces entre ciência cognitiva e ciência social; a ciência cognitiva e os processos de projeção; os processos de projeção: metáfora, 'blending', estória e analogia na construção do pensamento, do texto escrito e da argumentação. Exercícios de escrita. Análise de exemplos de processos de projeção.

**OBJETIVOS:**

1. Fomentar interação entre economia e experiência de escrita;
2. Entender parábola, metáfora, metonímia e analogia como processos cognitivos de projeção;
3. Desenvolver atividades práticas que levem os alunos a escreverem artigos esclarecendo e analisando alguns aspectos, termos e/ou fenômenos da economia nacional e/ou global, por meio de processos de projeção;
4. Desmistificar a idéia de que economia é um assunto difícil e restrito aos especialistas;
5. Fazer com que os alunos tentem escrever textos, de assuntos específicos, técnicos e científicos, de forma clara, bonita, agradável e sensível, que levem à persuasão e à construção do conhecimento;

Aproximar a arte de argumentar da sala de aula e do cotidiano dos alunos.

**CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:**

1. Texto e suas propriedades;
2. Metáfora;
3. Metonímia;
4. 'Blending';
5. Parábola;
6. Analogia.

**METODOLOGIA DE ENSINO:**

1. Leitura e discussão de textos específicos do conteúdo programático;



2. Exercícios em classe e em casa;
3. Correção conjunta dos exercícios relativos aos conteúdos trabalhados em sala;
4. Atividades em grupo (elaboração de exercícios e perguntas);
5. Facção, correção e refacção de textos produzidos pelos alunos;
6. Atendimento personalizado.

#### CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

- 1ª versão do trabalho: 30%;
- Versão final: 70%.

#### RECURSOS TEMÁTICOS/LABORATÓRIOS:

- Uso de *data-show* para projeção de imagens, cartuns etc.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ABREU, A. *Metonímia – Uma Visão Funcionalista*. 2001. Inédito.
- \_\_\_\_\_ *A arte de argumentar - gerenciando razão e emoção* - 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- ARRUDA, B. *Dissertação de mestrado. Textos selecionados*. Inédito.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- PLATÃO, F. e FIORIN, J. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2001. 4ª ed.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- ABREU, A. (2000 b). Metáfora – Uma Visão Funcionalista. Em *Letras*, vol.05, ns 01 e 02. Campinas, IL. pp. 95-108.
- ARRUDA, B. (2003). *Dissertação de mestrado*. Apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Unesp - campus de Araraquara. Inédito.
- FAUCONNIER, G. & TURNER, M. (1994). *Conceptual Projection and Middle Spaces*. Department of Cognitive Science Technical Report 9401. (disponível no site *blending.stanford.edu* e *meltalspace.net*)
- MARCUSCHI, L. A. (1998). *Aspectos lingüísticos, sociais e cognitivos na produção de sentido*. Texto apresentado por ocasião do GELNE, 2- 4 de setembro (mimeo).
- TURNER, M. (1996) *The literary Mind*. Oxford: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. (2001) *Cognitive Dimensions of Social Science: The Way We Think About Politics, Economics, Law and Society*. Oxford: Oxford University Press.

## 2.2. Cronograma de atividades

### AGOSTO

1ª Semana - 03/08/2004.

Apresentação do curso e do cronograma. Conversa com os alunos sobre a proposta de curso. Conversa sobre leitores dos principais jornais do país - Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo - e do principal de Campinas - Correio Popular; com destaque para o caderno Economia. Pedir leitura do livro "A arte de argumentar - gerenciando razão e emoção."

2ª Semana - 10/08/2004

O texto e suas propriedades fundamentais - coesão e coerência. Exercícios em classe e para casa.

3ª Semana - 17/08/2004

A metáfora do ponto de vista clássico e cognitivo. Mostrar como a metáfora faz parte da nossa vida cotidiana. Exercícios orais e escritos. Decodificação de mapas metafóricos: o conhecimento de mundo - 'frames', esquemas, 'scripts' e

'cenários'. Exercícios orais e escritos. Para casa: leitura do texto "Metáforas para resolução de problemas".

4ª Semana - 24/08/2004

Classificação das metáforas de 'Jensen' para a resolução de problemas. Exercícios orais e escritos. Selecionar recortes de jornal que tenham exemplos de metáforas na resolução de problemas. (comentar sobre metáforas na argumentação). Pedir leitura do artigo do professor Antônio Suárez Abreu sobre Metonímia (citado na bibliografia básica).

5ª Semana - 31/08/2004

Metonímia do ponto de vista da teoria cognitiva. Exercícios. Análise de textos. (comentar sobre a metonímia na argumentação) Pedir leitura do texto sobre 'blending'.

## SETEMBRO

6ª Semana - 07/08/2004 - Feriado

7ª Semana - 14/08/2004

Redes de Integração Conceitual - 'blending'. Teoria e exemplo. Discussão da expressão "esse cirurgião é um açougueiro", tratada no texto teórico. Proposta de atividade para casa: análise de outra expressão, pelos alunos escolhida. Pedir leitura sobre 'Parábolas'.

8ª Semana - 21/08/2004 -

Estórias, projeções e parábolas. (texto 'As mil e uma noites'). Discussão teórica.

9ª Semana - 28/08/2004

Estórias, projeções e parábolas. Exercício oral (projeção de uma estória sobre a outra). Para casa: ler texto sobre analogia.

## OUTUBRO

10ª Semana - 05/10/2004 -

Exposição e discussão dos temas dos alunos.

11ª Semana - 12/10/2004 - Feriado

12ª Semana - 19/10/2004 -

Análise de um cartum a partir de processos de projeção. Contrapor a análise que leram em casa.

13ª Semana - 26/10/2004 -

Entrega da 1ª versão do trabalho.

## NOVEMBRO

14ª Semana - 02/11/2004 - Feriado.

15ª Semana - 09/11/2004 - atendimento aos alunos.

16ª Semana - 16/11/2004 - atendimento aos alunos.

17ª Semana - 23/11/2004 - atendimento aos alunos.

18ª Semana - 30/11/2004 - atendimento aos alunos.

## DEZEMBRO

19ª Semana - 07/12/2004 - Semana destinada às provas finais.

Entrega dos trabalhos dos alunos (versão final).

20ª Semana - 14/12/2004 - Semana destinada às Provas Substitutivas.

21ª Semana - 21/12/2004 - Semana destinada aos Exames.

### **2.3. As aulas**

O material teórico essencial para este curso foi organizado a partir da bibliografia básica citada no Programa de Curso. Para as noções de texto, coesão e coerência, utilizamos dos capítulos do livro "Lições de texto: leitura e redação". Sobre Lingüística Cognitiva, foram selecionados textos básicos e

montada uma pequena apostila. Os textos sobre metáfora cognitiva, metáforas para resolução de problemas, decodificação de mapas metafóricos, 'blending' e metáforas e os processos de construção do texto foram retirados da dissertação de mestrado de ARRUDA (2003) e adaptados ao curso. Sobre metonímia, sugerimos o artigo do professor Antônio Suárez Abreu (citado na bibliografia básica). Já os textos sobre os Processos de Projeção e sobre Analogia foram preparados especialmente para o curso a partir dos livros especializados no assunto e já mencionados na bibliografia complementar do Programa de Curso.

Nosso intuito na preparação desse material foi o de simplificar o trabalho dos alunos e maximizar seus esforços naquilo que realmente constitui o objetivo do curso: o entendimento básico desses processos, para a confecção de seus artigos. Uma vez que Teoria Cognitiva dos Processos de Projeção é bastante volumosa e complexa, além de quase toda escrita em língua inglesa, sentimos que seria mais produtivo se tomássemos tal atitude. Exigir leituras mais aprofundadas sobre o assunto não seria extremamente necessário para o propósito do curso e despenderia muito tempo; tempo este que pudemos redirecionar às atividades práticas. Com algumas revisões e alterações, o material montado para os alunos é exatamente o mesmo apresentado neste trabalho como arcabouço teórico. A *Parte I* foi esquematizada a partir da seqüência das aulas, estabelecendo coerência e identificação entre ambas as partes.

### Aula 01

A primeira aula não começou com a exposição, explicação e comentário do programa de curso e do cronograma, como de costume, pois o objetivo principal era não somente apresentar o curso, mas garantir a adesão dos alunos às aulas e o engajamento na proposta de trabalho.

Depois de uma breve apresentação pessoal, passamos a algumas perguntas, que guiaram nossa conversa inicial sobre o curso. Perguntas, cujas respostas já eram previstas. Prevíamos que tenderiam ao seguinte denominador comum:

"que seria desnecessário mais um semestre de aula de Língua Portuguesa". Foram elas as seguintes perguntas:

1. O que vocês acham de mais um semestre de Língua Portuguesa?
2. O que vocês imaginam que vamos estudar durante esse semestre?
3. Este é o último semestre de Língua Portuguesa que vocês terão, ficaram conteúdos que vocês esperavam ter visto e não viram?
4. Teria alguma disciplina que vocês trocariam, se pudessem, e colocariam no lugar dessas aulas de português?

Realmente era unânime a resposta dos alunos em dizer que achavam desnecessário mais um semestre de curso. Justificavam que já teriam tido o suficiente e que não conseguiam ver conteúdo para este semestre, uma vez que já teriam feito muitos exercícios de gramática, de prática de redação, de interpretação de texto e até de literatura<sup>40</sup>. Na imaginação deles, viria mais um curso de literatura aos moldes dos outros que tiveram, ou um curso para "ajudá-los a corrigir o português dos seus TCCs - trabalhos de conclusão de curso".

E ainda alguns arriscavam dizer que estavam caminhando para o final do curso de Economia e que não estariam dispostos a 'perder tempo' com mais aulas de português. Comum era ainda ouvir que, se pudessem, teriam trocado por mais aulas de Administração Financeira, Sistema Bancário e Mercado de Capitais ou Gestão de Pessoas, por exemplo, as quais são disciplinas apresentadas 'apenas' como optativas e muito requisitadas no mercado atual. Ficou evidenciada, portanto, uma resistência prévia dos alunos a mais aulas de Língua Portuguesa.

Em seguida, engatamos outra seqüência de perguntas, a partir da quais apresentamos o Programa e mostramos nossa aposta em um curso diferente daquilo que era a expectativa dos alunos. Foram elas as seguintes perguntas:

---

<sup>40</sup> Os alunos já haviam tido dois programas de literatura. Um deles centrado em Machado de Assis e outro, em Paulo Padro. Não nos cabe, aqui, discutir a relevância e os detalhes desses cursos, apenas apontar a pluralidade das aulas de Língua Portuguesa na instituição.

1. Das pessoas que vocês conhecem, quem vocês acham que lêem jornal?
2. Você lê? Seus professores? Seu pai? Sua mãe? Seus irmãos? E os amigos - seus, dos seus pais - , colegas de faculdade etc?
3. Qual ou quais jornais elas lêem? Folha de São Paulo? O Estado de São Paulo? O Correio Popular?
4. Quais cadernos vocês acham que são mais lidos? Por quê?
5. Que perfil de leitor podemos relacionar aos diversos cadernos?
6. E o caderno economia? Quem lê? É o mais lido? Por quê?

Novamente um denominador comum: o caderno de Economia não parece muito lido, nem mesmo entre os mais assíduos do jornal. Os alunos se entusiasmaram (e entusiasmo era mesmo o que pretendíamos) com as perguntas e a conversa por elas fomentada. Arriscavam tentativas de 'mapeamento' do perfil de leitor de cada um dos cadernos do jornal. Passaram pelo caderno Ilustrada, como tipicamente feminino, inclusive na parte do horóscopo; para os mais cultos, teatro, cinema, música, shows, exposições etc. Ah, o caderno de Esportes, esse sim, destinado ao público masculino! Quanto ao editorial, leitores assíduos de um jornal X sempre estão atentos às opiniões do próprio jornal e às notícias em pauta no Brasil e no Mundo. Então separaram num grande bloco (cujos leitores seriam representados por empresários, intelectuais e interessados pela política e relações internacionais) além dos editoriais, os cadernos que tratam de política, do cotidiano e dos últimos acontecimentos mundiais. Ainda separaram aqueles que vão somente aos classificados (seriam os que compram o jornal na tentativa de encontrar uma oportunidade de emprego, de compra e venda/aluguel de algum imóvel, carro?).

Mas, e o caderno Economia? Este fica para os mesmos do editorial, da política mundial e nacional, do cotidiano etc, todavia, somente com uma passagem rápida ao que interessa: a cotação do dólar, do ouro, da arroba de boi, da soja e do milho, enfim, os índices financeiros.

Sabemos que essa análise é questionável, e que essa classificação é bastante relativa. Mas de uma coisa não temos dúvidas, pelo menos pelo senso-comum: de que o caderno 'Economia' é um dos menos lidos no jornal. Uma das hipóteses seria a falta de interesse por não entenderem do assunto, principalmente da linguagem específica ou, ainda, por julgarem que esses assuntos não interferem nas nossas práticas cotidianas.

Essa 'prévia' serviu para a exposição do Plano de Curso e do Cronograma. Passamos, na seqüência, à apresentação do mesmo que, graças ao diálogo anterior, foi muito bem recebido. Depois pedimos aos alunos que, em casa, pensassem em alguns temas da economia, fenômenos ou termos os quais gostariam de esclarecer às pessoas leigas.

## Aula 02.

Utilizamos as lições 01, 24 e 25 do livro *Lições de texto: leitura e redação*, de Platão e Fiorin. O assunto dessas lições são respectivamente: "Considerações sobre a noção de texto", "Coesão Textual" e "Coerência e Progressão Textual." Os três temas já haviam sido tratados no curso de Língua Portuguesa do primeiro semestre.

Faz-se necessário dizer que o curso ministrado no primeiro semestre, com algumas adaptações direcionadas a cada faculdade específica, é basicamente igual para os oito cursos oferecidos pela Facamp. Isso porque tem como objetivo comum um programa focado na 'lapidação' do domínio e do uso do Português Padrão.

No primeiro semestre, o material usado é uma apostila preparada também por Platão e Fiorin, direcionada à preparação para o concurso de admissão à carreira de Diplomata, do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores. Esta apostila faz parte de uma série Manual do Candidato, editado pela Fundação Alexandre de Gusmão, com nove volumes, dentre os quais Língua Portuguesa constitui o primeiro. Escolhemos, por conseguinte, um material semelhante, produzido pelos mesmos autores, com o cuidado de não



fugir da perspectiva teórica anteriormente adotada e já mais detalhadamente trabalhada.

Para o nosso curso, julgamos importante recuperar a noção de texto, de coesão e de coerência, facilitando a atividade de produção escrita dos alunos. Comentamos o conteúdo teórico desses capítulos e resolvemos alguns dos exercícios propostos. Outros exercícios ficaram de sugestão para casa.

Pedimos, para a aula seguinte, leitura sobre Metáfora Cognitiva (CMT), proposta principalmente por Lakoff e Johnson em *Metaphors We Live By*, discutida em ARRUDA (2003).

### Aula 03

Julgamos uma das mais importantes. O assunto é a metáfora do ponto de vista da Ciência Cognitiva, contrapondo-a à idéia clássica de 'figura' de linguagem. Entendê-la como processo de projeção fundamental na construção do pensamento, da linguagem e da ação é o primeiro passo para entender os processos de projeção mais complexos, inclusive a própria metáfora, tratada em Rede de Integração Conceitual. Nesse momento, discutimos a metáfora apenas do ponto de vista da (CMT - Teoria Cognitiva da Metáfora) e a decodificação de mapas metafóricos, mostrando a relação direta de projeção de um domínio de origem a um domínio alvo e como ela se constrói nesse processo.

É ainda a primeira vez que os alunos percebem a metáfora na vida cotidiana, nas atitudes corriqueiras do dia-a-dia. Discutimos os exemplos tratados no texto lido e sugerimos aos alunos que pensassem em outros exemplos os quais, em seguida, foram oralmente compartilhados. Alguns deles foram colocados no 'quadro' e montamos, juntos, os esquemas-de-imagem do domínio de origem ao alvo. Essa atividade oral foi importante para o início de uma sistematização da teoria, construída de forma prazerosa e interativa.

Como atividade de casa, pedimos aos alunos que fizessem um exercício de metáfora; que escrevessem um parágrafo envolvendo a transposição de domínios, característica básica do processo metafórico. Foi-lhes dado o AMOR como sugestão de tema (domínio alvo) - o amor, por ser um sentimento abstrato e facilmente entendido em termos metafóricos, pois definimos conceitos mais abstratos em termos de conceitos mais concretos, os quais não temos outra maneira de defini-los, senão por metáforas.

As opções de domínios de origem para o AMOR (domínio alvo) foram: JOGO e VIAGEM. Para dar uma idéia do que pedíamos, fizemos juntos uns exercícios-modelo, como o que mostramos a seguir:

O amor é um jogo e como tal tem suas próprias regras. Deve-se saber equilibrar os sentimentos e usar as vantagens na hora certa. Ao término da partida, há um ganhador e um perdedor. O time perdedor sai de campo arrasado enquanto o time vencedor permanece desfrutando da vitória.

Num balanço geral dessa atividade, tivemos uma resposta bastante positiva dos alunos em relação à Teoria Cognitiva da Metáfora. Mostraram, em seus exercícios, que entenderam o funcionamento da metáfora, quando transportaram "frames" de um domínio a outro de forma coerente e adequada.

Para casa, ainda, foi pedida a leitura do texto "Metafóricas para a Resolução de Problemas", baseado em Jensen (1976).

#### Aula 04

Algumas construções são regularmente usadas no nosso dia-a-dia para nos referirmos a problemas e possíveis soluções. Este foi o foco da aula 04. A partir da leitura do texto sobre as metáforas de Jensen, solicitada na aula anterior, propusemos uma atividade prática para a aula. Pedimos aos alunos que se unissem em duplas. Levamos alguns exemplares do jornal *Folha de São Paulo*, de 28 de agosto de 2004 - data desta aula - e os distribuimos. As duplas escolheram um dos cadernos, com o qual iriam trabalhar. Tiveram de

selecionar artigos e encontrar trechos, a partir da classificação de Jensen, que comprovassem o uso das metáforas no cotidiano e na tentativa de resolução de problemas. Depois, compartilhamos com a classe os trechos encontrados e comentamos alguns deles. Comentamos o uso das metáforas no processo de argumentação, analisado no livro 'A arte de argumentar - gerenciando razão e emoção', de Antônio Suárez Abreu, cuja leitura foi sugerida na primeira aula.

### Aula 05

A Metonímia. A aula focalizou as relações metonímicas nos processos de coesão de texto, constituindo uma das principais formas de referência. Estudamos a metonímia como um processo cognitivo o qual reflete um modo particular de pensamento na construção da referência e da argumentação. Discutimos o artigo lido e propusemos uma atividade em classe a partir da sua leitura: que os alunos identificassem construções metonímicas dos tipos *A parte pelo todo; O autor pela obra; O lugar pela instituição; A instituição pelo responsável; O lugar pelo evento; O objeto usado pelo usuário*. Para isto, usamos como suporte uma crônica do Rubem Braga, intitulada O Pavão<sup>41</sup> e o editorial do jornal Folha de São Paulo daquele dia. Pedimos que tentassem identificar o sentido construído por meio dessas estruturas, isto é, o papel da metonímia na articulação do texto e nos processos de coesão, exercendo, pois, importante função argumentativa e/ou estilística.

Pedimos leitura do texto sobre Redes de Integração Conceitual para a aula seguinte.

### Aula 06 - feriado

### Aula 07

O foco central desta aula foi apresentar o 'blending' como um processo de projeção mais complexo do que o proposto pela CMT, mostrando que esse modelo de quatro espaços cria soluções para os fenômenos não diretamente

---

<sup>41</sup> BRAGA, R. O Pavão. In: *Ai de Ti Copacabana*. Rio de Janeiro: Record. 1999. 21<sup>a</sup> ed.

solucionados pela CMT. A partir dos gráficos da CMT e da BT e do exemplo discutido e analisado no texto teórico que leram, mostramos: a) como funciona o 'blending'; b) suas semelhanças e diferenças com a CMT; c) a importância de pensar nessas teorias como complementares. A partir do exemplo comentado "Este cirurgião é um açougueiro", propusemos que pensassem em outras frases comuns no nosso dia-a-dia, assim como esta.

Para atividade de casa, os alunos, em grupos de quatro, tiveram de analisar a expressão pelo grupo escolhida, seguindo o modelo da BT e preparar uma pequena apresentação para a aula seguinte.

Na verdade, a proposta inicial era de trabalho individual, mas como sentimos insegurança e dificuldade dos alunos ao lidar com os 'quatro' espaços propostos pelo 'blending', repensamos a atividade e propusemos os grupos de quatro. E, ainda, por sentirmos que seria uma atividade difícil para os alunos, não pedimos leitura do texto seguinte, sobre 'estórias, projeções e parábolas'. Fizemos algumas adaptações no programa a fim de preservar o bom andamento das aulas. Julgamos importante que os alunos tivessem essa teoria do blending bem sedimentada, uma vez que a concebemos como central nos processos de projeção.

### Aula 08

Ainda como fruto das alterações no cronograma, transferimos a aula de estórias, projeções e parábolas, a partir das 'Mil e Uma Noites', para a semana seguinte.

Sorteamos um grupo para apresentar a atividade proposta na aula anterior. O grupo sorteado foi à frente e apresentou sua análise. Houve algumas dificuldades, mas conseguimos saná-las ao longo da apresentação, inclusive com a participação da sala, mostrando interação e interesse. Ao final desta atividade, sentimos os alunos mais seguros e conseguindo manusear melhor a teoria com a qual estavam lidando. Para casa, pedimos que lessem apenas a estória de 'Sherazade' das Mil e Uma Noites.

## Aula 09

Estórias, Projeção e Parábolas. Fizemos uma análise da estória de Sherazade, sobre a qual pautamos nossa discussão teórica, que se deteve, principalmente, no conceito cognitivo de parábola e no seu esquema mental. Mostramos a projeção de uma estória sobre a outra, focalizando principalmente como essa projeção constitui um recurso 'vivo', ilustrativo, que ativa a imaginação narrativa criativa, exercendo forte valor explicativo e argumentativo. Como podemos, portanto, entender conceitos ou idéias, ou ainda defender um ponto de vista, a partir dessas projeções.

Sugerimos, para casa, leitura do texto que preparamos sobre projeções e parábolas. O texto que passamos aos alunos, assim como os demais, são os mesmos apresentados no capítulo teórico deste trabalho. Quanto ao texto específico sobre parábolas, destacamos a importância de se entender tanto o processo da CMT (muitas vezes neste texto retomado na construção dos significados parabólicos) quanto o do 'blending'. Comentamos ainda o papel da metonímia no processo de projeção de estórias. Esclarecemos que entregamos um longo texto sobre parábolas, muito importante para perceber as teorias conjugadas, mas pedimos atenção especial às primeiras páginas, que tratam da parábola e do seu esquema mental (inclusive com o mesmo exemplo discutido em sala, o de 'Sherazade').

Embora o texto das Mil e Uma Noites tenha sido um pouco extenso e cansativo, a estória é fascinante e despertou interesse, em alguns, por ler inclusive outras estórias do livro.

Quanto à atividade oral proposta no cronograma para esta aula, não conseguimos ajustá-la ao cronograma e fomos 'obrigados' a suplantá-la, por falta de tempo hábil.

## Aula 10

Exposição e discussão dos temas dos alunos.

Foi pedido, no início do curso, que os alunos pensassem em um tema para seus trabalhos. Sugerimos também que, nesse processo de resolução de seus temas, conversassem com professores de disciplinas específicas da Economia, a fim de evitar distorções nos conceitos econômicos com os quais estavam lidando. E isto foi feito; os alunos de fato procuraram alguns professores e conversaram sobre suas idéias.

Separamos esta aula para uma discussão geral dos temas dos alunos. O intuito maior era compartilhar com a classe e com o professor suas idéias e o porquê de suas escolhas. Todos falaram de seus 'projetos de artigo', ouviram e deram sugestões. Foi, sem dúvida, uma troca importante, pois, ao compartilharem suas idéias, sentiram-se, sobretudo, mais seguros do que estavam fazendo. Foi uma aula divertida, com muitos risos, principalmente porque algumas das idéias eram extremamente engraçadas, como vamos poder ver nos artigos.

Pedimos leitura do texto sobre analogia.

Aula 11 - feriado

Aula 12

Levamos o cartum (disponível no CD em anexo) para sala-de-aula e propusemos uma análise a partir de conceitos como projeções de histórias, construções analógicas, inferências e redes de integração conceitual. Isto para que os alunos pudessem visualizar na prática o desenvolvimento desses processos, com os quais já tiveram contato. Escolhemos um cartum animado (com som, fala e movimento), que chamasse a atenção pela sua criatividade e interatividade. Escolhemos, também, um tema relacionado à Economia, para que pudessem perceber o quanto, de fato, os processos cognitivos têm a acrescentar e a dialogar com as Ciências Sociais, o que, aliás, constitui um dos propósitos do trabalho desenvolvido durante todo o curso.

O desemprego é um dos assuntos mais em pauta nas sociedades de modo geral e em especial no Brasil, onde os índices não são nada animadores, o que justifica sua escolha. Ademais, desemprego é assunto facilmente percebido como de interesse da maioria, e entendido como algo realmente a afetar nosso cotidiano. Isto é, podemos dizer que desemprego é um dos itens mais discutidos nas sociedades, entre as famílias, os economistas, os estudantes, os trabalhadores (formais e informais), os artistas, no governo, nas empresas, nas escolas, enfim, nos mais diversos segmentos.

Outro motivo que justifica a escolha deste cartum, e do tema desemprego, é o diálogo que podemos estabelecer com o cartum francês, analisado por Turner (2001), cujo tema também tange - se não é foco central, relaciona-se a ele - o alto índice de desemprego na França.

Dessa possibilidade de interação entre o cartum francês (exemplo lido pelos alunos) e o nacional, criamos meios para mostrar como os processos cognitivos, embora analisados em situações específicas - França e Brasil - são norteados por uma idéia geral, escondendo uma estória 'condensada e implícita' a ser interpretada através de projeções.

A resposta da turma foi, não surpreendentemente, muito positiva. Os alunos se divertiram com o cartum, deram risadas e teceram comentários imediatos de 'o quanto está difícil a situação do brasileiro, especialmente da classe média no Brasil'. Esses primeiros e imediatos comentários dos alunos são importantes para verificação de como o 'blending', e a projeção de estórias, as analogias etc, são, antes de tudo, intuitivas e depois esquemáticas, conforme nos pontua Turner (2001) na análise de Analogia e Rede de Integração. E a partir deles, passamos à discussão e análise do cartum, propriamente.

A dinâmica da aula foi estabelecida por uma série de tópicos que fomentassem a discussão e a teorização de alguns dos processos cognitivos básicos e já estudados, na construção dos significados do cartum. São eles os tópicos:

- 1) O TÍTULO DO CARTUM: Desempregado canta 'Gitá' do Raul Seixas. Para início da discussão: os dois espaços inputs - a música de Raul Seixas e o desempregado;
- 2) Cena 1: sala de estar/ homem sentado no sofá, lendo jornal na seção de 'empregos'/ mulher sentada ao lado dele/início da música, só acordes, sem a letra (sem fala ainda do homem e sem a letra da música);
- 3) Cena 2: homem joga o jornal de lado;
- 4) Cena 3: e começa a falar com a mulher cantando/ respondendo-lhe com a música Gitá parodiada;
- 5) Correspondências entre as estrofes da música do Raul e os quadros análogos da música parodiada;
- 6) A analogia construída no espaço 'blend' sobre a situação do brasileiro de classe média em geral e, como consequência, o aumento do desemprego.

### Gitá

Às vezes você me pergunta  
por que é que eu sou tão calado  
não falo de amor quase nada  
nem fico sorrindo ao seu lado

Você pensa em mim toda hora  
Me come, me cospe, me deixa  
Talvez você não entenda  
Mas hoje eu vou lhe mostrar

Eu sou a luz das estrelas  
Eu sou a cor do luar  
Eu sou as coisas da vida  
Eu sou o medo de amar



Eu sou o medo do fraco  
A força da imaginação  
O blefe do jogador  
Eu sou, eu fui, eu vou

Gita gita gita gita gita

Eu sou o seu sacrificio  
A placa de contra-mão  
O sangue no olhar do vampiro  
E as juras de maldição

Eu sou a vela que acende  
Eu sou a luz que se apaga  
Eu sou a beira do abismo  
Eu sou o tudo e o nada

Por que você me pergunta  
Perguntas não vão lhe mostrar  
Que eu sou feito da terra  
Do fogo, da água e do ar

Você me tem todo dia  
Mas não sabe se é bom ou ruim  
Mas saiba que eu estou em você  
Mas você não está em mim

Das telhas eu sou o telhado  
A pesca do pescador  
A letra A tem meu nome  
Dos sonhos eu sou o amor

Eu sou a dona de casa  
Nos pegue-pagues do mundo  
Eu sou a mão do carrasco  
Sou raso, largo, profundo

Gita gita gita gita gita

Eu sou a mosca da sopa

E o dente do tubarão  
 Eu sou os olhos do cego  
 E a cegueira da visão

Mas eu sou o amargo da língua  
 A mãe, o pai e o avô  
 O filho que ainda não veio  
 O início, o fim e o meio (2x)

*Desempregado canta 'Gitá' de Raul Seixas.*

*Às vezes você me pergunta  
 Por que eu tô desempregado  
 Fico em casa sem fazer nada  
 Com cheque especial estourado*

*Você pisa em mim toda hora  
 Me cobra, me torra e se queixa  
 Talvez você não me entenda*

*Mas hoje eu vou lhe explicar*

*Eu sou brasileiro médio  
 Honesto demais pra roubar  
 Eu sou um caso sem remédio  
 Se a economia não mudar*

*Eu sou pobre sem padrinho  
 Não pude estudar e sou feio*

*Pode me xingar um pouquinho  
 Mas não põe a mãe no meio  
 Então tá, então tá...*

A primeira informação que temos é 'Desempregado canta Raul Seixas', frase que dá título ao cartum. A primeira cena do cartum mostra um homem sentado no sofá de sua casa com um jornal na mão, aberto na parte de 'empregos'. Ao seu lado, também sentada, está uma mulher. Na contraparte, está a música do

Raul Seixas 'Gitá'. Neste primeiro quadro, ainda não temos a letra da música, apenas os primeiros acordes. Com os primeiros acordes da música, entretanto, já projetamos a letra (aqueles que a conhecem) ao espaço da sala de estar em que se esquadram o homem sentado no sofá lendo o jornal e a mulher sentada ao seu lado. Por enquanto, cria-se uma expectativa do que teria em comum a letra de Raul com o espaço 'sala de estar' do cartum. Aqui são projetados dois espaços 'inputs' o da 'sala de estar' e o da 'música'.

Na seqüência, o homem joga o jornal no chão e age como se estivesse dando uma resposta. Agir como se estivesse respondendo aos questionamentos da esposa é uma idéia construída a partir de inferências da cena anterior, na qual visualizamos a seguinte situação: o homem deveria estar desempregado, ficando em casa, provavelmente durante o tempo todo, e à procura de uma oportunidade de emprego. A esposa teria cobrado do marido uma atitude, ou o fato de ele estar em casa desempregado. A cena é acrescida do início da letra da música. O homem, por sua vez, ao se sentir cobrado, responde colocando a sua situação no contexto da situação econômica do Brasil.

A estória-base que está sendo projetada para a construção do espaço da situação do desemprego no Brasil, em especial da classe média, é o espaço do 'frame' RELACIONAMENTO A DOIS; isto é, do relacionamento do namorado com a namorada (no espaço de *Gitá*), do relacionamento casal do cartum em cena (no espaço do cartum, *em relação ao desemprego*). A estrutura que emerge dessa relação é o relacionamento entre o Brasil seu povo, em especial a classe média.

Na música *Gitá*, o espaço input 1, fica evidente que há uma dissonância entre o que o casal considera como atitudes de amor. Já no espaço input 2, essa dissonância proposta na música do Raul emerge na estória do desempregado, pondo em evidências, no 'blend', o sofrimento da classe média brasileira como um todo, com o desemprego, como conseqüências da falta de políticas sérias para a Justiça, a Educação, a Economia etc.

Com essa idéia até aqui exposta, pautamos nossa análise do cartum, construída em sala de aula, em parceria com os alunos.

### Aula 13

Entrega da primeira versão do trabalho. (aula que corresponderia à primeira prova)

### Aula 14 - feriado

### Aulas 15, 16, 17 e 18

Atendimento individual. Foi reservado um horário específico para uma conversa com cada aluno individualmente. Espaço reservado para análise da primeira versão dos trabalhos dos alunos e sugestão de alterações necessárias.

### Aula 19 - Entrega da versão final do trabalho

Aulas 20 e 21 - Semanas destinada a provas substitutivas e exames. Não houve aulas.

## [3]

**Meu 'Vintém de Cobre'**

*"Minha querida amiga Cora Coralina: Seu "Vintém de Cobre" é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia.*

*(Carlos Drummond de Andrade, em uma das cartas à Cora Coralina. Editado pela Universidade Federal de Goiás, em 1983, no livro de Cora, "Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha".)*

É este, para nós, nosso vintém. Nosso '*vintém de cobre*'. Este último capítulo traz os trabalhos finais dos alunos. Apresentamos oito deles. Do total de dezesseis, selecionamos a metade. Esta seleção não foi, porém, feita com a intenção de destacar os que poderíamos considerar como os 'melhores trabalhos'. Não. A seleção foi feita de modo apenas a contemplar exemplos mais diversos, mesmo porque achamos muito difícil escolher, dentre os dezesseis, aqueles que poderiam ser 'os melhores'. Nossa intenção primeira era de apresentar todos eles, mas temendo que ficasse muito cansativa a leitura e repetitiva a análise, optamos por uma amostragem.

A escolha se deu, portanto, de forma que nos permita mostrar os diversos temas e as diversas relações estabelecidas por eles. Ao final de cada artigo, tecemos alguns comentários daquilo que nos pareceu mais importante, ou que simplesmente nos chamou mais a atenção. Mesmo assim, não apresentando todos os artigos, nossa opção por analisar um número que consideramos razoável foi vencida à de mostrar apenas alguns poucos deles e analisá-los exaustivamente, pois julgamos que, da forma como fizemos, o ganho seria maior. Analisamos pontos diversos em artigos diversos, mostramos o resultado final como um todo. Ademais, foi-nos, assim, possível analisar não só até que

ponto cada um dos alunos atingiu seus objetivos, mas a eficácia, ou não, do projeto em si e sua aplicação.

Ao que pudemos observar, todos os alunos obtiveram sucesso; entretanto, alguns notoriamente estabeleceram conexões mais complexas, usando mais de uma Rede de Integração para suas analogias, muitas vezes, combinando-as com sucesso, ou, ainda, usando Redes de Integração diferentes e paralelas, ou sobrepondo-as - uma rede levando a outra.

Das dificuldades gerais que observamos durante o processo integral e, principalmente com o resultado definitivo, destacamos a tendência natural e impulsiva de se entender a analogia e os processos de projeção como um todo, de forma direta. A dificuldade por parte dos alunos em enxergar a 'não-linearidade' do processo foi, para nós, facilmente detectável, quando lemos os artigos, os quais, na sua maioria, de início, tentam montar tais relações diretas. O conceito previamente formado de 'linearidade do processo' foi desmontado, sobretudo, no trabalho de confecção dos artigos, cujos resultados são evidentes. O fato de os alunos não encontrarem correspondências diretas a todas as contrapartes os levaram a solucionar as analogias e as projeções de modo geral, de forma criativa e integrada, rendendo-se à 'não-linearidade do processo'. Na maioria dos artigos, vamos encontrar o que acabamos de dizer, evidente, por exemplo, nas tentativas de explicações das analogias; nos contrapontos e nas 'ressalvas' estabelecidos.

Como resultado final de um primeiro trabalho, julgamos muito positivo. Não é fácil quebrar o paradigma 'cartesiano' já intrínseco na formação da maioria dos alunos e, menos ainda, exercitar o pensamento criativo, como o que fizemos durante todo o processo. O que mais se exigiu foi, ao nosso ver, a capacidade de desenvolver essa habilidade, por meio dos processos de projeção, conjugando valores intelectivos, conceitos científicos como os da economia, e prática de escrita. Manifestar isto em palavra dita e palavra escrita, articulada de forma a constituir uma teia de significados a que chamamos 'texto' não é fácil ou, pelo menos, não nos pareceu fácil. Vale pensar, por exemplo, na sensação desconfortante, medrosa, matemática e sistemática de quando

pegamos um carro pela primeira vez. Fora a emoção desse momento de conquista, sabemos que não é uma prática automática, como quando dirigimos hoje. Cada passo é milimetricamente pensado e medido, como uma seqüência a ser decorada e praticada. Às vezes, perdemos etapas, passamos umas à frente das outras e nos atrapalhamos um pouco; começamos, paramos, continuamos, voltamos do zero... Enfim. Saímos andando até que, um dia, o carro 'quase anda sozinho'!

Os artigos estão aqui apresentados da forma como eles foram entregues ao professor. Tomamos o cuidado em não fazer qualquer tipo de alteração, mesmo que julgássemos necessária. Estão, portanto, apresentados na íntegra. O modelo metodológico de artigo que deveria ser adotado pelos alunos foi o proposto pelo professor responsável pela disciplina Metodologia da Pesquisa, e segue (com adaptações) a indicação do Instituto de Economia da Unicamp, para publicação de artigos em sua revista. A única modificação que fizemos foi adequá-los ao tipo de letra e à formatação geral do nosso trabalho para que não ficassem destoantes.

Ao que nos parece, 'uma idéia na cabeça e um projeto na mão' nos rendeu alguns 'vinténs'!

### 3.1. Os Artigos

ARTIGO 01

---

#### A VELHICE E A DEPRECIAÇÃO DO CAPITAL

Rebeca Soares (Facamp - Faculdade de Economia, 3º ano)

*ABSTRACT: this article will try to present an important concept and always present in our home and business environment: the depreciation. This term is very used in economy, but day-by-day it will be determined in the major all our consume options. It will be used an analogy with the older of human being.*

*RESUMO: este artigo procura apresentar um conceito importante e muito presente em nossos ambientes domésticos e empresariais: a depreciação. Procurará esclarecer um termo economicamente muito usado e que, no dia-a-dia, deveria ser determinante nas nossas escolhas de consumo. Utiliza-se a analogia com o envelhecimento do ser humano.*

#### INTRODUÇÃO:

Atualmente vivemos em uma sociedade desenvolvida, dita moderna. Em pleno século XXI, podemos desfrutar de tecnologias de ponta, rapidez na comunicação, liberdade de expressão, entre muitas outras vantagens e conquistas, as quais os homens foram adquirindo.

Com o passar dos anos, os homens foram se tornando modernos, criando máquinas, descobrindo novos produtos e aprimorando os já existentes. Isso permitiu a ele tornar o seu trabalho mais eficiente e o seu lazer mais agradável. Quem é que não gosta de sair para comer uma pizza com os amigos e depois alugar algum vídeo ou DVD para assistir em casa?

Mas mesmo com toda essa estrutura social que a modernidade nos permite desfrutar, descobrimos, mais cedo ou mais tarde, uma triste realidade: nós



envelhecemos! Querendo ou não, com cremes, exercícios, plásticas e boa alimentação, a velhice é um fato na existência do ser humano, que nos traz perdas físicas, mas certamente nos traz ganhos de vida, pois contamos com a experiência dos muitos anos vividos! E durante toda a nossa existência, durante 70, 80 ou até mesmo 90 anos de vida, nos deparamos com coisas do nosso dia-a-dia as quais nunca entendemos.

Nossa sociedade moderna conta com altas tecnologias, diversas pesquisas na área médica, mentes brilhantes escrevendo livros, mas por que não conseguiram, até hoje, fazer com que um ferro de passar roupa não quebre de 3 em 3 meses? Ou que um carro de 1980 não precise ir para o mecânico a cada quilômetro rodado?

Esse artigo tem por objetivo apresentar, de modo simples, um conceito bastante presente em nosso dia-a-dia, tanto na vida doméstica, mas, principalmente, no meio empresarial. Pretende-se caracterizar a depreciação do capital, um termo econômico e muitas vezes ignorado. Entendê-lo seria útil para a tomada de decisões de consumo prudentes, e para isso, utilizaremos um recurso que transforma o famoso "economês" em entendimento para todos: a analogia.

#### A ANALOGIA:

O envelhecimento do ser humano é um fenômeno natural, e intrínseco, que pode ser acelerado ou não. O corpo humano, com o passar do tempo, passa a desenvolver as suas atividades de forma mais lenta, quando não deixa, simplesmente, de executar determinadas tarefas. Nós, enquanto "donos" do nosso corpo, no início desse processo natural, podemos tomar algumas medidas para postergar esses problemas, através de exercícios físicos regulares, alimentação correta e um estilo de vida saudável.

Porém chegará um dia em que, mesmo diante de todas as medidas de precaução, o nosso corpo evidenciará que "não dá mais conta do recado" na mesma intensidade da época que tínhamos 15 anos de idade. Quando esses

sinais chegarem, tais como dores nas costas, dificuldade auditiva e visual, fadiga, surgimentos de cabelos brancos e rugas, entre outros, saiba: você estará envelhecendo.

Durante anos que vivemos, dia-a-dia estamos passando por esse processo natural, mesmo que de forma lenta e muitas vezes imperceptível aos nossos olhos. Cada uma das partes do nosso corpo, como se fossem ferramentas em plena atividade numa fábrica. Passam a ser menos eficientes. E durante esses dias, a maioria das pessoas, trabalhou, constituiu família, usufruiu lazeres e trocou no mínimo 2 vezes de carro!

De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, depreciação é uma perda progressiva de valor, e isso nos explica o que acontece com o nosso carro, nosso ferro de passar roupa, nosso fogão e todas as "máquinas e ferramentas" que estão presentes no nosso dia-a-dia!!

Quando estamos comprando uma máquina, mesmo que ela não seja para uma empresa, isto é, mesmo que seja um microondas, faz-se necessário saber que, com o passar dos anos, assim como acontece com a máquina humana, ela deixará progressivamente de funcionar, até chegar ao estado total de mau funcionamento, mesmo que sejam tomados todos os cuidados necessários!

Aqui, a máquina que é considerada um capital, será o corpo humano. A partir do seu nascimento (produção da máquina), ela desempenhará, "a todo vapor", suas funções, de maneira eficiente, rápida, sem ficar doente e satisfazendo seu proprietário. Porém, com o passar dos anos, mesmo com visitas regulares aos médicos, alimentação saudável, exercícios físicos, ela vai envelhecendo, pois ela já não produz a mesma quantidade de determinado produto no mesmo período de tempo. E isso ocorrerá até o dia em que essa máquina deixará de funcionar e morrerá.

Ou seja, a depreciação é normalmente incorrida como uma despesa constante, em detrimento do envelhecimento de uma máquina, a qual gradualmente tem o seu valor reduzido<sup>42</sup> (pois produz de maneira menos eficiente).

Assim, com o passar do tempo, as máquinas perdem o seu valor, pois, para o empresário elas trabalharão bem menos que uma máquina nova, e poderão, a qualquer momento, ser trocadas por outras, em melhores condições. E de maneira similar, na esfera doméstica, se faz necessário saber que, com o tempo, todo o gasto financeiro, conseguido com muito esforço, para a obtenção das máquinas e ferramentas presentes no nosso cotidiano, perderão o seu valor e a sua funcionalidade, fazendo-se necessária a aquisição de novas máquinas! Ou seja, teremos que gastar mais dinheiro! Daí a necessidade da consciência de que o consumo que podemos ter hoje será "refeito" num futuro, o que implicará um planejamento financeiro compatível com essa realidade inerente.

Assim como "jogamos fora" muitas máquinas, infelizmente, as pessoas da nossa "sociedade moderna" vêm enfrentando seus processos naturais de envelhecimento e sendo máquinas descartáveis, quando atingem determinada idade, sendo alvo de discriminação e desrespeito.

Uma máquina perde suas funções físicas. Um empresário ou uma dona-de-casa certamente irão substituí-la por outra, mais cedo ou mais tarde, devido ao fenômeno da depreciação. As pessoas, quando chegada a hora certamente envelhecerão e um dia morrerão, pois como vimos o envelhecimento acontece lenta e progressivamente, desde o dia em que chegamos a esse mundo. Ao fim de nossas vidas, contaremos com uma vasta experiência que complementarás as próximas gerações. Assim também uma máquina que foi 'gasta' num processo produtivo, colaborou, durante sua existência, para o progresso daquele investimento.

Podemos usar o que acontece com as pessoas para entendermos o que acontece com as máquinas, através de uma ferramenta lingüística tão

---

<sup>42</sup> Fonte: Centro de Ciências Sociais (UFPB)

fantástica, como a analogia, facilitando o entendimento daquilo que, muitas vezes, jamais entenderíamos de outra maneira. Contudo, jamais deveríamos tratar as pessoas como se fossem, simplesmente, máquinas.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2<sup>a</sup> ed. Revista e ampliada. 1986. Centro de Ciências Sociais (UFPB)

**Comentários:** o título do artigo já destaca a analogia estabelecida entre a velhice e a depreciação do capital. A depreciação do capital pode ser entendida como a estória alvo, explicada através da projeção da estória de origem; a velhice. Criou-se, portanto uma analogia entre esses dois espaços, que, para o 'blending', são chamados de espaços 'inputs'. Entender a DEPRECIÇÃO DO CAPITAL em termos de ENVELHECIMENTO DO SER HUMANO (VELHICE) é a proposta deste artigo. A propriedade principal que emerge no 'blend' é a idéia de 'desgaste do capital'.

Essa idéia só pode ser construída a partir da integração dos espaços 'inputs' da VELHICE e do CAPITAL. E então podemos entender que o capital, esse bem abstrato de valor nas nossas sociedades, envelhece, assim como a máquina humana. O que projetamos do espaço 'input 1' ao espaço genérico e ao 'blend' são conhecimentos já compartilhados sobre o ato de envelhecer. O espaço da velhice é projetado de forma bastante tranqüila para os leitores, uma vez que todos nós temos uma idéia, mais ou menos comum, do que é envelhecer, e das suas tantas conseqüências. O 'frame' da velhice é estabelecido, no artigo, a partir da sua contraparte 'a JUVENTUDE'. Conceitos como: a busca pela saúde e o retardamento do envelhecimento, os cuidados estéticos para retardar o envelhecimento (apontados no artigo pela metonímia do 'creme' e da plástica, por exemplo), exercícios físicos na busca por uma qualidade de vida saudável demonstram essa relação. Outra idéia que ajuda a compor o frame 'VELHICE' é o esquema-de-imagem VELHICE É EXPERIÊNCIA e seu

subesquema EXPERIÊNCIA É UM BEM DE VALOR, levados ao 'blend', para a construção CAPITAL É UM BEM DE VALOR e contrapondo-os ao esquema 'JUVENTUDE É INEXPERIÊNCIA' e INEXPERIÊNCIA NÃO É UM BEM DE VALOR. Uma das mais clássicas metáforas ontológicas O SER HUMANO É UMA MÁQUINA, providencia-nos conceitos como o homem inevitavelmente envelhece e aos poucos perde suas funções. No espaço 'input' do CAPITAL, entendido a partir do esquema-de-imagem CAPITAL É UM OBJETO; isto é, como um objeto físico e concreto, uma vez que o capital não pode ser facilmente entendido como uma entidade abstrata projetamos o esquema CAPITAL É UMA MÁQUINA, e seu subsistema CAPITAL É UMA MÁQUINA HUMANA. A partir desses esquemas, criamos as noções de capital como um bem de valor e como uma máquina que tem relativo valor com o passar do tempo, retornando à idéia projetada do espaço 'input' da 'VELHICE' e seus esquemas-de-imagem.

ARTIGO 02

---

### MAQUINISTAS, TEMOS UM PROBLEMA!

Gustavo de Pinho Gato (Facamp - Faculdade de Economia, 3º ano)

*ABSTRACT: the main idea of this paper is to suggest an explanation of the economic policies adopted in Brazil since 1990.*

*RESUMO: a idéia principal deste artigo é sugerir uma interpretação para a política econômica liberal adotada no Brasil, nos últimos 14 anos, a partir da construção de projeções cognitivas, usando a estória do trem; uma locomotiva que é conduzida a base de sua destruição.*

Compreender o significado dos resultados de uma política econômica não é fácil, principalmente quando se trata de uma mudança estrutural. Assim foi o que ocorreu em 1990 com a subida do Collor ao poder. Refiro-me, aqui, ao início da abertura financeira no Brasil; essa liberação econômica visava não

apenas abrir a economia nacional à competição externa, mas também, facilitar a entrada de mercadorias e capitais estrangeiros.

Nesse momento, o Brasil engatava na onda teórica dos países centrais da desregulamentação financeira, para permitir o livre fluxo de capitais internacionais. Em outras palavras, abolimos as regras do limite máximo de substituições dos jogadores de um campeonato de futebol. Aliás, não foi só isso, tiramos as regras e tiramos o árbitro também, uma vez que agora entra em jogo quem quiser; o capital estrangeiro no papel de jogadores intrusos se encarrega de fazer a festa no meio de campo, driblar algum adversário, a cometer faltas... o tempo nesse jogo, no qual um drible pode significar uma grande valorização; e a falta, uma fulga em massa desse capital especulativo que acaba prejudicando a disputa com nossos jogadores, também não importa. A única regra que permanece é clara, joga quem quiser, pelo tempo que achar melhor.

Com esse cenário da desregulamentação financeira, podemos entender mais claramente as conseqüências disso tudo para nossa economia. Para deixar essa idéia mais evidente, colocamos o futebol no trem da vida.

Num lugar sem nome e num período distante existia uma linda locomotiva robusta, enorme e bem conservada. Por onde passava, ecoava imponentemente o seu apito, pairando no ar há quilômetros de distância sua marca para que todos soubessem de sua passagem.

Era uma locomotiva especial, coordenada pelos ciclos a vapor. O maquinista lá na frente trabalhava num ritmo desenfreado. Pega o carvão daqui e põe ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Piuiii...

Nem no dia mais claro e ensolarado possível o maquinista lá na frente do trem conseguia enxergar o seu último vagão, tão grande era a máquina. Grande e complexa para não me deixar mentir. Logo após a locomotiva principal vinham os vagões do alto escalão, pessoas importantes, auxiliando na logística e nos caminhos a serem adotados pelo maquinista. Depois se encontravam alguns

locus de comércio intercalados com os de habitantes. Havia também os vagões responsáveis pela saúde, pela produção de alguns bens, pela educação das pessoas, pela cultura, finanças, justiça, esporte, etc.

Para quem ainda não viu, vale a pena consultar o filme, "Train de Vie" ou "Trem da Vida" do diretor Radu Mihaileanu. Essa excelente comédia francesa é uma preciosidade rara que alegra e encanta nossos olhos, mas auxilia também na visualização do que escrevo, salvo algumas diferenças.

Para que o nosso trem continue caminhando é preciso que exista uma generosa reserva de combustível capaz de puxar todos os demais vagões. Porém, o carvão é um recurso não renovável. Imaginemos que os estoques presentes no trem começam a desaparecer. O vagão responsável pela energia corre então para a sala de reuniões onde se encontra com o alto escalão e o maquinista do trem: "Temos um problema e precisamos de uma solução rápida se não quisermos atravancar nosso percurso!", exclama com o tom lamentável os chefes das energias. Em poucos segundos se instaurou um rebuliço e um bafafá entre o alto escalão.

A solução imediatista e mais simples possível conseguida pelos líderes ferroviários foi determinar ao maquinista que desmanchassem o último vagão para que ele pudesse ser queimado na fornalha e mover a locomotiva pra frente. Pega a madeira daqui e põe ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Piuíiii...

Consumir o seu próprio vagão não é uma alternativa sustentável, pelo contrário. Assim ficou decidido que novas formas seriam discutidas. Passado um tempo, surge o mesmo problema: o último vagão foi inteiramente consumido, o que fazer agora? Entre esta nova crise e a primeira, o maquinista ficou tão focado em desmontar o último vagão e alimentar a fornalha, que ficou sem tempo para pensar em alternativas.

Não restam dúvidas, a melhor forma de contornar a situação seria novamente consumir um outro vagão. E assim se sucedeu. No início, os reflexos sobre a

vida do trem foram praticamente imperceptíveis. Afinal, o que era um vagão entre centenas de outros?

Quais eram as conseqüências de uma política como essas? Na nossa estória, você pode imaginar o que aconteceu com as pessoas que estavam nos vagões que foram destruídos. Para onde eles foram? Onde eles estão agora?

É claro que eles foram expulsos de seus *locus* e obrigados a se dirigir a outros vagões. No início as pessoas se distribuía entre os demais com facilidade, já que existia um pouco de espaço livre espalhado pelos outros vagões. Porém, a cada vez que um novo vagão era destruído, mais apertado ia ficando. Mais difícil era se encontrar um lugar para morar, para comer. Pessoas com fome, sem moradia, na perspectiva de encontrar um novo espaço, começam a apelar para o que podem: roubando, seqüestrando, traficando, assaltando, matando...

Vale lembrar, que as conseqüências possuem um gradiente de velocidade maior no final do trem e menor próximo do alto escalão. Pelo fato deste desconhecer a realidade lá na periferia, mais difícil é de se perceber os problemas estruturais desse trem.

Consumir a si próprio para manter a marcha é uma visão limitada de curto prazo. Pior ainda, essa política nos torna refém de nós mesmos. Afinal, os líderes até têm interesse em pensar em novas políticas, mas não possuem tempo hábil, uma vez que desmontar um novo vagão já se faz necessário e pensar em como absorver essa concentração crescente populacional começa a se tornar um problema à medida que se aproxima da locomotiva.

Pega a madeira daqui e põe ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Piuuu...

A crise começa então a se instaurar, os dirigentes não têm tempo para pensar em alternativas, mas precisam decidir, a cada momento, como remediar a situação. O galopante número de pessoas por unidade de área, aliada ao desaparecimento de cargos e funções dos outros vagões, culmina num grande desemprego, numa grande recessão.



Não obstante, uma rebelião começa a ganhar corpo. Surge a guerra civil. As pessoas estão inconformadas com as dificuldades e exigem a retirada do maquinista que vinha conduzindo há anos todo o trem. A revolta é tanta que primeiro as pessoas acabam com a tradição hereditária dos maquinistas e exigem uma imediata substituição por uma pessoa de idéias opostas.

A população do trem se infla de esperanças e alegria com o novo cenário; mas estas duram pouco... Logo todos percebem que o novo maquinista carrega a herança daquela antiga política: uma miopia que o desgraça, pois o impede de pensar a longo prazo.

Essa é a história de um mundo perverso, no qual as pessoas são levadas a disputar entre si por um pedaço de chão, por um pouco de comida, por um pouco de dignidade... Pega o carvão daqui e põe ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Piuuoo.

A degradação é maior à medida que nossa política avança. Em poucos anos, já foram consumidos também o vagão da saúde, da previdência, da cultura, da educação, da moradia, do lazer, do meio-ambiente, da energia...

Uma história triste, você não acha? Mas mais triste ainda é saber que ela não está tão longe da nossa realidade. A política econômica da liberação financeira não é diferente. Nós nos tornamos sua refém., já que existe uma forte dependência desse capital para fechar o Balanço de pagamentos, em outras palavras, precisamos desse capital estrangeiro para balancear nossas contas nacionais.

Para atrair esse capital de que tanto necessitamos, precisamos de holofotes grandes para nos projetarmos à distância e chamar a atenção. Com juros altos conseguimos reter esses recursos financeiros. Mas as taxas de juros elevadas, por sua vez, representam um gasto maior pro governo, porque ele precisa remunerar melhor esse capital. Esse é o grande holofote, que ilumina mas

consome, consome energia. Energia produzida pela fornalha a partir dos vagões queimados.

Em resumo, deixamos de investir em educação, saúde, previdência, eletricidade, habitação, esporte etc. para alimentar esse grande holofote dos faróis que guia os capitais internacionais: a taxa de juros.

Com os juros altos também não há interesse por parte dos habitantes do trem em plantar árvores para construir novos vagões. Muito melhor será aplicar o capital no mercado financeiro. Esse ciclo vicioso precisa ser rompido, pois do contrário se anuncia a destruição de todo o trem.

Se houvesse regras mais justas, capazes de limitar a ação desse capital, muita coisa seria diferente; os juros poderiam ser mais baixos e o governo teria um melhor controle sobre esses recursos, podendo investir nos vagões sem medo de ser pego de surpresa por uma fuga de "jogadores de futebol."

Em meados de 2002, Vitor Casimiro escreveu:

"Se o Brasil fosse um estômago, ele estaria roncando. Alto, bem alto. Na estimativa mais otimista, feita pelo governo federal, cerca de 20 milhões de brasileiros passam fome. Na pior das hipóteses, sugerida pelo Mapa do Fim da Fome no Brasil, da Fundação Getúlio Vargas, o problema mais que dobra de tamanho: 50 milhões seria o número de miseráveis que não têm o que comer."

Esse alerta serve para corrigir a miopia de que muitos brasileiros podem estar sofrendo. Esse artigo visa, portanto, apenas destacar pontos sobre os quais dificilmente paramos para nos questionar. Da mesma maneira que os dirigentes do trem se viam demasiadamente focados para a solução dos problemas imediatistas, as pessoas comuns, como você e eu, também correm para solucionarmos nossos problemas cotidianos e acabam esquecendo a visão macro do nosso país.

Pega o combustível daqui e põe ali. Daqui, ali. Daqui, a... Cuidado, este trem pode parar.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

CASIMIRO, Vitor. "De barriga vazia". In: *Notícias Comentadas*. São Paulo: Vozes, 2002. Versão eletrônica disponível na página [www.educacional.com.br](http://www.educacional.com.br).

**Comentários:** Justaposição de espaços integrados, projetados em um espaço integrado maior no qual esses diferentes 'blends' se unem servindo-se de espaços 'inputs' para um novo 'blend' é a principal articulação deste artigo.

O primeiro espaço 'input', do frame do JOGO DE FUTEBOL, é lançado ao primeiro 'blend', construindo uma idéia, a partir da contraparte com o BRASIL, cujos significados emergentes apontam para a falta de regras sensatas no nosso país, ou ainda, a falta de regras no jogo da política econômica.

Esse significado resultante do primeiro 'blending' é reprojetoado à estória do trem da vida, construída, por sua vez, a partir de uma estória de origem, a de uma viagem de trem e suas dificuldades, projetadas à vida, isto é, a estória do dia-a-dia. Esses significados já emergentes desses processos sobrepostos são destacados na expressão "colocamos o futebol no trem da vida!" A forma rica com que foi explorada a narrativa imaginária do trem nos serve à analogia com o Brasil, de forma a pôr em movimento e a exercitar a nossa mente literária cotidiana. Criaram-se contínuos cenários a serem projetados e reprojetoados para explicar a política de abertura econômica a partir dos anos 90 no Brasil.

Na estória do trem, evidenciamos o esquema mental da parábola, envolvendo principalmente predição, avaliação, planejamento e explanação, incluindo objetos, atores e eventos, e estabelecendo contrapontos entre a narrativa imaginária e o conceito econômico a ser explicado. Alguns cenários ganham vida com o uso de expressões repetitivas e sequenciais e alternadas, como em "Pega a madeira daqui e põe ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali. Daqui, ali." ,

bem como os efeitos onomatopéicos dessas mesmas expressões, ou de outras como "Piuíiii...".

O diálogo com outros textos, como o "de barriga vazia", proporciona-nos novos 'blends' e novos significados emergentes. Da mesma forma, atua a citação do filme que, para aqueles que assistiram, constitui mais um elemento para o outro 'blend' que, juntos, enriquecem a idéia final.

## ARTIGO 03

---

### AS SEMELHANÇAS ENTRE O ALCOOLISMO E O PROLONGAMENTO DA SOBREVALORIZAÇÃO CAMBIAL NO PRIMEIRO GOVERNO FHC

Vinícius E. Ferrari (Facamp - Faculdade de Economia, 3º ano)

*ABSTRACT: The main purpose of this article consists in a simple explanation of the effects exerted by the prolongation of the period of cambial overvaluation on the Brazilian economy, especially in the balance of payment. In order to provide a wide comprehension, we will show the similarities between the economical and social impacts caused by the valued currency and the effects and stages caused by the alcohol in the human body. Among all these common happenings, we can identify the states of: informality, euphoria, self-confidence, control loss, fall, alcoholic comatose, hangover, sacrifice to have the confidence back and sadly the last one – the return to the addiction.*

*RESUMO: O objetivo principal deste artigo consiste na explicação (de forma simples e acessível) dos efeitos exercidos pelo prolongamento do período de sobrevalorização cambial sobre a economia brasileira, sobretudo no balanço de pagamentos. Para possibilitarmos uma compreensão abrangente, mostraremos as semelhanças entre os impactos econômicos e sociais provocados pela moeda valorizada e os efeitos e estágios ocasionados pelo álcool no organismo humano. Dentre estas ocorrências comuns, podemos identificar os estados de: descontração, euforia, autoconfiança redobrada, perda do controle, queda, coma alcoólico, ressaca, sacrifícios para retomada da confiança e tristemente por último – o retorno ao vício.*

*PALAVRAS CHAVES: Alcoolismo; sobrevalorização cambial prolongada; balanço de pagamentos; descontração; euforia; perda do controle.*

## INTRODUÇÃO:

Este artigo possui o intento de explicar da maneira mais simples possível um termo/fenômeno de natureza econômica, possibilitando, desta forma, a total compreensão por parte dos leigos em economia. Esta proposta de trabalho exerceu, desde o início, um efeito cativante, uma vez que contribuirá para desmistificação de alguns fetichismos em relação às discussões econômicas: existe na psique social a convenção de que a Economia representa uma “ciência proibida”, embasada em operações aritméticas de extrema complexidade. Seguindo este raciocínio, existe a crença de que o acesso a esta disciplina representa um privilégio de uma casta separada da sociedade. Como os demais preconceitos que acometem o gênero humano, podemos atestar que estas convenções não passam de alguns temores infundados.

Wiston Churchill também foi acometido por este preconceito de cunho econômico. O célebre político costumava advogar que poderia entender de qualquer assunto que o explicassem, com exceção de Economia. Claramente, Churchill estava menosprezando sua capacidade. Em diversos momentos da história, o estadista demonstrou uma inteligência singular, ele poderia obter uma compreensão satisfatória da ciência econômica, caso se dedicasse com mais afinco. Apesar destas qualidades, o líder inglês contribuiu para implementação de uma política assaz desastrosa para o seu país: no período entre guerras, quando ocupava a pasta de ministro da fazenda – contrariando os conselhos de Lord Keynes<sup>43</sup> – Churchill restabeleceu a paridade entre a libra e o ouro. Foi instituído um valor, para a relação entre os dois ativos, semelhante à paridade que vigorava no período que antecedeu a primeira grande guerra. Em decorrência deste fato, observamos a sobrevalorização da libra em relação às demais moedas européias, fato provocou a deformação dos preços relativos, encarecendo as exportações inglesas e fomentando as importações de produtos estrangeiras. Desta forma, a Inglaterra foi assolada

---

<sup>43</sup> Para obter mais informações ver: KEYNES (1925)

por recorrentes déficits comerciais com o resto do mundo<sup>44</sup>. Infelizmente os gestores de política econômica do primeiro governo FHC não aprenderam com a História. Ocorreu a repetição do mesmo erro, representado pela sobrevalorização do real de 1994 a 1999, que acarretou dissabores semelhantes.

Os dois intentos primordiais do trabalho, de certa forma, questionam as duas condutas apresentadas por Churchill, descritas no parágrafo anterior. O primeiro objetivo, de natureza abstrata, está relacionado à tentativa de aplainamento dos preconceitos referentes à complexidade da temática econômica. O segundo ponto, necessário para viabilização do intento inicial, compreenderá a descrição para leigos, em termos simples, do complexo fenômeno da sobrevalorização cambial vigente no primeiro quadriênio do governo FHC. A realização deste segundo objetivo se materializará através da comparação das implicações acarretadas pelo fenômeno econômico com os efeitos sob o organismo provocados pela ingestão prolongada de bebidas alcoólicas. Procuraremos demonstrar como o país se “embebedou” através do câmbio barato.

#### DESENVOLVIMENTO:

Como os problemas derivados da sobrevalorização cambial impactam, sobretudo, sobre o Balanço de Pagamentos, constitui-se necessário uma rápida e sucinta definição deste conceito<sup>45</sup>. No Balanço de Pagamentos, são registradas todas as transações do País com o exterior. Estas relações se subdividem em dois grupos: transações envolvendo a comercialização de bens e serviços, registradas na balança de transações correntes; e transações financeiras, relacionadas à negociação de ativos, mensuradas na conta capital financeira. Uma ressalva importante consiste no fato de que todas as

---

<sup>44</sup> A existência de uma certa complexidade nesta primeira explicação sobre os efeitos da sobrevalorização cambial foi proposital. Uma vez que este será o fenômeno econômico explicado posteriormente, mediante metáforas, remediaremos esta transgressão do objetivo primordial do trabalho.

<sup>45</sup> Para obtenção de maiores informações sobre o Balanço de Pagamentos ver KRUGMAN & OBSTFELD (1999)

transações são efetuadas na moeda conversível internacional, o dólar. Uma vez o Brasil não emite dólares, o país tem necessidade de obter receitas financeiras em moeda estrangeira para liquidar os seus débitos externos. Quando o país incorre num défice do Balanço de Pagamentos a soma do resultado das rubricas transações correntes e conta capital apresenta valor negativo. Esta diferença deverá ser coberta pela redução das reservas internacionais – reservas em moeda conversível – ou o país deverá recorrer a empréstimos de emergência junto a organismos internacionais, como o FMI.

Tratemos especificamente das semelhanças entre o dólar barato e os efeitos do álcool. Seria uma atitude assaz puritana a condenação arbitrária das bebidas alcoólicas. A ingestão moderada pode acarretar decorrências benéficas. Os efeitos iniciais de descontração e abatimento das inibições representam sensações extremamente prazerosas, contribuindo para que o convívio social se torne mais agradável. Da mesma forma, o real sobrevalorizado também apresentou inicialmente implicações positivas, contribuindo para o debelamento da inflação. O aumento da concorrência por parte das importações, decorrente do dólar barato operou como um desestímulo às remarcações de preços por parte do empresariado nacional. Além deste fato, o fenómeno também contribuiu para auferir credibilidade à moeda recém lançada. O problema em ambos os casos não está relacionado, meramente, à ingestão ou a sobrevalorização propriamente ditos, mas ao prolongamento irresponsável destas duas atitudes.

Um segundo efeito provocado pelo álcool está vinculado à euforia. Ocorre uma exacerbação da autoconfiança, a emergência de uma alegria espontânea quase que sobrenatural. O câmbio sobrevalorizado também irradia um sentimento semelhante. A euforia, neste caso, se materializa no aumento brutal tanto do consumo de produtos importados, quanto das viagens para o exterior, ambos barateados pelos termos de troca favoráveis entre o real e o dólar. A sensação fictícia de riqueza derivada destes fatos também proporciona uma alegria espontânea quase que sobrenatural, contribuindo para inflamar uma espécie de nacionalismo excêntrico.

Doses posteriores levarão a perda de controle das ações por parte do consumidor. Suas atitudes passam a se pautar em reações puramente emocionais, totalmente desprovidas do elemento racional. Em decorrência deste fato, podem ser tomadas decisões irresponsáveis e perigosas. Este estado pode ser abrandado, caso se possua a confiança/amizade dos demais membros da coletividade, de forma que, nos momentos mais nebulosos, algum indivíduo possa prestar auxílio. A perda da lucidez das autoridades econômicas brasileiras pode ser captada através dos profundos déficits comerciais registrados no primeiro governo FHC, decorrentes do prolongamento da sobrevalorização cambial. Com um câmbio sobrevalorizado, ocorre o barateamento das importações, estimulando o seu consumo, ao mesmo tempo em que ocorre um decréscimo das receitas em reais dos setores exportadores, desestimulando as exportações. Por motivos semelhantes, o déficit na rubrica turismo também se exacerba. A confluência destes fatores promoverá déficits recorrentes, superiores a 30 bilhões de dólares, na balança de transações correntes<sup>46</sup>. Os efeitos nefastos destas cifras não se potencializaram de início devido ao desempenho extremamente positivo da conta capital-financeira. Devido à confiança dos agentes externos, o país recebeu vultosos investimentos externos nos primeiros anos do governo FHC que contrabalançaram os déficits da balança de transações correntes. Desta forma o Balanço de Pagamentos mostrou um desempenho sustentável.

O alcoólatra acredita ainda possuir a confiança de seus parceiros e que estes amigos o salvarão dos piores infortúnios.

Esta convicção acaba estimulando a perpetuação dos erros derivados do consumo do álcool. No entanto, devido à confiança traída, chegará o momento em que os indivíduos deixarão de prestar auxílio ao bêbado, e a queda, a partir de então, será inevitável.

Com o Brasil, aconteceu fenômeno semelhante. A percepção do surgimento de déficits comerciais insustentáveis e sem previsão de reversão (dado à

---

<sup>46</sup> Historicamente esta rubrica apresentou resultados deficitários devido ao comportamento da conta de serviços. No entanto no primeiro governo FHC este déficit atingiu patamares recordes.



inconsistência da política cambial), acrescida às decepções em relação a outros países emergentes embriagados como Rússia, México e Coréia do Sul engendraram uma situação traumática. Os agentes externos perderam a confiança no país. Não só ocorreu o estancamento dos investimentos como também observamos uma retirada massiva de recursos do país. O Brasil quebrou: devido à hemorragia de divisas as reservas internacionais se exauriram/evaporaram. Estivemos próximos a decretar a bancarrota/moratória cambial, fato que, assim como o coma alcoólico, esfriaria nossas relações políticas. Fomos salvos deste final melancólico pelo empréstimo de socorro do FMI, que atuou como uma injeção de glicose dando sobrevida ao doente. Além deste fato, ocorreu o colapso do real no mercado de moedas, caracterizado pela disparada do preço do dólar. Neste caso, dado o encarecimento dos produtos importados, ocorreu um recrudescimento das pressões inflacionárias. Passado o choque traumático propiciado pela queda, observamos a ressaca. Os efeitos sobre o corpo são bem conhecidos: dor de cabeça, sede insaciável, em síntese, um profundo mal-estar físico e moral. No entanto, a parte mais difícil está vinculada à tentativa de recuperação da confiança perdida. Para viabilizar este intuito, necessita-se efetuar pesados sacrifícios e empreender uma conduta ascética. Da mesma forma, após a crise cambial de 1999, o Brasil enfrentou pesados dissabores para equilibrar suas contas externas e recuperar a confiança dos credores internacionais. O ajuste recessivo necessário para engendrar megasuperávits comerciais, abortou as possibilidades de crescimento econômico, gerando um profundo mal-estar social. Desde então, a supervisão ferrenha dos agentes externos sobre a condução da política econômica por parte do governo brasileiro, diminui os graus de liberdade necessários para implementação de políticas de desenvolvimento.

O álcool representa uma substância viciosa. Muitas vezes o doente, mesmo submetido a um doloroso tratamento, acaba retomando o consumo abusivo da bebida. Existe o temor que a tentação do câmbio valorizado também possua este mesmo efeito. Recentemente o dólar fechou abaixo de 2,80 reais. Considerando no ano passado, que a moeda norte-americana chegou a ser negociada acima de 3,50 reais, podemos constatar uma apreciação considerável do real. Esperamos que o governo Lula não esteja começando a

se embebedar novamente ( e desta vez não adianta acusa o New York Times de calúnia)...

#### CONCLUSÃO:

Acreditamos ter cumprido o objetivo primordial traçado no início desta publicação acadêmica: conseguimos esmiuçar os complexos efeitos exercidos pela sobrevalorização cambial (que vigorou no primeiro quadriênio do governo FHC) sobre a economia brasileira, em termos de fácil compreensão para leigos em economia. Este intuito foi viabilizado pela analogia entre a ingestão alcoólica e o câmbio valorizado. Como foi descrito ao longo do trabalho, as sucessivas emoções e atitudes provocadas pelo álcool – descontração, euforia, perda de controle, queda, ressaca, retorno ao vício, - possuem implicações correspondentes aos efeitos exercidos pela sobrevalorização cambial tanto na psique social, quanto na economia do país, sobretudo nas contas externas.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

KEYNES, John Maynard. *The Economic Consequences of Mr. Churchill* . Londres: Hogarth Press, 1925.

KRUGMAN, Paul & OBSTFELD, Maurice. *Economia Internacional*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 1999.

**Comentários:** a estória de Wiston Churchill é duplamente projetada. Projetada à política de FHC, é uma narrativa real, que serve à analogia entre as contrapartes: Brasil de FHC e Inglaterra de Churchill, a partir da qual podemos inferir a não eficácia dessas políticas que, apesar de separadas pelo tempo, conseguem estabelecer conteúdos compartilhados. O conceito de INEFICÁCIA é construído a partir da analogia com os efeitos do álcool, que servem às duas estórias paralelas. A estória do alcoolismo que projetamos sobre a do câmbio apresenta-se de forma seqüencial, envolvendo principalmente, tempo,

espaços, atores, predição, planejamento e explanação, criando uma imagem narrativa bem próxima do real.

Podemos entender a sobrevalorização da moeda nacional e seus efeitos apenas a partir da analogia com o espaço 'input' da estória-alvo 'a do alcoolismo' e o espaço 'input' da estória de origem 'a sobrevalorização cambial'. Entretanto, a estória de Churchill complementa o 'blending' uma vez que, a partir dela, significados como A REPETIÇÃO DE UM MESMO ERRO são construídos. É ainda a estória de Churchill, não só complementação da projeção da estória do alcoolismo à da sobrevalorização cambial, como também, a justificativa dos objetivos do artigo.

#### ARTIGO 04

---

### COMO É DITADO O RITMO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO?

Frederico Fernandes Garbuio (FACAMP – Faculdade de Economia, 3º ano).

*ABSTRACT: In the present article, the explanation of an economic phenomenon will be made from a metaphor with a daily object. In this text, it will be made one explanation on the plans of economic growth, determining the mechanism and the consequences of a growth project, from the comparison with a conventional car, moved to the gasoline.*

*RESUMO: Os planos de desenvolvimento econômico exigem elevados custos e riscos. A realização de uma comparação entre os projetos de crescimento propostos pelo governo e o funcionamento de um carro, possibilita um melhor entendimento da dinâmica econômica, ao tornar evidentes as semelhanças entre ambos os processos.*

*Para que o carro aumente sua velocidade, o motorista tem que apertar o acelerador. Esse movimento gera aumento de gastos (de combustível e dos componentes do veículo) e do risco de acidentes. O mesmo ocorre em um país. Na medida que a economia começa a crescer, há uma elevação dos gastos e dos riscos.*

*PALAVRAS-CHAVE: Crescimento econômico; Riscos; Políticas econômicas; combustível; empréstimos.*

#### INTRODUÇÃO:

Você já se imaginou preso em um carro que está aumentando sua velocidade constantemente, com o objetivo de ultrapassar os 300 Km/hora? Da até um frio na barriga, né? Pois é, no âmbito da economia o medo é o mesmo....

Para explicar os motivos desse grande medo, será feita uma sucinta explicação sobre os planos de crescimento econômico, determinando o mecanismo e as conseqüências dos projetos determinantes do ritmo econômico, a partir da analogia com um carro convencional, movido a gasolina.

Inicialmente será feita uma perspectiva teórica e na seqüência o desenvolvimento do artigo. O objetivo central do artigo é esclarecer as posturas que os estados podem adotar com relação ao desenvolvimento econômico, bem como suas possíveis conseqüências. O secundário é demonstrar o plano de crescimento de longo prazo, atualmente adotado no Brasil.

#### PERSPECTIVA TEÓRICA:

Segundo Belluzzo (1996:133), as teorias do desenvolvimento econômico sempre tomaram por suposto a necessidade de um papel ativo para o estado e para a política econômica. Dessa forma, a constituição das condições básicas (financeira, estrutural e institucional), são atribuídas ao estado, para que seja possibilitado o sucesso e a sustentação do processo de acumulação de capital e de modificação do sistema educacional, do mercado de trabalho, da agricultura e da indústria pesada.

As teorias do crescimento econômico divergem, com relação às prioridades, mecanismos e políticas, no entanto, todas acordam que imprescindível a responsabilidade do estado para promoção do desenvolvimento econômico.

Os países podem optar por adotar qualquer uma dessas políticas, as que visam acelerar ou frear sua economia, porém, em um mundo globalizado, onde a vulnerabilidade externa é grande, principalmente nos países subdesenvolvidos, o sucesso ou fracasso do plano de desenvolvimento escolhido, depende muito das expectativas dos demais países do globo, além do desempenho interno, que é fundamental.

Imaginemos um carro movido a gasolina. Para que seu motor “ligue”, é preciso que seja introduzido o combustível em seu tanque, para que de lá, chegue até o motor, para ser queimado. A faísca emitida pela vela se depara com a gasolina e gera uma explosão. A força produzida nesta combustão empurra o pistão para cima. O pistão, que está ligado a biela, que está ligada a um conjunto de engrenagens, movimentam-se, fazendo o motor funcionar.

Percebemos um movimento em cadeia, com todos os componentes interdependentes. O mesmo ocorre na economia. O combustível é o capital. Segundo a ótica de alguns economistas o investimento do dinheiro no setor produtivo (indústria e comércio, por exemplo) leva ao aumento do número de empregos. Com a elevação das pessoas detentoras de renda, o consumo aumenta. O consumo em alta estimula novos investimentos, que por sua vez gera mais emprego, mais renda e assim por diante.

Portanto, da mesma forma que podemos aumentar a velocidade do carro, apertando o acelerador, aumentando assim o volume de combustível injetado, o governo pode adotar políticas de crescimento, gastando mais ou estimulando o gasto do setor privado. Podemos relacioná-los sob a ótica dos gastos e dos riscos.

Quando o motorista aumenta a força exercida no pedal do acelerador, esta vislumbrando o aumento da velocidade do veículo. Porém esta mudança de ritmo exige um aumento de gastos, na medida que o consumo médio (Km/litro) do automóvel diminui e o desgaste dos pneus e dos componentes do motor aumenta. A economia é semelhante, para aumentar os investimentos, e em última instancia a renda, os agentes privados e o estado, no papel de

motoristas, deverão aumentar os gastos. No caso do estado, que geralmente é o “piloto” da economia, pode ser via aumento do crédito, redução da taxa de juros, através de investimentos em infra-estrutura, subsídios, ou incentivos fiscais.

O problema da aceleração são os riscos inerentes, que se potencializam. No carro, o aumento da aceleração reduz o tempo e o espaço para manobras, no caso de imprevistos, a freada pode não ser eficiente ao se deparar com um obstáculo, o risco em uma curva é maior e um acidente, tem mais chances de ser fatal ou deixar seqüelas com a velocidade elevada. O mesmo é válido para a economia. Por exemplo, gastos excessivos no setor exportador, podem gerar uma crise colossal, no caso dos consumidores desses produtos ou serviços entrarem em recessão e pararem de importar.

O ideal, tanto para o condução de um carro, como da economia é a realização de um planejamento prévio. Feito esse planejamento, se reduz desgaste do “patinho de freio” e dos pneus, na medida que se evita freadas bruscas e também do consumo excessivo de combustível caso fosse realizada uma nova arrancada na tentativa de voltar a crescer. O Planejamento econômico evita as recessões que trazem males ao país, a pobreza, a fome e o desemprego.

Desde o governo Fernando Henrique Cardoso, o Brasil está fazendo a manutenção da economia para que no futuro seja possível a realização de um crescimento econômico sustentável. Nosso país estava como um carro velho e mal cuidado. O motor desregulado, o pneu gasto, faltando óleo, com a lataria velha e, principalmente, faltando combustível. Esse tipo de automóvel quando empresta um pouco de combustível anda, mas posteriormente, no curto prazo, o veículo para, seja por problemas mecânicos, pneu furado, ou mesmo pelo término da gasolina.

Muitas vezes, mesmo que o carro esteja andando bem, ele é parado pelos guardas, com o argumento de não portar documentos, pelo estado de embriaguez do motorista ou pelo estado precário do automóvel, que pode por em risco a vida dos demais motoristas. Nosso país é assim. Quando consegue

um empréstimo, esboça reação e cresce, mas os problemas estruturais, principalmente a inflação e a câmbio, a impossibilidade de autofinanciamento e a elevadíssima vulnerabilidade externa comprometem o desempenho dos nossos projetos de crescimento econômico. Esperamos que após este período de manutenção, essa “retificação do motor”, que vem acarretando em enormes custos sociais, o “espetáculo do crescimento”, prometido pelo governo Lula, realmente se realize e seja duradouro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *Desenvolvimento e estabilização sob finanças globalizadas*. In: Economia e Sociedade. Campinas: Economia e Sociedade, 1996.

KEYNES, John. *Teoria Geral do Emprego, do Juro e Moeda*. Ed: Atlas, 1934.

**Comentários:** o artigo faz uma analogia eficiente entre o carro e o ritmo de crescimento econômico. Apresenta análise do resultado final do processo da analogia, tal qual vimos como a partir da construção e da projeção dos dois espaços análogos, seqüencialmente e decifrados. A analogia é ainda construída a partir dos significados que emergem dessas contrapartes e destacamos, na sua construção, um dos melhores exemplos daquilo que já postulamos sobre as tendências de os alunos partirem para correspondências diretas, muito embora seja este o mesmo artigo a rapidamente desfazer essa idéia, uma vez que a própria seleção dos conteúdos projetados de cada um dos espaços constituem uma relação não polarizada e indireta.

ARTIGO 05

---

## O “NAVIO” BRASILEIRO NA DÉCADA DE 80

Marcelo Sartorio Loural (FACAMP – Faculdade de Economia, 3º ano)

Palavras-chaves: dívida, juros, navio, naufrágio.

*ABSTRACT: Brazil, during the decade of 1980, was a highly indebted country in result of the politics adopted in the previous decade and of the rise of the international interests in 1979, as a politic to give back the dollar its strength. The carried through economic policy during the 80's was destined to the payment of the debt contracted in the 70 and its respective interests. The situation revealed to be most serious, comparable to the one of a highly loaded ship and with a puncture in the hoof, in the submersion imminence.*

*RESUMO: O Brasil, durante a década de 1980, era um país altamente endividado em decorrência das políticas adotadas no decênio anterior e da elevação dos juros internacionais em 1979, como uma das políticas de fortalecimento do dólar. A política econômica realizada durante os anos 80 foi destinada ao pagamento da dívida contraída nos 70 e seus respectivos juros. A situação mostrava-se gravíssima, comparável à de um navio altamente carregado e com um furo no casco, na iminência de submersão.*

## INTRODUÇÃO

Termos e fenômenos relacionados à economia são usualmente classificados como “incompreensíveis”, como se estivessem sendo expressos em um outro idioma, o “economês”. No entanto, os fenômenos econômicos estão longe de ser algo de outro mundo. A maneira mais fácil de se mostrar essa última afirmação é a explicação de algum fenômeno sem os termos do “economês”, através de analogias com algo mais concreto às vistas de um leigo.

No presente artigo, será descrita a situação financeira do Brasil na “década perdida” de 1980, através da analogia com um navio prestes a afundar. O período em questão foi marcado pelos esforços do governo para pagar a enorme dívida externa, problema que existe até os dias de hoje. Ainda temos uma herança daquela época, o que torna relevante um esforço de compreensão do que ocorrera na referida década.

Artigo



A década de 1980 é conhecida como “a década perdida”, pelo fato de haver uma grande crise no mundo capitalista, especialmente nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Nosso país enfrentava uma situação tão complicada quanto à de um navio com o casco furado e com um carregamento extremamente pesado, ou seja, a submersão era algo iminente.

Segundo diversos importantes autores, dentre eles Ricardo Carneiro (2002), o decênio em questão foi marcado por uma política econômica destinada ao pagamento da enorme dívida contraída nos anos anteriores, sendo assim, com todos os esforços voltados à geração de recursos para honrar seus compromissos financeiros, a função de proporcionar o crescimento do país fora marginalizada.

O leitor deve estar se indagando qual seria o motivo do país se encontrar em situação tão deplorável. Bem, os motivos são diversos, dos quais destacamos os fundamentais.

O primeiro deles foi a estratégia de condução da economia brasileira na década de 1970. Havia uma proposta do Governo militar, o segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), que visava ao crescimento econômico do país. Todavia, o Brasil não era, como não é ainda hoje, um país considerado desenvolvido, portanto, não era algo simples a obtenção de recursos (o termo “recursos” pode ser considerado, de uma maneira mais simples e muito menos rigorosa como o dinheiro necessário para a implementação da estratégia desenvolvimentista), que acabavam se originando de empréstimos tomados junto a grandes bancos estrangeiros. Tais empréstimos deveriam ser pagos futuramente, juntamente com os juros incidentes sobre os mesmos.

A crítica realizada por economistas ao II PND reside no grande endividamento gerado por esse plano, apesar do avanço da estrutura industrial brasileira.

Voltando ao caso do nosso navio, podemos considerar a década de 70 como o momento em que ele foi carregado, sendo sua carga a dívida e seus

respectivos juros. Tal situação ainda era relativamente confortável, pois o casco ainda não estava furado.

Outro fator preponderante para o naufrágio do Brasil foi a elevação dos juros internacionais em 1979, a partir da política dos Estados Unidos de fortalecer sua moeda, o dólar. Como o endividamento do Brasil havia sido realizado na moeda norte-americana, os juros sobre os empréstimos tomados nos anos 70 apresentavam um volume muito maior nesse novo momento. É a partir desse ponto que o país sente as sérias conseqüências da “sobrecarga do navio”. O fato descrito se junta ao endividamento adquirido anteriormente para determinar a crise da dívida da década de 80.

A elevação dos juros internacionais, pode-se dizer, foi o furo no casco do navio brasileiro.

O que se faz em um caso desse tipo é descarregar o navio, com a finalidade de diminuir seu peso e aumentar as chances de um resgate em tempo hábil e da sobrevivência da tripulação. Entretanto, era impossível se desfazer dessa maldita carga chamada dívida externa.

O arremesso de todo o carregamento ao mar significaria o não pagamento da dívida, ou seja, a declaração de moratória. Outro “navio” com problemas, o México, utilizou esse recurso em 1982. No entanto, tal atitude prejudicou a todos os outros países em situação semelhante, entre eles o Brasil. Os “proprietários das cargas” (credores) passaram a monitorar mais de perto as atitudes dos “navios” latino-americanos, com receio de que outros seguissem a política do México e zelando por seus direitos de credores.

Para evitar novas declarações de moratória, os credores optaram por realizar uma ajuda aos endividados. Novos empréstimos eram concedidos para o pagamento dos juros da dívida.

Pode-se perceber claramente um movimento contraditório nesse aspecto. É como se chegasse um navio de resgate para ajudar o brasileiro, mas ao

mesmo tempo em que concedia um sobrefôlego ao país, o tornava ainda mais pesado, com a nova dívida e os novos juros contraídos.

Agora o leitor deve entender a gravidade da situação brasileira. O próprio “resgate” contribuía para submergir ainda mais nosso navio. Parecia não haver mais solução. A salvação era algo impossível.

Quem também acaba pagando pela catástrofe apresentada é a população. As políticas de ajuste provocam uma recessão na economia interna e se voltam para a geração de recursos para o pagamento da dívida através das exportações. A recessão pode ser entendida como um baixo crescimento econômico, que acaba acarretando, entre, outras coisas, em desemprego e baixos salários. Detalhes do ajuste não serão apresentados, uma vez que não é a proposta deste artigo e para a explicação do ajuste recessivo caberia a realização de outro artigo como este.

Comparando com nosso navio, consideramos a tripulação como os habitantes do Brasil. Grosso modo, podemos dizer que, na impossibilidade de atirar o carregamento ao mar, a tripulação teria sido obrigada a se desfazer de seus objetos pessoais para poder reduzir o peso do navio.

O ajuste recessivo exportador acabou surtindo algum efeito, sendo possível o Brasil se desfazer de algum peso da dívida e conseguir uma sobrevida. O furo parecia estar remendado. No entanto, tal remendo é frágil e pode arrebentar a qualquer momento. E o navio, embora mais leve que anteriormente, continua carregado.

No “economês”, o remendo fraco seria a chamada vulnerabilidade externa, isto é, a dependência que o Brasil tem dos países estrangeiros desenvolvidos e sua fragilidade no que se refere a medidas tomadas nos mesmos.

Por fim, podemos dizer que o “navio” brasileiro não se encontra, atualmente, na situação iminente de submersão como na década de 80. No entanto, o

“remendo do casco” é fraco, podendo fazer-nos retornar à deplorável situação de duas décadas atrás.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Ricardo (2002) *Desenvolvimento em crise: a economia brasileira no último quarto do século XX*. São Paulo: Ed. Unesp/IE Unicamp.

**Comentários:** os conceitos que emergem dos espaços 'inputs' NAVIO e A DÉCADA DE 80 NO BRASIL são principalmente o constante endividamento do país, não dando conta das altas taxas de juros e dificultando o crescimento. Esses conceitos são construídos a partir dos análogos citados, selecionando conteúdos tanto de um quadro quanto de outro. Entretanto, esta analogia projeta muito mais inferências do 'blend' ao alvo do que do 'blend' a origem, por isso, o frame do NAVIO é muito mais especulado.

No caso do navio, consideramos as imagens: do peso do navio, do casco furado e da constante tentativa de reparo, da fragilidade do casco e da tripulação ao mesmo tempo disposta a salvar o navio, inerte, sem muitas condições de ação, e assim por adiante. Temos clara a não linearidade do processo analógico, uma vez que as inferências são projetadas não identicamente, quando vimos a situação tão peculiar deste mesmo navio. Essa construção peculiar se dá por meio da contraparte análoga que descarta muitos dos conteúdos do espaço do que seria uma NAVIO na realidade.

ARTIGO 06

---

## A ELASTICIDADE E A COMPREENSÃO FEMININA

Leandro Bertoli Almeida (FACAMP – Faculdade de Economia, 3º ano)

*ABSTRACT: The text approaches the comparison between the concept of Elasticity of Micro Economy and the woman comprehension, in an attempt to provide an easier understanding of this important question. Considerations concerning the Elasticity's forms of characterization had been made, all related to the feminine reactions. The conclusion passes through the "inexactness" for both methods of predictions.*

*RESUMO: O texto aborda a comparação entre o conceito de Elasticidade da Micro Economia e a compreensão por parte da mulher, na tentativa de facilitar o entendimento deste quesito tão importante. Foram feitas considerações acerca das possíveis formas de caracterização da Elasticidade, todas devidamente relacionadas a reações femininas. A conclusão perpassa a inexatidão de ambas as formas de previsibilidade.*

*PALAVRAS-CHAVE: Elasticidade, compreensão feminina, intensidade de reações, sensibilidade, comportamento, bens substitutos, bens complementares e expectativas*

## Introdução

Mulheres. Há de se entender um dia. Sua beleza e sua força, sua meiguice e sua raiva, sua amabilidade e seu desprezo, sua paixão e sua fúria, sua sensibilidade e sua indignação. A volatilidade e a imprevisibilidade que demonstram em seus atos e reações não permite a seus parceiros a correta predição sobre seus comportamentos futuros frente às diversas ações por eles realizadas.

Percebe-se, no entanto, que cada mulher é única e que diferem umas as outras justamente por essa singularidade presente no âmbito feminino. É a partir destas constatações que buscaremos evidenciar a relação existente entre o conceito econômico de elasticidade e a compreensão feminina, tendo em vista as suas reações derivadas dos comportamentos de seus parceiros. Vale lembrar que não é propósito desta argumentação quantificar a sensibilidade feminina, visto que nem toda a lógica matemática seria capaz de desvendar tamanho mistério.

## Texto

O conceito de *elasticidade* em economia é caracterizado como uma medida de sensibilidade de uma variável para outra. É usualmente utilizada no estudo da Microeconomia no tema dos princípios básicos de oferta e demanda por um produto, e tem a função de medir a reação de uma variável dada uma mudança (percentual) em outra que está intimamente relacionada com a primeira. Uma exemplificação usual desta forma de mensuração é da *Elasticidade preço da demanda*, que avalia a alteração da quantidade demandada de um produto a partir de variações no seu preço.

Um boa ilustração para esse conceito é o caso dos *medicamentos*. Podemos dizer que a demanda por esse produto é, em geral, pouco elástica em relação ao seu preço, principalmente quando se trata da classe mais abastada de renda. Isso se deve, primeiramente, ao fato da amplitude do conhecimento dos malefícios advindos da sua não utilização ao estado de saúde pessoal, e, também do fato de o valor do remédio representar uma parcela pequena da renda dessa camada social de maior poder aquisitivo. Uma exemplificação de uma demanda elástica com relação ao preço é o da *lapiseira*. Encontra-se facilmente na economia bens substitutos a esse tipo especial de produto. Sua não essencialidade e sua fácil substituição leva os consumidores a abrirem mão de sua compra em favor de canetas ou lápis, por exemplo, determinando, assim, uma característica peculiar de sua demanda: pequenos aumentos no seu preço levam reduções mais que proporcionais à demanda deste bem.

De maneira correlativa podemos projetar à essa interpretação o relacionamento entre um casal. Vamos tentar entender o conceito de elasticidade a partir da análise das reações femininas resultantes dos comportamentos masculinos: analisaremos a Elasticidade do *Comportamento Do Parceiro-Reação Feminina*. Desta forma, poderemos agrupar certos grupos de mulheres, dada sua capacidade de compreensão às atitudes do companheiro.

Voltando ao exemplo da *Elasticidade preço da demanda*, deve-se entender que a composição da demanda por um produto leva em conta alguns aspectos

como o preço do bem, a renda do consumidor e o preço de outras mercadorias. Na análise acerca da compreensão feminina também vale ressaltar que importantes requisitos para a conformação de um comportamento da mulher (correlativamente ao exemplo da demanda) são: o tamanho do sentimento do parceiro pela companheira, o amor da parceira e o quanto outros homens estariam dispostos a sentir por esta mesma mulher. Todos esses pontos compõem a caracterização das reações femininas e, portanto, determinam a intensidade da sensibilidade de cada mulher aos atos do marido, namorado, amante.

Quando esses requisitos não são nada favoráveis ao parceiro, ou seja, quando ele não se mostra disposto a se dedicar à sua companheira e ele deixa que isto transpareça, ou quando a mulher não tem mais um sentimento muito forte, ou quando ela entende que outro homem pode ser mais adequado às suas expectativas, esta mulher será certamente muito sensível a qualquer atitude de seu companheiro e provavelmente transformará insignificantes desvios de conduta em enormes problemas. Esta alta sensibilidade é o retrato da elevada magnitude da elasticidade, e diz-se que a reação feminina é *comportamento do parceiro-elástica*. No entanto, deve ser colocada a ressalva de que o esvaecimento do amor por parte da mulher não é, em hipótese alguma, causa exclusiva da alta elasticidade das reações femininas. Esta pode ser decorrente da intensidade amorosa do relacionamento ou mesmo da própria personalidade explosiva da parceira.

Como a *elasticidade* se trata de uma medida “livre de unidades” (pois é conformada a partir de uma relação entre porcentagens) e é representada por um número, quando a sua magnitude é superior a 1, coloca-se que a variação percentual de uma variável gera alterações mais que proporcionais à outra variável relacionada, como no caso acima exemplificado. No exemplo da *Elasticidade preço da demanda*, quando a demanda é preço-elástica, o percentual de redução da quantidade demanda por um bem é maior que a variação percentual no preço deste bem.

No outro extremo, podemos colocar que a reação feminina é *comportamento do parceiro-inelástica*. Isso significa dizer que a reação da companheira induzida por maus comportamentos do parceiro será de magnitude menos elevada (menor que 1) que o fato gerador. Portanto, trata-se de uma mulher que possui um elevado senso de compreensão. Possivelmente o marido ou namorado tem os requisitos anteriormente explicitados a seu favor.

Neste caso específico, aqueles bens substitutos, ou melhor, os outros pretendentes à sua parceira têm pouco poder frente a sua pessoa, ou seja, quanto mais ele se porta de maneira a fazer com que a parceira se sinta cada vez melhor e mais amada ele ganha pontos positivos, e contando que esta mulher seja compreensiva, os outros competidores ficam cada vez mais distantes de atingirem seus objetivos (conquistar a companheira alheia). Esta é uma exemplificação da chamada elasticidade cruzada, ou seja, ela irá avaliar o que acontece com as chances do pretendente dadas as ações que o parceiro realiza com sua amada. Isso quer dizer que toda vez que o marido tem um comportamento ruim, as chances do pretendente são elevadas e vice-versa.

Derivando o conceito de bens complementares, isto é, aqueles bens que são utilizados em conjunto, à questão do relacionamento de um casal, podemos colocar um novo agente não antes mencionado: o filho, como bem complementar ao companheiro. O objetivo desta comparação é mostrar que na análise da elasticidade cruzada para bens complementares, no caso pai e filho em relação à mulher, toda vez que o parceiro tem uma má conduta, a mulher reage, mostrando toda sua indignação e raiva, que será refletida tanto no relacionamento com o marido como (mesmo que em menor intensidade) na relação com o filho.

Devemos notar que a gravidade das conseqüências das atitudes do parceiro perpassam a avaliação da mulher, podendo esta última vir a ser uma espécie de amplificador, ou seja, transformando as ações do companheiro em brigas e problemas enormes, ou ela pode vir a ser um ponto apaziguador da situação, assumindo o risco de posteriores acontecimentos semelhantes, pois ela não



demonstrou devidamente ao seu cúmplice a verdadeira gravidade de sua conduta ruim.

Dois pontos extremos que devem ser esclarecidos e que são considerados de difícil probabilidade de acontecimento na economia são os casos de Demanda infinitamente elástica e demanda completamente inelástica quando o assunto é a *Elasticidade preço da demanda*.

Trazendo para o âmbito do relacionamento amoroso estes dois eventos podem ser explicados da seguinte maneira: no primeiro caso, quando existe uma *reação feminina infinitamente elástica*, uma variação mínima do comportamento do parceiro resulta no fim do relacionamento, ou seja, inexistente qualquer senso de compreensão por parte da mulher, que não atura qualquer desvio de conduta por parte de seu companheiro; no segundo caso, caracterizado pela *reação feminina completamente inelástica*, significa dizer que a mulher é completamente compreensiva dadas as ações de seu parceiro. Nada do que ele fizer será capaz de comprometer seu relacionamento; o sentimento dela pelo marido ou namorado não será abalado pelas atitudes que este último tiver.

Na verdade, o conceito de elasticidade confere às relações entre duas variáveis a possibilidade de mensuração das implicações em uma delas, dada alterações na outra. Em termos econômicos, tem –se, portanto, uma forma de cálculo indutivo, e não preciso ou exato: trata-se apenas de uma previsão, aproximação, tal qual ocorre em relação à natureza feminina, que, da mesma forma, é passível de meras expectativas, sempre incertas.

Então, aqui vai um conselho: prefira sempre as inelásticas...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Pindyck, R. & Rubinfeld, D. *Os princípios da oferta e da demanda*. In: Microeconomia, ed. Makron Books, cap. 2, pp. 22-69

**Comentários:** para se entender o conceito de elasticidade econômica, foi estabelecida, na analogia, a relação entre elasticidade e a compreensão feminina no relacionamento a dois. O uso dos esquemas-de-imagem *Preço da Demanda* e na sua contraparte *Reação Feminina*, bem como *Elasticidade e Comportamento Do Parceiro*, mostram-nos a compreensão dos processos de esquemas-de-imagem e seus subesquemas, identificados nas diferentes reações femininas, por exemplo, para os processos de projeções na construção da analogia.

O texto é construído com algumas doses de humor, e talvez ironia, ao tratar da figura da mulher e das suas reações. A composição do frame REAÇÃO FEMININA, construída também a partir do cenário estabelecido, principalmente no primeiro parágrafo do texto, leva-nos à inferência de alta elasticidade como uma reação negativa. O conceito de que elasticidade não seria algo bom, levado ao espaço do mercado econômico, é construído ao longo do texto e reforçado em: "Então, aqui vai um conselho: prefira sempre as inelásticas..."

ARTIGO 07

---

## URSOS E TOUROS RELACIONADOS COM A CONTRATAÇÃO DE JOGADORES DE FUTEBOL

Paulo Victor S Ferreira (FACAMP – Faculdade de Economia, 3ºano)

**ABSTRACT:** *This article is about the concept of Bears and Bulls, used in the Stock Market relating them with the act of contract of soccer players.*

**RESUMO:** *“Ursos” e “Touros” são termos econômicos utilizados principalmente na bolsa de valores, levando em consideração as perspectivas dos agentes. Esses termos podem ser melhor compreendidos se relacionados com a compra e venda de jogadores de futebol.*

## 0. Introdução

No artigo a seguir discutiremos o conceito de *Ursos e Touros*, utilizados em Políticas Cambiais pelos agentes, na compra e venda de títulos. Podemos encontrar esses termos nas bolsas de valores do mundo inteiro, pois foram “criados” por Keynes, o mais importante economista da primeira metade do séc. XX. Interessante? Não? Imagine você num almoço de família ou num bar com seus colegas de trabalho falando para eles que você sabe tudo sobre bolsa de valores e que você é um *Touro*. Eles vão ficar maravilhados com sua inteligência, vão começar a te elogiar e até quem sabe pagar uma cerveja pra você. Ou então, imagine você conversando com seu chefe, dizendo para ele que você no momento é um *Urso*, ele todo entretido pedirá para você explicar melhor o que significa, e se por acaso você tiver lido este artigo até o fim, você poderá deixar o seu chefe “babando” por conta de sua inteligência, a ponto dele lhe dar um aumento, ou até mesmo um cargo melhor na empresa. Para você que está no “topo da pirâmide”, esses conceitos o ajudará a entender melhor porque vemos no jornal que um dia a bolsa subiu e no outro ela sofreu uma queda brusca. No que as perspectivas dos agentes interferem na alta ou na queda da Bolsa. Já começou a se interessar mais não é? Mas mesmo assim, você deve estar me perguntando agora: Como vou aprender sobre esse assunto que parece ser tão difícil lendo apenas este artigo? Por causa desses conceitos serem muito complexos para serem entendidos por leigos, esse artigo se encarregará de explicá-los de forma clara e objetiva, relacionando-os com o Esporte mais popular do país, isto é, o futebol. Mostraremos como estes “jargões econômicos” podem ser comparados com a decisão do dirigente do seu clube do coração em contratar ou vender determinado jogador. Após ter lido este artigo, você vai compreender porque aquele jogador demorou tanto para ser vendido enquanto que o outro foi para a Europa tão cedo.

## 1. Fundamentação Teórica

No mercado monetário, onde ocorrem especulações, isto é, incerteza em relação à taxa de juros e ao preço dos títulos, temos os agentes que são pessimistas e os que são otimistas. Caso se espere uma alta das taxas de

juros, isto é, uma queda do preço dos títulos, os agentes preferirão reter moeda a títulos, de modo a evitar as perdas esperadas de capital, podendo no futuro comprar títulos a preço menor que o oferecido hoje; enquanto os agentes que esperam uma queda nas taxas de juros futuras, ou seja, um aumento do preço dos títulos, preferem comprar títulos agora, ao invés de ficarem com o dinheiro. Keynes<sup>47</sup>, se apropriando da linguagem utilizada nos mercados financeiros anglo-saxões, chama o primeiro grupo de agentes de *Ursos*, isto é, aqueles que esperam uma alta das taxas de juros e, portanto, uma baixa do preço de mercado dos títulos financeiros. O grupo que, ao contrário, aposta na baixa das taxas juros e, assim na valorização dos títulos, é chamado de *Touros*. *Ursos* preferem reter moeda e põem os títulos que possuem à venda. *Touros* preferem comprar os títulos hoje, mesmo que para isso tenham que se endividar. Em relação à Bolsa de Valores, temos que, se hoje existem mais Touros que Ursos, a bolsa vai subir, pois haverá mais agentes dispostos a comprarem títulos. Enquanto que, se tiver mais Ursos que Touros, a bolsa vai sofrer uma queda, pois haverá mais agentes dispostos a vender do que comprar títulos.

Difícil de entender? Pode ficar tranqüilo que utilizando o nosso querido futebol isto fica bem mais claro. Um clube de futebol quando possui um jogador considerado um “craque” espera que o preço desse jogador suba para vendê-lo para outro clube. Se você leitor fosse um dirigente de futebol e em seu time tivesse um jogador que você apostasse “todas as fichas nele” no futuro, você o venderia por um preço barato hoje para um clube nacional, ou esperaria que esse jogador se valoriza-se para vendê-lo por um preço até quatro vezes maior futuramente? Certamente você ficaria com a segunda opção, então você seria um *Touro*, pois espera que os preços irão subir. Por outro lado, se um amigo seu também fosse dirigente do mesmo time e na concepção dele, aquele jogador não teria um futuro próspero, ao receber uma proposta de outro clube para comprar tal jogador certamente ele ia ser a favor da venda, pois ele acredita que no futuro o jogador em questão seria desvalorizado. Seu amigo seria o *Urso*, pois acredita que o preço irá cair.

---

<sup>47</sup> John Maynard Keynes (1883-1946), autor da Teoria Geral, grande clássico da Macroeconomia.

Utilizando exemplos reais, podemos notar que o clube do São Paulo, esperou muito tempo para vender o jogador Luís Fabiano, esperando que o jogador valoriza-se no futuro, tanto é que conseguiu vendê-lo por uma quantia expressiva para o clube do Porto de Portugal. Os dirigentes do São Paulo, na medida em que recebiam propostas pelo Luis Fabiano e não as aceitavam, pois esperavam que o jogador se valoriza-se futuramente estava sendo um *Touro*. Enquanto que, quando aceitaram a proposta do clube Português, imaginavam que esse jogador não iria valer mais que o proposto pelo Porto, por isso decidiu vendê-lo, sendo então um *Urso*. Outro exemplo que podemos utilizar foi a contratação de Ronaldo, feita pelo clube italiano, Inter de Milão, frente ao Barcelona. O clube Italiano acreditando na valorização do jogador o comprou do Barcelona. Nesse momento o Inter foi um *Touro*, pois acreditou numa valorização do jogador no futuro, tanto é que em 2002, o clube italiano o vendeu para o Real Madrid, por um valor muito maior, cerca de US\$ 35 milhões. No momento da venda, podemos dizer que o Inter de Milão era um *Urso*, pois acreditava que a proposta recebida era boa e que dificilmente receberia uma proposta maior pelo jogador.

Como o nosso futebol é fantástico em? Tudo com ele fica bem mais fácil de ser compreendido. Até a nebulosa Economia fica fácil de ser entendida. Espero que você leitor, após ter lido este artigo tenha entendido o conceito de *Ursos e Touros*, utilizados em nossa Economia. Espero ter deixado claro que as perspectivas dos agentes na Economia podem mudar o cenário financeiro do país e que o futebol é um retrato do que acontece na Bolsa de Valores, um local com muita especulação e incerteza perante ao futuro.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDIM DE CARVALHO, Fernando. PIRES DE SOUZA, Francisco Eduardo. SICSÚ, João. RODRIGUES DE PAULA, Luiz Fernando, STUART, Rogério. *Economia Monetária e Financeira*. 5.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

**Comentários:** "Ursos e Touros". Não nos detendo ao fato de serem duas metáforas que já remetem aos seus significados, vamos à estórias. Ursos seriam atores que agem em atitude de recuo, de espera. Espera, pensada, para aproveitar o melhor momento para virar Touro, isto é, o agente do ataque, ataque certo, sem erro e lucrativo!

A dinâmica da Bolsa de Valores é entendida assim, em termos de Ursos e Touros - expressão cunhada pelo famoso economista Keynes. Será que ele sabia da força dessas imagens metafóricas? O fato é que a estória de Ursos e Touros na Bolsa de Valores é entendida a partir da projeção da estória do futebol, identificada na relação de compra e venda de dois jogadores, Luís Fabiano e Ronaldo. Os conceitos formados no 'blend' são projetados a partir de ambas as estórias. Especulação e incerteza perante o futuro e os dois modos de agir perante elas são as principais noções construídas no 'blend'. Sem dúvida, a analogia é bastante eficaz e interessante e resolve um dos conceitos mais obscuros da Economia, para a maioria da população: o funcionamento da Bolsa de Valores.

Enquanto os termos 'Ursos e Touros' já solucionam para os economistas as atitudes dos agentes perante a Bolsa, para nós, por que interessaríamos pelos conceitos? Neste artigo, somos seduzidos a ler sobre o funcionamento da Bolsa de Valores e entender sua oscilação a partir da imaginação narrativa criativa projetada a outras três estórias: a do almoço em família ou no bar com os colegas, ou ainda, a do encontro com o chefe. A família, os amigos e o trabalho geralmente são entidades que preservamos. E então essas pequenas estórias gerais são projetadas à estória particular de cada um de nós - de nossos trabalhos, de nossas famílias e de nossos amigos. Nelas, emergem conceitos como 'inteligência' e 'valorização' os quais nos fazem interessar pelo assunto Ursos e Touros, tratados no artigo.

*ABSTRACT: this article intend to explain the concept of a future market instrument known as swap by an analogy of credit card shopping.*

*RESUMO: este artigo pretende explicar o conceito do instrumento de mercado futuro, conhecido como swap, por meio de uma analogia com compras de cartão de crédito.*

"Swaps são operações de troca com uma contraparte. Gastineau define swap como - contrato de troca de pagamentos periódicos com uma contraparte".

Esta é exatamente a definição encontrada no site da BM&F sobre o significado de swap. A primeira vista parece um conceito de difícil entendimento, o que motiva a elaboração deste artigo.

Os swaps surgiram originalmente no comércio. Um industrial brasileiro, por exemplo, que comprasse um equipamento no Japão exportasse mercadorias para os Estados Unidos, teria uma dívida em ienes, uma receita de exportação em dólares e vendas no mercado interno em reais. O intuito desse instrumento é justamente o de equalizar todas as posições deste industrial em uma única moeda, ou seja, ele possibilita que o industrial consiga ter todo o seu dinheiro na mesma moeda sem que isso acarrete na impossibilidade de negociar com países estrangeiros.

Os swaps podem ocorrer com moedas ou com taxas de juro. Como o intuito desse artigo é somente explicar o conceito deste instrumento, tratarei apenas do swap cambial, pois acredito ser de mais fácil entendimento.

O swap cambial é um acordo de troca de moedas a uma taxa a termo, ou seja, não é simplesmente a conversão de uma moeda em outra, é uma troca intertemporal.

No caso do industrial citado, quando ele vende sua mercadoria para os Estados Unidos sabe que vai receber dólares em determinada data, mas não sabe a cotação da moeda na mesma. Ele também terá que efetuar um pagamento em iene para a empresa japonesa que lhe forneceu as máquinas.

Por possuir as duas obrigações na mesma data, o industrial entra no mercado vendendo dólares a um determinado preço que o possibilite cumprir com as obrigações em iene, na cotação que outra pessoa estiver oferecendo para aquela mesma data, sem que isso ocasione perdas para ele.

Dada a dificuldade de entendimento deste exemplo, utilizarei duas analogias cotidianas para facilitar a compreensão. Na primeira, que considero mais simples, tentarei mostrar somente o que seria a troca intertemporal que ocorre durante uma operação de swap. Na Segunda, além da troca intertemporal, mostrarei também uma troca de moedas.

Vamos às analogias:

Imagine um grupo de amigos fazendo um happy-hour em algum barzinho. Quando pedem a conta, um dos integrantes da mesa não tem dinheiro trocado para pagar sua parte. O que ocorre normalmente nestas situações é que ele pega o dinheiro trocado de todos os outros e paga a conta inteira. Neste caso, para efetuar tal pagamento ele opta pelo cartão de crédito.

Ao optar pelo pagamento com cartão de crédito ele está fazendo uma troca intertemporal com seus colegas. Ele pega o dinheiro à vista e só vai pagar por este na data do vencimento do cartão.

A segunda analogia é de uma pessoa que vai fazer uma viagem para Nova Iorque e compra uma máquina fotográfica digital. Como no exemplo anterior, o pagamento também é efetuado com o cartão de crédito.

Para ficar mais claro, vamos supor que a taxa de conversão dólar/real no dia da compra seja U\$1,00/ R\$2,95, e no dia do vencimento da fatura do cartão de crédito seja U\$1,00/ R\$2,090. Para simplificar são excluídas as taxas bancárias.

Neste caso a pessoa também apresenta um ganho intertemporal de inflação, e como há duas moedas envolvidas na transação, também há uma diferenciação



no preço final do produto. Neste caso, se a máquina fotográfica custasse US\$ 300,00, se esta pessoa pagasse à vista, gastaria R\$885,00. Mas como ela pagou com o cartão e, no dia do vencimento deste, a cotação era menor, ele gastou R\$870,00.

Como visto acima, as operações de swap podem resultar em ganhos ou perdas de dinheiro. Desta forma algumas pessoas atuam nesse mercado apenas como especuladores, visando somente a obtenção de lucros. Outros agentes atuam apenas para a proteção, como no caso do industrial brasileiro citado. Mas são justamente os especuladores que dão liquidez a esse tipo de mercado.

Espero que a analogia com as compras de cartão de crédito tenham elucidado a compreensão da dinâmica inerente aos swaps.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Bolsa de Mercadorias e Futuro, perguntas freqüentes, swap. Disponível no site: [http://www.bmf.com.br/pages/mapasite1/frame\\_FAQ1.htm](http://www.bmf.com.br/pages/mapasite1/frame_FAQ1.htm) .

HOWELLS, P. e BAIN, K. (2001). *Economia Monetária: moedas e bancos*. Rio de Janeiro: LTC.

**Comentários:** Foram feitas projeções de estórias paralelas e complementares para o entendimento do conceito de *swaps*. Tal conceito é formado a partir da estória do industrial brasileiro sobre a qual são projetadas as outras duas: a do 'happy-hour' e a da *viagem à Nova Iorque*.

A estória imaginária do industrial brasileiro nos remete a um mundo perfeitamente possível nos dias atuais e esconde, por trás dela, uma estrutura geral; a de uma transação envolvendo três moedas diferentes. É uma estória específica aplicada a um esquema mental geral para que comecemos a entender o que são e como funcionam os *swaps*.

Outras duas estórias - cada uma delas individualmente já formadas num processo de Rede de Integração Conceitual - são projetadas a essa primeira, formando uma nova rede a partir da qual geramos um novo espaço '*blend*', que será novamente projetado à primeira estória; a que podemos dizer de '*estória-alvo*'. A construção, portanto, do funcionamento dos *swaps* é feita a partir dessas duas estórias '*inputs*', integradas à estória alvo, previamente narrada.

Basicamente são projetadas, da estória do 'happy-hour', as relações de temporalidade e de perdas e ganhos; na contraparte, da estória da viagem, não só a temporalidade e perdas e ganhos, mas são projetadas também as relações dessas transações em moedas diferentes. Esses dois espaços se cruzam num espaço genérico, e formam a relação de 'perdas e ganhos' nessas transações intertemporais, com moedas diferentes. Uma pergunta que poderíamos nos fazer seria qual a intenção de se usar a estória do 'happy-hour' nesse processo, uma vez que a estória da viagem, por si só, daria conta das duas relações estabelecidas na estória do 'happy-hour': a de temporalidade e a de perdas e ganhos.

Parece-nos que a estória do 'happy-hour' enfatiza a importância do aspecto 'tempo' nesse tipo de transação e cria uma imagem bastante realística da 'intertemporalidade' em destaque, aliada à importância da noção de 'perdas e ganhos' em atitudes como esta - a de pagar a conta com o cartão de crédito; atitude, muitas vezes, impensada e não medida na prática cotidiana, justamente por não atentarmos para o que o ato financeiramente representa. Já no caso da viagem, o que fica em evidência é a temporalidade/perdas e ganhos em relação ao câmbio e à utilização de diferentes moedas.

## Conclusão

### Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...  
 Ajuntando novas pedras  
 e construindo novos poemas.  
 Recria tua vida, sempre, sempre.  
 Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.  
 Faz de tua vida mesquinha  
 um poema.  
 E viverás no coração dos jovens  
 e na memória das gerações que hão de vir.  
 Esta fonte é para uso de todos os sedentos.  
 Toma a tua parte.  
 Vem a estas páginas  
 e não entres seu uso  
 aos que têm sede.

(Cora Coralina, em: "Vintém de Cobre - Meias Confissões de Aninha". Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1983.)

No decorrer dessas páginas, mostramos, com o aparato da Lingüística Cognitiva, como é adentrar no mundo fabulado e percebê-lo em nossas vidas, nas nossas mais corriqueiras e cotidianas atividades. Tentamos mostrar como os nossos significados são cognitivamente construídos por meio de metáforas, parábolas e analogias, dentre outros processos cognitivos; isto é, como concebemos a construção do universo real-fabulado.

De estórias em estórias, construímos a nossa própria. *Uma idéia na cabeça e um curso na mão* mostra a trajetória de um curso, que se fez na necessidade, e que dele, muitos frutos brotaram. Um deles é esta tese. Essa trajetória, que é aqui contada, segue uma ordem bastante peculiar, o que faz da tese em questão, uma tese um tanto incomum, pois é do curso que ela nasce. E mais precisamente, a tese constitui o próprio resultado de um projeto de curso aplicado e analisado em seu todo.

A parte I não apenas apresenta o referencial teórico do trabalho, como, sobretudo, constitui o próprio material básico teórico com o qual os alunos tiveram contato. Isso faz da teoria em pauta uma teoria escrita com grande

preocupação didática e em consonância com os princípios que dirigem a proposta deste trabalho, visível nas análises e na construção de exemplos para sua explanação. Procuramos um referencial teórico dinâmico, recheado de exemplos diversos, a partir dos quais nos fosse possível destacar aspectos constitutivos da metáfora, da parábola e da analogia, tais como: as projeções semânticas da língua e as estruturas imaginárias e inferenciais entre domínios conceituais.

Na parte II apresentamos o curso em si. O principal objetivo, ao contar a estória desse curso, foi mostrar como a partir do arcabouço da Lingüística Cognitiva nos foi possível conceber uma série de atividades de escrita, que levasse os alunos a não somente escrever textos coerentes e coesos, mas, acima de tudo, que lhes proporcionasse meios de desenvolver a atividade escrita criativa de modo a manipularem formas simbólicas construindo mundos mais acessíveis àqueles que não participam de seus mundos específicos, no caso em questão, da Economia.

O que norteou o trabalho, portanto, foi a idéia de, a partir dos estudos de metáforas, parábolas e analogias, criar um espaço em sala de aula em que os alunos praticassem a atividade escrita de forma a entendê-la em um universo muito mais amplo do que o academicamente requisitado. Que os alunos desenvolvessem a capacidade de adequação lingüística no universo da escrita, por meio da escrita criativa, transpondo, mesmo que timidamente, a concepção de que economia é assunto quase que inacessível à maioria.

De um lado, ultrapassar as barreiras do academicismo – em seu sentido restrito e limitador – e de outro, criar consciência de que, como futuro profissional da área de Economia, é fundamental, aos alunos, o conhecimento específico e o vocabulário próprio que permeia esse conhecimento, mas, sobretudo, é importante a capacidade de transmissão concreta e acessível desses conteúdos acadêmicos, os quais, apesar de estarem na Academia, cercam a vida cotidiana e prática de cada um de nós. Essa interação, julgamos, foi um dos resultados mais bonitos alcançados com o presente trabalho.

Um outro resultado que nos deixa muito satisfeitos diz respeito diretamente à atividade escrita, pois escrever é uma arte. Reúne técnica, sentimento, sensibilidade. Verdade vivida. Experimentada. Sonhada. Desejada. Criada e recriada. E é por isso que escrever é contraditório: tão técnico, mas simples; tão objetivo, mas sentimental... Para uns, escrever é prazer. Para outros, tortura! Nessa delicada mistura de técnica, de dom e de percepção, reflete-se seu verdadeiro valor. A ESCRITA É ÍMPAR.

Portanto, desenvolver meios de trabalhar a criatividade e a sensibilidade do aluno no processo de elaboração e produção textual, desmistificar a dificuldade, a tortura do ato de escrever e mostrar, sobretudo, que todos podemos escrever com propriedade, com argumentos, desenhando cenários de vida e de entendimento, pôs em pauta o papel do ensino de redação e nos presenteou com resultados muito positivos, os quais nos fazem engajados em novos projetos desse tipo e novas tentativas de aplicabilidade de atividades como esta. Faz-nos projetar novos cursos e nos aponta para novas perspectivas em relação ao ensino de redação, evidenciando a possibilidade de se escrever textos os quais não somente trabalham a informação, mas veiculam conhecimento técnico e sensível de forma saborosa, estética, agradável.

O desenvolvimento das atividades práticas, passo a passo, provou a nossa hipótese e nos fez cumprir nossos objetivos. Passo a passo, como nos ensina o ditado “*Devagar, Devagar é que se vai Longe*”, tivemos sucesso no desempenho dos alunos, resultando, de fato, na produção de textos mais elaborados, mais criativos, persuasivos e mais acessíveis.

Aos professores de redação, preocupados com que seus alunos desenvolvam redações mais criativas, mais saborosas, além de informativas, coerentes e coesas, *Eis, aqui, uma sugestão: entrar no universo fabulado, das projeções de imagens, de espaços e de estórias.*

Escrever é, de uma forma ou de outra, entrar no universo fabulado. No universo das projeções, das parábolas, das metáforas, das analogias. Universo muito delicado e muito verdadeiro até nas imaginações. Foi esta a maior descoberta na busca distraída e curiosa por meios de desenvolver a atividade escrita. Meios que mostrem, aos alunos, o sabor ímpar que ela - a escrita - tem.

E o gosto do doce, que está na poesia da Cora - das Coras, dos Drummonds, dos Rosas, das Cecílias e dos Quintanos - pode também estar no cotidiano escrito das Rebecas, dos Gustavos, dos Vinícius, dos Leandros...

Da intuição, da sensibilidade e da necessidade nasceu este projeto, que se materializou em curso. E o curso fecundou a tese. Não sei se plantei as roseiras, mas removi pedras e tomei minha parte, que aqui está.

## Bibliografia

- ABREU, A. (2001). *Metonímia – Uma Visão Funcionalista*. Inédito.
- ABREU, A. (2000 a). *A Arte de Argumentar – Gerenciando Razão e Emoção*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- ABREU, A. (2000 b). *Metáfora – Uma Visão Funcionalista*. Em *Letras*, vol.05, ns 01 e 02. Campinas, IL. pp. 95-108.
- ANDRADE, C. D. (1983). *Cartas à Cora Coralina*. Em: CORALINA, C. *Vintém de Cobre - meias confissões de Aninha*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás.
- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. de Antônio Pinto de Carvalho. Rio: Ediouro. s/d.
- ARRUDA, B. (2003). *Dissertação de mestrado*. Apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Unesp - campus de Araraquara. Inédito.
- BEAUGRANDE, R de & DRESSLER, W. (1981) *Introduction to Textlinguistics*. Londres: Longman.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BRETON, P. (1999). *A Manipulação da Palavra*. São Paulo: Loyola.
- BRAGA, R. (1999). *O Pavão*. Em: *Ai de Ti Copacabana*. Rio de Janeiro: Record. 21<sup>a</sup> ed.
- CAPRA, F. (1982). *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix.

- CASTILHO, A. T. (2001) *Introdução à Lingüística Cognitiva*. Relatório Científico Submetido à FAPESP (Proc. 99/10399-9) mimeo.
- CORALINA, C. (1983). *Vintém de Cobre*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás.
- FACAMP. Faculdades de Campinas. Disponível no site: [www.facamp.com.br](http://www.facamp.com.br).
- FAUCONNIER, G. (1995). *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge. Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Mapping in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (2001). "Conceptual Blending and Analogy". In: Dedre Gentner, Keith Holyoak, and Boicho Kokinov (eds.), *The Analogical Mind: perspective from cognitive science* (pp. 255-286). Cambridge: Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, G. e TURNER, M. (1994). *Conceptual Projection and Middle Spaces*. Department of Cognitive Science Technical Report 9401. (disponível nos sites: [www.blending.stanford.edu](http://www.blending.stanford.edu) e [www.meltalspace.net](http://www.meltalspace.net) .)
- \_\_\_\_\_. (1996). "Blending as a central process of grammar", in: *Conceptual Structure, Discourse, and Language*, Ed. Adele Goldberg. Stanford: Center for the Study of Language and Information [distributed by Cambridge University Press].
- \_\_\_\_\_. (1998). "Conceptual Integration Network". *Cognitive Science*, vol. 22, pp. 133-187.
- \_\_\_\_\_. (2002). *The Way We Think - conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Nova Iorque: A Member of the Persus Books Group.



- FÁVERO, L.L. (1991). *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Ática.
- FÁVERO, L.L. & KOCH, I.V. (1983). *Linguística Textual: introdução*. São Paulo: Cortez.
- FONSECA, I.B. (1997). A Retórica na Grécia Antiga. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador.(org). *Retóricas do Ontem e do Hoje*. São Paulo: Humanitas.
- GIBBS, J.R. (1995) *The Poetics of Mind*, Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (1999a) "Researching metaphor", in: *Researching and applying metaphor*. CAMERON L. E LOW, G. (orgs.). Nova Iorque: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (1999b). "Taking metaphor out of our mind and putting it into the cultural world", in: GIBBS, R. e STEEN, F. (orgs.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- GIVÓN, T. (1989) *Mind, code and context: Essays in pragmatics*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.
- GIVÓN, T. (1984). *Syntax – A Functional Typological Introduction*, vol. I. Amsterdam/Philadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- GOFFMAN, E. (1974). *Frame Analysis*. New York: Harper and Row.
- GOLDBERG, A. (1994). *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press.
- GOLEMAN, D. (1996) *Inteligência Emocional*, Trad. de Marcos Santarrita. Rio: Ed Objetiva.

- GUMPERZ, J. C. (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GUTHRIE, W. K. C. (1995). *Os Sofistas*. São Paulo : Paulus.
- HALLIDAY, M. e HASAN, R. (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.
- HOFFMANN, Jussara. (1998) *Avaliação: Mito & Desafio, uma perspectiva construtivista*. 24ª ed. Porto Alegre: Ed. Mediação.
- HOFSTADTER, D. (1995b). "A Review of Mental Leaps: Analogy in Creative Thought." *AI Magazine*, 16.3. pp. 75-80.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- JAEGER, W. (1994) *Paidéia – A Formação do Homem Grego*. São Paulo, Martins Fontes.
- JENSEN, J. V. (1975) Metaphorical Constructs for the Problem-Solving Process. *Journal of Criative Behaviour*. New York: Criative Education Faudation, 9 (2).
- JOHNSON, M. (1980) "A Philosophical perspective on the problems of metaphor", in: HONECK, R.P. e HOFFMAN,R.R. (orgs.). *Cognitive and figurative language*. Hillsdale, NY: Lawrence Erlbaum Associates.
- \_\_\_\_\_. (1987) *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago, IL. University of Chicago Press.
- KOCH, I. V. (1997). *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto.

- \_\_\_\_\_ . (1989). *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_ . (2002) *Desvendando os Segredos do Texto*. São Paulo: Cortez Editora.
- KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L.C. (1990). *A Coerência Textual*. São Paulo: Contexto.
- KOCH, I. V. & MARCUSCHI, L. A. (1998). Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, 14: pp. 169-190. Número Especial.
- LANGACKER, R. (1987/1991). *Foundations of Cognitive Grammar*. vols. I e II, Stanford University Press.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980) *Metaphors We Live By*, Chicago: The University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_ . (1999) *Philosophy in the Flesh*. Nova Iorque: A Member of the Persus Books Group.
- LAKOFF, G. (1986). "A figure oh thought", in: *Metaphors and Symbolic activity*. 1 (3), pp. 215-225.
- \_\_\_\_\_ . (1987) *Woman, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal About The Mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_ . (1993). "Comtemporary theory of metaphor", in: ORTONY, A. (org.). *Metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 2<sup>a</sup> ed.
- \_\_\_\_\_ . (1990). "The Invariance Hypothesis: Is abstract reason based on image schemas?", in: *Cognitive Linguistics*, vol. 01, pp. 39-74.
- LAKOFF, G. e TURNER, M. (1989) *More than Cool Reason: A Field Guide to Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press.

- MARCUSCHI, L. A. (1998). *Aspectos lingüísticos, sociais e cognitivos na produção de sentido*. Texto apresentado por ocasião do GELNE, 2- 4 de setembro (mimeo).
- \_\_\_\_\_. (1999) *Cognição e Produção Textual: Processos de Referenciação*. Texto apresentado por ocasião da ABRALIN, 25-27 de fevereiro. (mimeo)
- \_\_\_\_\_. (2000). *O barco textual e suas âncoras*. Mimeografado.
- MEIRELES, C. (2002). *Vôo*. Em: *Coleção Melhores Poemas*. São Paulo: Global editora. 14<sup>a</sup> ed.
- MOSCA, L.L.S. (org.) (1997). *Retóricas do Ontem e do Hoje*. São Paulo, Humanitas.
- NEVES, M. H. M. (1997). *A Gramática Funcional*, São Paulo: Martins Fontes.
- *Oxford English Dictionary - Advanced Learners*. Oxford: Oxford University Press. (1989) 4<sup>a</sup> ed.
- PERELMAN, C. & TYTECA, L. (1996). *Tratado de Argumentação: A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- PERELMAN. (1997). *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes.
- PERLS, F. (1998). *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*, 2<sup>a</sup> ed., Rio: Livros Técnicos Científicos Editora S.A .
- PIRES, W. R. (1999). *Dos Reflexos à Reflexão*. Campinas: Ed. Komedi.
- PLATÃO, F. e FIORIN, J. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2001. 4<sup>a</sup> ed.

- QUINTANA, M. (2006). *Parábola*. Em: *Coleção Melhores Poemas*. São Paulo: Global editora. 17ª edição.
- ROCHA, G. (1981). *A revolução do cinema novo*. Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme.
- \_\_\_\_\_.(2007). Trecho de *A revolução do Cinema Novo*, disponível em: <http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Entrevistas/cinema.htm>.
- REBOUL, O. (2000). *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- REDDY, M. (1979) "The Conduit Metaphor", in: ORTONY,A. (org.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- STEEN, G. (1999). "From linguistic to conceptual metaphor in five steps", in: GIBBS, R. e STEEN,G. (orgs.) *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- STEEN, G. & GIBBS, R. (2002). Blending and Metaphor. In: *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins.
- SWEETSER, Eve. (1990) *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TURNER, M. (1987). *Death is the mother of beauty*. Chicago: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_. (1991). *Reading minds: the study of English in the age of cognitive science*. Princeton, N.Y.: Princeton University Press.
- \_\_\_\_\_. (1996) *The literary Mind*. Oxford: Oxford University Press.

- TURNER, M. (2001) *Cognitive Dimensions of Social Science: The Way We Think About Politics, Economics, Law and Society*. Oxford: Oxford University Press.
- TURNER, M. e GILLES F. (1995). "Conceptual Integration and Formal Expression". *Journal of Metaphor and Symbolic Activity*, volume 10, number 3, pp. 83-204.
- Van DIJK, T. A. (1977) *Text and Context*. London: Longman.
- Van DIJK, T. A. e KINTSCH, W. (1983). *Strategies in Discourse Comprehension*. New York, Academic Press.